



PROFHISTÓRIA

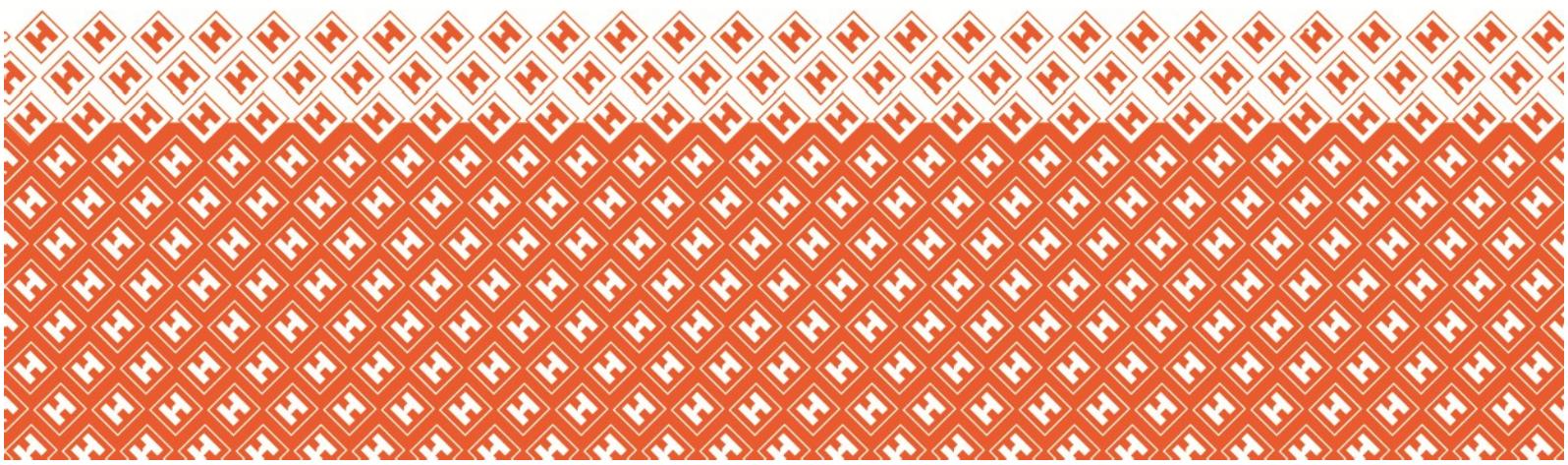
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MOISEIS EMERSON PEREIRA DA SILVA

**O USO DE JORNAIS NO ENSINO DE
HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA
DIDÁTICA SOBRE A HISTÓRIA
LOCAL DO GARIMPO DE SERRA
PELADA.**

XINGUARA/UNIFESSPA

2024



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA)
INSTITUTO DE ESTUDOS DO TROPICO UMIDO– IETU
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

**O USO DE JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA
DIDÁTICA SOBRE A HISTÓRIA LOCAL DO GARIMPO DE SERRA
PELADA.**

LINHA DE PESQUISA:
SABERES HISTÓRICOS NO ESPAÇO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) como requisito para obtenção do título de mestre, sob orientação do professor Dr. Carlo Guimarães Monti.

XINGUARA/ UNIFESSPA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus de Xinguara

S586u Silva, Moiseis Emerson Pereira da
O uso de jornais no ensino de história: uma experiência didática sobre a história local do garimpo de Serra Pelada / Moiseis Emerson Pereira da Silva. — 2024.
138 f.: il.

Orientador(a): Carlo Guimarães Monti.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História, Xinguara, 2024.

1. História - Estudo e ensino. 2. Didática (Ensino superior). 3. Jornais na educação. 4. Garimpo - História. 5. Ouro - Mina e mineração. 6. Serra Pelada (Curionópolis, PA) - História. I. Monti, Carlo Guimarães, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 981.098115

Elaborado por Maria José Pereira da Silva - CRB-2/1707

Moiseis Emerson Pereira da Silva

O USO DE JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA
SOBRE A HISTÓRIA LOCAL DO GARIMPO DE SERRA PELADA.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlo Guimarães Monti (Orientador)

Prof. Dr. Lelio Luiz Oliveira (USP)

Prof. Dr. André Carlos Furtado (UNIFESSPA)

Prof. Dr. Daniel Justi (UNIFESSPA-Suplente)

XINGUARA/ UNIFESSPA

2024



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 30 dias do mês de abril de dois mil e vinte e quatro, às 14 horas e 5 minutos, na sala virtual no endereço: meet.google.com/dtk-bvjy-uwe, constituiu-se a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado do discente Moiseis Emerson Pereira da Silva, matrícula 202244632011, composta pelo Professor Carlo Guimarães Monti (ProfHistória/Unifesspa), docente orientador e os membros convidados Professor André Carlos Furtado (ProfHistória/Unifesspa) como arguidor interno e o Professor Lélío Luiz de Oliveira (USP) como arguidor externo; sendo presidida pelo Docente Orientador da Dissertação. Aberta a sessão pública, o presidente da Banca Examinadora anunciou que a finalidade da reunião era a apresentação e julgamento da dissertação do respectivo discente, com o título: “O uso de jornais no ensino de história: uma experiência didática sobre a história local do garimpo de Serra Pelada” com o objetivo de atender às exigências para conclusão do Mestrado Profissional em Ensino de História da Unifesspa. Em seguida, foi concedida a palavra ao discente; posteriormente, aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolveram nos termos regimentais. Após reunião reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela Aprovação do referido trabalho. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a reunião, às 16 horas, da qual para constar, foi lavrada a presente ata que será assinada pelos senhores membros da comissão examinadora.

PARECER

A dissertação promove uma análise historiográfica pertinente e significativa, indica uma base teórica que possibilitou um pleno desenvolvimento da pesquisa. As fontes trabalhadas trouxeram peculiaridades que sustentaram o objetivo proposto, sem ser tendencioso.

**Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória)
Faculdade de História (FHT)
Instituto de Estudos do Trópico Úmido (Ietu)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)**

O trabalho trouxe um roteiro que foi desenvolvido com os alunos explorando a consciência histórica da turma trabalhada, com resultados significativos que denotam a percepção por parte dos alunos sobre a utilização dos documentos e seu modelo de trabalho pautado por um método analítico.

O que possibilitou o contato com os cadernos dos jornais que despertou um processo de reflexão mediado pelas sequências didáticas. Demonstra uma escolha de tema viável utilizando as propostas teóricas e metodológicas dentro de um recorte particular.

Foi indicado a importância da análise teórica que pode ser estendida para a historiografia nacional.

O exercício com as fontes demonstrou um exercício palpável com vestígios e acontecimentos.

Documento assinado digitalmente
 **CARLO GUIMARAES MONTI**
Data: 30/04/2024 17:03:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlo Guimarães Monti
Orientador (Profhistória/Unifesspa)

2

Documento assinado digitalmente
 **ANDRE CARLOS FURTADO**
Data: 30/04/2024 18:43:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Carlos Furtado
Examinador interno (Profhistória/Unifesspa)


Prof. Dr. Eélio Luiz de Oliveira
Examinador externo (Universidade de São Paulo)

[PÁGINA PARA CATALOGAÇÃO]

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força que me deu para superar todas as barreiras que surgiram no caminho.

A minha família por todo apoio ao longo dessa jornada. Obrigado por compreenderem minha ausência em momentos importantes para nós em função da escrita deste trabalho.

A minha esposa Rita, por abrir mão de momentos de lazer junto comigo quando necessário para o andamento dessa pesquisa, mas principalmente por estar ao meu lado em um dos momentos mais difíceis que já vivi, quando sofri um acidente de moto na estrada ao retornar de mais uma aula do mestrado, onde por pouco não morri.

Agradeço imensamente a todos os envolvidos em meu socorro: médicos do SAMU que fizeram minha remoção; enfermeiros e técnicos que me prestaram os primeiros socorros atestando fraturas e cuidando de escoriações; aos médicos que realizaram minha cirurgia e aos fisioterapeutas que cuidaram de minha reabilitação.

À coordenação da pós-graduação, na pessoa do Professor Bruno Silva, que foram grandes amigos ao longo do curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlo Guimarães Monti, pelo acompanhamento, orientação, leitura atenta, correções e paciência ao longo da pesquisa.

Aos professores que ministraram disciplinas ao longo o mestrado por toda ajuda dada.

Aos professores Doutores Heraldo Márcio Galvão Junior e Lelio Luiz Oliveira pelas contribuições a este trabalho durante a banca de qualificação e ao professor Dr. André Furtado por todas as colocações realizadas na defesa deste trabalho.

A turma do Profhistória de 2022, pela amizade, parceria e apoio ao longo do curso.

A Prefeitura Municipal de Parauapebas, por me afastar temporariamente de forma remunerada para esta pesquisa. Essa política é fundamental para que possamos ter no quadro municipal de servidores, professores mais qualificados para prestarem serviços com mais qualidade a nossos educandos.

Aos alunos da turma do 9º Ano B do ensino fundamental da Escola Municipal Juscelino Kubitschek, por terem abraçado nosso projeto. Essa dissertação só existe graças a vocês!

RESUMO

Neste trabalho, propomos analisar o uso de fontes históricas em sala de aula sobre o Garimpo de Serra Pelada, localizado na região sudeste do Pará, que funcionou entre os anos de 1980 a 1992. Nosso objetivo é compreender como o trabalho com jornais impressos pode contribuir para o aprimoramento do pensamento histórico dos estudantes em relação à história local. Para isso, utilizamos reportagens do *Jornal do Brasil* que retrataram o cotidiano e o funcionamento da atividade garimpeira. Metodologicamente, fundamentamos este trabalho no modelo de sequências didáticas proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly, culminando com a confecção de um jornal histórico escolar. O estudo foi realizado com estudantes do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Curionópolis no Estado do Pará. A pesquisa dialoga com referenciais teóricos que abordam o ensino de história, incluindo autores vinculados às discussões sobre educação histórica e história escolar, como Maria Auxiliadora Schmidt e Circe Bittencourt.

Palavras-Chave: Ensino de história; Sequência didática; Jornais em sala de aula; Serra Pelada.

ABSTRACT

In this work, we propose to analyse the use of historical sources in the classroom about the Serra Pelada gold mine, located in the south-eastern region of Pará and which operated between 1980 and 1992. Our aim is to understand how working with printed newspapers can contribute to improving students' historical thinking about local history. To do this, we used reports from the *Jornal do Brasil* that portrayed the daily life and workings of the mining activity. Methodologically, we based this work on the model of didactic sequences proposed by Dolz, Noverraz and Schneuwly, culminating in the a historical school newspaper. The study was carried out with the ninth year of primary school at a public school in Curionópolis-Pa. A research dialogues with theoretical references that deal with the teaching of history, including authors linked to discussions on history education and school history, such as Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt and Circe Bittencourt.

Keywords: History teaching; Teaching sequence; Newspapers in the classroom; Serra Pelada.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1-Capa do Livro “Serra Pelada: uma ferida aberta na Selva de Ricardo Kotscho”	23
Imagem 2-Painéis de Alfredo Jaar, expostos no metrô de Nova York na forma de cartazes com textos justapostos que indicavam a flutuação dos preços mundiais do ouro e as condições humanas de trabalho de quem extraia.	24
Imagem 3 - O repórter José Hamilton Ribeiro em Serra Pelada (1982).	31
Imagem 4 -Placa sobre o tronco de uma árvore derrubada que simbolizava o início da construção de um trecho da Transamazônica.	37
Imagem 5- Plano de registro de aulas dos professores/História/ Ensino Fundamental II/9º ano.	69
Imagem 6 - Relato da Aluna V.O.M. de 14 anos sobre seus conhecimentos sobre a exploração de ouro em Serra Pelada.	76
Imagem 7 - Estrutura de uma sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly.	86
Imagem 8 - Capa do Jornal Diário do Pará veiculado no dia 07/11/2023, e utilizado em nossa aula.	105
Imagem 9 - Jornal "Diário da Serra"	126
Imagem 10 - Jornal " Notícias da Serra"	127
Imagem 12 - Jornal "Serra Pelada Notícias (SPN)"	128
Imagem 13 - Jornal "JK em Destaque"	129

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sequência I.....	91
QUADRO 2 - Sequência I.....	94
QUADRO 3 - Sequência II	96
QUADRO 4 - Sequência II	100
QUADRO 5 - Sequência III	103
QUADRO 6 - Sequência III	107
QUADRO 7 - Sequência IV	109
QUADRO 8 - Sequência IV	113
QUADRO 9 - Sequência V	124

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular.
CEF	Caixa Econômica Federal
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos.
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce.
DOCEGEL	Rio Doce Mineração e Geologia.
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral.
ECT	Empresa de Correios e Telégrafos.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
PCdoB	Partido Comunista do Brasil.
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PIC's	Projetos Integrados de Colonização
PIN	Programa de Integração Nacional.
PFC	Projeto Ferro Carajás.
PGC	Projeto Grande Carajás.
PROFHISTÓRIA	Programa de mestrado profissional em ensino de história.
MEC	Ministério da Educação.
MF	Minério de Ferro.
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica.
SNI	Sistema Nacional de Informação.
SPEVEA	Superintendência para a Valorização Econômica da Amazônia.
SUCAM	Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento Econômico da Amazônia.
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.Garimpo de Serra Pelada: Uma Análise Histórica.	22
1.1 A Historiografia sobre o garimpo de Serra Pelada	22
1.2. O processo de ocupação do Sul e Sudeste do Estado do Pará (1945-1980)	34
1.3. Da Descoberta de Ouro na Fazenda Três Barras ao fechamento do garimpo.....	40
2.O uso do Jornal e seus usos pedagógicos como fonte para o ensino de história local em uma escola de Curionópolis-PA	52
2.1. A história local e o ensino de história	52
2.2. O Uso de Jornais como fonte para o ensino de história	57
2.3. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubistchek como <i>lócus</i> à pesquisa.....	64
3.O uso do jornal em sala de aula: prática pedagógica em uma escola pública do município de Curionópolis-PA.	79
3.1. Primeira Sequência Didática.	91
3.2. Segunda Sequência Didática	96
3.3. Terceira Sequência Didática	102
3.4. Quarta Sequência Didática	108
3.5. Quinta Sequência Didática	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	133

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi apresentada ao programa de mestrado profissional em ensino de história (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESPA) – *Campus Xinguara*, e descreve uma experiência de ensino em que desenvolvemos como produto pedagógico cinco sequências didáticas envolvendo o uso de jornais impressos como fonte para o aprendizado da história local do maior garimpo de ouro a céu aberto do mundo: Serra Pelada. O público-alvo foram alunos de uma turma do nono ano do Ensino Fundamental da escola Municipal Juscelino Kubitschek, pertencente a rede Municipal de Ensino do município de Curionópolis-PA, composta por trinta alunos, com idade média entre treze e quinze anos.

Este trabalho surge das reflexões que acumulei ao longo de 15 anos de experiência em sala de aula, diante das diversas questões que surgiram no meu dia a dia escolar. Essas reflexões me fizeram pensar sobre como conduzir minha prática pedagógica de forma mais significativa, considerando a realidade em que trabalho. Muitas vezes, essa realidade se caracteriza por um ambiente no qual tentamos evitar métodos de ensino que se limitam a simplesmente transmitir conteúdos programáticos, sem oferecer sentido ou significado para os alunos. Além disso, enfrentamos um novo perfil de estudantes, cada vez mais imersos no mundo digital, com acesso fácil a uma enorme quantidade de informações através de redes sociais e plataformas como o Google. Essas ferramentas se tornam fortes concorrentes pela atenção dos alunos.

Essa nova realidade que se põe diante dos educadores, nos convida a reflexão sobre o nosso fazer pedagógico, assim como, nos leva a buscar meios pelos quais o ensino de história deixe de ser um simples ato de decorar nomes, datas, causas e consequências de um determinado acontecimento histórico e passe a ser um conhecimento que leve o aluno a posição de protagonista em seu processo de aprendizado proporcionando uma reflexão crítica sobre a realidade vivida, sendo necessário que o ensino praticado nas escolas esteja atrelado as expectativas dos educandos enquanto cidadãos em processo de formação.

A exploração minerária, é a principal atividade econômica da região de Carajás, localizada no sudeste do Estado do Pará, merecendo destaque o Projeto Ferro Carajás (PFC), que está em funcionamento desde 1985. O Brasil possui a quinta maior reserva de minério de ferro (MF) do mundo, ficando atrás apenas de países como China e Austrália. As principais áreas de exploração no país, estão no Quadrilátero Ferrífero (MG) e na província mineral de Carajás (PA). Particularmente, a província mineral de Carajás é reconhecida como um dos maiores depósitos de minério de ferro do planeta, sendo que a região denominada de S11D,

situada no município de Canaã dos Carajás, detém a maior concentração de minério dentro das áreas exploradas (VALE, 2018).

Atualmente, o escoamento do MF de Carajás é realizado principalmente por transportes ferroviários, que são considerados os maiores do mundo, com cerca de 330 vagões e 3 locomotivas. Essa operação cobre uma distância de aproximadamente 993 km, ligando o município minerador de Canaã dos Carajás (PA) ao porto de Itaqui em São Luís (MA). As locomotivas atravessam várias cidades do estado do Pará e Maranhão, mas além do ferro, outros minérios também são extraídos da região, tais como cobre, bauxita, manganês e níquel o que torna a região atrativa para pessoas em busca de oportunidades de trabalho (FILHO & OLIVEIRA, 2020).

A exploração minerária em larga escala por empresas mineradoras multinacionais como a Vale, iniciou na década de 1980, contudo na década anterior, foram criados grandes projetos de ocupação e colonização da região por meio do Programa de Integração Nacional (PIN).

Durante a ditadura militar, a Amazônia era vista pelas autoridades governamentais como uma região pouco povoada e a última fronteira a ser ocupada no país. Enquanto isso, a região Nordeste passava por grandes problemas relacionados a fome devido as fortes secas da época. Com o lema “integrar para não entregar” é criado um grande projeto para atrair imigrantes à região, sendo construídas estradas (dentre elas a Transamazônica ligando o Nordeste a região Norte) e ao longo de suas margens, a distribuição de lotes de terras para o plantio de alimentos, tentado ao mesmo tempo resolver o problema do “vazio” da Amazônia e da seca no Nordeste. Contudo não somente nordestinos vieram à região; grupos empresariais passaram a se instalarem e pessoas de outros Estados também vieram em busca de oportunidades, dentre eles, um personagem central nesse processo (MOURA, 2008).

No início de 1980, Genésio Ferreira da Silva, mineiro de Patos de Minas, comprou uma propriedade de um posseiro com o intuito de cultivar a Castanha-do-Pará, produto muito valorizado na pauta de exportação e produzido em grande escala no sudeste paraense. Em mais um dia duro de trabalho na lavoura, encontrou uma pepita de ouro às margens de um córrego que passava dentro de sua fazenda situada na zona rural da cidade de Marabá, município que a época sofria com sérios problemas causados pelas enchentes que anualmente ocorrem na região devido as cheias dos rios Itacaúnas e Tocantins. Ao levar o material à sede do município, e constatar que realmente tratava-se de ouro, tratou de conseguir braços para a atividade garimpeira. A notícia rapidamente espalhou-se e em poucos dias já haviam centenas de trabalhadores garimpando em sua propriedade que em menos de um mês, havia tornado-se

milhares até chegarem a um quantitativo aproximado de 80 mil trabalhadores em busca do sonho de riqueza no auge do garimpo no ano de 1982 (MOURA, 2008).

O garimpo de Serra Pelada foi uma explosão de muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo: descoberta de ouro; imigração em massa de diversas partes do país; conflitos pelos direitos de exploração da lavra envolvendo diversos atores; cenário de uma intervenção militar nos últimos anos da ditadura; espaço de diversas disputas, inclusive políticas.

Apesar de existirem muitas informações disponíveis sobre o garimpo e seu impacto na região e no país durante seu funcionamento entre 1980 e 1992, ficamos surpresos ao perceber que os alunos que moram em um município que surgiu como resultado dessas transformações, não estarem familiarizados com esse aspecto da história local.

Observamos essa lacuna durante as celebrações do aniversário da cidade de Curionópolis, quando a Secretaria de Educação organiza anualmente uma gincana escolar municipal que envolve todas as escolas da rede para celebrar o surgimento da cidade, ficando a cargo dos professores de história a responsabilidade de ensinar aspectos históricos da cidade para uma competição de “perguntas e respostas.” Ao iniciar essa tarefa, percebemos, por meio de perguntas simples, que muitos alunos apresentavam um conhecimento limitado sobre o processo de formação da cidade, apesar de uma parte considerável já ter participado da atividade em anos anteriores.

Essa observação suscita uma questão relevante sobre a eficácia das abordagens de ensino de história local nas escolas de Curionópolis. Parece que, até o momento, as estratégias empregadas não têm sido capazes de proporcionar aos alunos um conhecimento histórico sólido sobre a história do município. Diante do quadro apresentado, nos surge uma problemática: como podemos tornar o ensino de história local a respeito do garimpo de Serra Pelada atrativo para os alunos do ensino fundamental e atribuir sentido e significado ao que aprendem? Diante de tantas possibilidades de respostas, recorreremos ao uso de fontes históricas em sala, em especial o jornal, como meio para alcançarmos essa resposta.

Um traço fundamental da historiografia do século XIX, foi o uso de documentos tidos como oficiais como verdades incontestáveis e irrefutáveis do passado, cabendo ao historiador reproduzir as informações coletadas da mesma forma como estavam registradas, sem necessariamente fazerem uma análise crítica sobre eles. Essa forma de se fazer história, ficou conhecida como escola positivista.

A partir do surgimento da escola francesa do *Annales* a partir da década de 1930, e mais especificamente de sua terceira geração na década de 1970, passaram a serem propostos e discutidos novos objetos, problemas e abordagens nas pesquisas dos historiadores. Passava-se

a dialogar com outras áreas das Ciências Humanas, como Sociologia, Psicanálise, Antropologia, Linguística e Semiótica. Isso não só promoveu a interdisciplinaridade, mas também levantou questões sobre os limites da própria disciplina histórica, que tornaram-se cada vez mais difíceis de definir (LUCA, 2008).

Essas novas possibilidades de análises de documentos e ampliação do campo de pesquisa dos historiadores, acabou reverberando no ensino da disciplina praticado nas escolas. Renilson Ribeiro (2015), aponta que no Brasil, as discussões sobre o ensino de história foram aprofundadas no século XX, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, após o período da ditadura. Durante esse tempo, houve uma preocupação constante em enfatizar a importância de formar alunos com pensamento crítico e autonomia intelectual e o uso de fontes históricas, conectadas com as experiências de vida dos educandos tornar-se-ia nesse contexto uma ferramenta fundamental dentro desse processo.

Em relação ao uso de fontes em sala de aula, o jornal não é necessariamente algo novo em relação ao ensino de história, contudo é um tipo de documento que gera diversas possibilidades, como apontado por Circe Bittencourt:

As possibilidades de utilizar jornais como fontes históricas são múltiplas: a análise dos conteúdos das notícias (políticas, econômicas, culturais etc), da forma pela qual são apresentadas as notícias, as propagandas, os anúncios, as fotografias etc. e de como esse conjunto de informações está distribuído nas diversas partes do jornal, entre outros (BITTENCOURT, 2009, p. 335).

Assim, o uso de jornais como fontes históricas é uma ferramenta em potencial para o ensino que possibilita aos professores explorar uma vasta gama de aspectos da sociedade e da cultura de determinada época. Ao analisar não apenas o conteúdo das notícias, mas também os diferentes elementos presentes no jornal, é viável alcançar uma compreensão mais profunda e abrangente do contexto histórico em questão. Isso, por sua vez, proporciona aos educandos uma reflexão mais crítica sobre diversos aspectos de sua vida cotidiana.

Do ponto de vista teórico, que aborda noções de história local, temos como referência a perspectiva de José D'Assunção Barros que vê nessa modalidade de estudo, a possibilidade de articular o local e o global na compreensão de questões culturais, econômicas, sociais e políticas das mais diversas sociedades (BARROS, 2007), afinal, há tempos, a historiografia vem considerando que as realidades moldadas pela ação humana no espaço e no tempo não devem ser analisadas apenas sob uma perspectiva global, mas também devem levar em conta suas particularidades e singularidades evidenciadas em seu micro espaço.

Essa perspectiva surge a partir dos estudos de Pierre Goubert, que em seu renomado artigo publicado originalmente em *Historical Studies Today* (1972), intitulado "A História Local", onde aborda a pesquisa histórica, focalizando a história local como objeto de discussão principal. Neste artigo, o historiador francês caracteriza a história local como:

[...] aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um *county* inglês, um condado italiano, uma *Land* alemã, uma *bailiwick* ou *pays* francês) (GOUBERT, 1972, p. 01).

Assim sendo, a História Local não se contrapõe à história global ou à "macro-história". Seu enfoque simplesmente delimita um tema específico, marcado por particularidades históricas, culturais, políticas, entre outras, frequentemente obscurecidas por generalizações mais abrangentes. O grande valor da história local reside, principalmente, em seu diálogo frutífero com a história global, uma vez que:

[...] não existe [...] hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. [...] o que o ponto de vista microhistórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrosociais: é uma versão diferente. (REVEL, 1998, p. 16).

De maneira mais conceitual, Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo após fazer um balanço historiográfico da produção sobre o tema, define história local:

[...] como uma modalidade de estudos históricos que, ao operar em diferentes escalas de análises, contribui para a construção de processos interpretativos sobre as diferentes formas de como os atores sociais se constituem historicamente. Ou seja, interessa-se pelos modos de viver, coletivos e individuais, dos sujeitos e grupos sociais situados em espaços que são coletivamente construídos e representados (TOLEDO, 2010, p. 751).

Do ponto de vista da relação entre a história local, o ensino de história e a legislação educacional brasileira, baseamos nossa análise partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os PCN's (1996) para a disciplina de História são divididos em duas partes. A primeira parte abrange características, princípios, conceitos e algumas concepções curriculares para o ensino de história, além de objetivos gerais, critérios de seleção e organização de conteúdos por área.

Já na segunda parte, encontram-se propostas de ensino e aprendizagem para o primeiro e segundo segmentos do ensino fundamental, os quais são divididos em quatro ciclos, contendo

objetivos, critérios de avaliação e orientações didáticas para a prática da pesquisa escolar, uso de diversos materiais didáticos e documentos, bem como sugestões para atividades extraclasse.

No ensino fundamental, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996, p. 17), em seu Artigo 22, estabelece que "a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" (Lei nº 9.394/96). Esta lei reforça a importância de um ensino de História que promova o senso crítico de seus alunos.

Os documentos também partem do pressuposto de que o aluno é capaz de compreender a realidade em sua diversidade e em múltiplas dimensões temporais. Destacam os compromissos e atitudes de indivíduos, grupos e povos na construção e reconstrução das sociedades, propondo questões locais e regionais. Além disso, enfatizam a importância dos sujeitos históricos, com o objetivo de valorizar o papel de cada um na construção da história coletiva, permitindo que a memória seja um instrumento para esta construção. Os sujeitos históricos são definidos como agentes de ação social, incluindo indivíduos, grupos ou classes sociais.

Maria Toledo aponta que existe um consenso, entre os pesquisadores do ensino, de que

O trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidades e identidade" (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p. 113) e pode possibilitar a compreensão do "[...] entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente" (BITTENCOURT, 2004, p. 68).

Dentre as fontes que podem ser utilizadas para alcançarmos esses objetivos, optamos pelo uso de jornais impressos, como um meio de aproximar o ensino de história da realidade vivida pelos alunos de Curionópolis, por entendemos que esse tipo de documento possibilita um grande leque de possibilidades e formas de abordagens. Para Daniel Pereira Augusto Marcílio, o uso de jornais em sala, apresentam-se como um meio potencial para o ensino:

Nas aulas de história, documentos produzidos pela imprensa podem ser interessantes recursos didáticos. Afinal, fontes como os jornais permitem múltiplas formas de abordagem, levando à reflexão sobre diversos aspectos teóricos e metodológicos de uma proposta educacional. Uma reportagem, uma fotografia, charge ou texto de opinião trazem elementos ricos para desenvolver uma estratégia pedagógica, indo além de uma simples ilustração das temáticas que estão sendo abordadas (MARCILIO, 2022, p. 02).

Após analisar as diferentes perspectivas sobre o uso de jornais como fontes históricas no ensino de história, fica evidente a importância e o potencial desses documentos para enriquecer o processo educacional. Tanto Daniel Marcílio quanto Circe Bittencourt destacam a variedade de abordagens e reflexões que os jornais podem proporcionar aos alunos, indo além de uma mera ilustração das temáticas estudadas.

Ao adotar jornais impressos como recurso didático, os professores têm a oportunidade de aproximar o ensino de história da realidade vivida pelos alunos, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada dos eventos históricos. A análise dos conteúdos das notícias, das fotografias, das propagandas e da organização do jornal oferece uma visão detalhada das diferentes dimensões da sociedade, política, economia e cultura em determinado período. Nesse sentido, a utilização de jornais como fontes históricas não apenas enriquece o processo de ensino e aprendizagem, mas também estimula o pensamento crítico dos alunos, incentivando-os a questionar, interpretar e contextualizar as informações apresentadas.

Utilizamos como fonte em nossa pesquisa e no desenvolvimento do produto educacional, reportagens do *Jornal do Brasil* veiculadas no ano de 1980, que buscaram cobrir os eventos ocorridos em Serra Pelada, dentre eles o início da atividade garimpeira e aspectos de seu cotidiano. A escolha por esse periódico não seria nossa primeira opção, pois pretendíamos num primeiro momento fazer o uso de impressos que fosse produzidos e que circulassem no Pará, contudo o jornal *Diário do Pará* só começa a ser produzido em 1982, em meio ao processo de redemocratização do país e a uma intensa campanha política, sendo que as poucas informações que trazia sobre Serra Pelada, eram críticas ao então candidato a deputado federal Major Curió, uma vez que o proprietário do jornal (Laércio Barbalho) era do grupo político de oposição.

Outra opção, seria o jornal *O Liberal*, mais antigo em circulação que o *Diário*, contudo as edições que constam na plataforma pesquisada datam de 1989, momento em que o garimpo já estava fechado, levando-nos a optar pelo *Jornal do Brasil* não só pela quantidade de ocorrências quando se busca pelo termo “serra pelada” como também pela legibilidade dos documentos, uma vez que iríamos utilizá-los em uma turma de ensino fundamental. As edições que utilizamos, estão disponíveis no site da hemeroteca digital brasileira¹, e ao fazermos a busca especificamente pelo termo “serra pelada” é um dos periódicos com mais recorrências sobre nosso objeto de estudo, dando uma grande cobertura aos eventos que aconteceram a época.

¹ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 15/02/2023.

Evidentemente ao longo do desenvolvimento de nosso trabalho, utilizamos outras fontes como fotografias, reportagens jornalísticas impressas e televisionadas que vieram a enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, assim como ampliar o contato dos alunos com variados documentos, afinal a diversificação das fontes históricas contribui para dinamizar as práticas de ensino e aprendizagem, proporcionando aos alunos uma abordagem mais dinâmica e envolvente do conteúdo. Além disso, o uso de múltiplas fontes auxilia na aproximação da realidade do aluno, permitindo a discussão e o debate de diferentes perspectivas (MONTI, 2019).

No planejamento e desenvolvimento das sequências didáticas, utilizaremos os conceitos de Dolz, Noverraz e Schneuwly, que entendem por sequência didática “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96). De acordo com os autores, sua finalidade é:

[...] de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou a faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos e sobre gêneros públicos e não privados (...) (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.97).

Os autores propõem ainda, uma estrutura para a construção de uma sequência didática composta dividida em quatro momentos;

1. Apresentação da situação: descrição detalhada da tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos realizarão;

2. Produção inicial: elaboração de um primeiro texto inicial (oral ou escrito) correspondente ao gênero trabalhado;

3. Módulos: atividades e/ou exercícios que dão os instrumentos necessários para o domínio do gênero em questão;

4. Produção final: o aluno poderá colocar em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados.

Partindo dessa perspectiva, iniciamos a aplicação das sequências fazendo a apresentação das atividades que seriam desenvolvidas ao longo do desenvolvimento do projeto. A partir daí, tivemos como produção inicial uma conversa em sala para compreendermos quais os conhecimentos prévios que os alunos traziam a respeito da exploração de ouro em Serra Pelada. A partir do diagnóstico, desenvolvemos cinco sequências com temáticas diferentes, mas que ao

longo do processo dialogaram entre si, tendo como produção final a confecção de um jornal histórico escolar sobre a exploração de ouro em Serra Pelada e seus principais aspectos.

Quando o aluno é colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem, torna-se o protagonista de sua própria jornada educacional. Isso significa que o ensino não se limita mais a somente transmitir conhecimento de forma passiva, mas sim criar oportunidades para que os alunos se envolvam ativamente na construção do seu próprio conhecimento. Ao invés de apenas receberem informações, os alunos são desafiados a pensar criticamente, resolver problemas e aplicar conceitos em contextos do mundo real. Como bem observaram Fabio Villela e Ana Archangelo:

O ensino significativo caracteriza-se como aquele que se ajusta às necessidades cognitivas e afetivas do aluno, promovendo, por meio do próprio conhecimento, o bem-estar discente, representado pelo seu acolhimento, reconhecimento e sentimento de pertença, o qual, em oposição à aprendizagem mecânica e desfragmentada, proporciona ao jovem o contato com uma aprendizagem significativa, que desperta e impulsiona a curiosidade em conhecer o mundo, bem como desafia e favorece o seu desenvolvimento pessoal e intelectual. (VILLELA; ARCHANGELO, 2013, p. 70).

Podemos perceber que é fundamental dentro do processo de ensino-aprendizagem, que o reconhecimento do que aprende e o sentimento de pertença, são elementos fundamentais para que se tenha êxito naquilo que se pretende ensinar. Dessa forma tivemos como objetivo central desse trabalho, a criação de um meio pelo qual a história do garimpo de Serra Pelada se aproximasse da realidade vivida pelos nossos alunos, utilizando para isso a metodologia proposta pelas sequências didáticas e como fonte principal (mas não única) os jornais impressos.

No primeiro capítulo, fizemos um balanço da produção historiográfica sobre a temática de Serra Pelada, buscando dialogar com o processo de ocupação da região sul e sudeste do Pará e de que maneira esse processo desembocará no surgimento do garimpo e seus desdobramentos, desde seu surgimento em 1980, ao seu fechamento oficial em 1989.

No segundo capítulo, apresentamos nossas escolhas teóricas em relação a história local, ensino de história e o uso de jornais como fontes para o ensino de história. Fecharemos fazendo uma análise sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitschek, na qual atuamos como professor de história efetivo desde 2016, e que serviu como lócus de pesquisa a esse trabalho. Traremos para o estudo dados estatísticos, e parte de nossa metodologia de trabalho.

No terceiro e último capítulo, reforçaremos alguns pontos teóricos e apresentaremos a execução das sequências didáticas, seus desdobramentos, e os resultados obtidos ao longo do processo sobre o uso de jornais e, por fim, a produção final de nossos alunos, mostrando assim nossa prática pedagógica e “chão de sala de aula.”

Esta dissertação propõe-se a apresentar uma abordagem para o ensino de conteúdos históricos que visa promover efetivamente o desenvolvimento do pensamento histórico dos alunos. O objetivo é criar um ambiente favorável para a incorporação das fontes periódicas impressas às aulas de história, oferecendo-as como um recurso didático adicional para os professores utilizarem no ensino. Além disso, busca-se familiarizar os estudantes com os elementos que compõem os jornais impressos, demonstrando-lhes que é possível narrar histórias a partir desses documentos.

CAPÍTULO I

1. Garimpo de Serra Pelada: Uma Análise Histórica.

Neste capítulo, apresentaremos um balanço historiográfico a respeito das produções sobre Serra Pelada, desde produções jornalísticas, passando por autores acadêmicos, reportagens televisionadas, produções fotográficas etc. Além desse balanço, iremos analisar de que maneira a região Sul e Sudeste do Pará passou a ser vista por autoridades governamentais e quais políticas foram criadas para seu processo de ocupação e colonização desembocando em 1980, na descoberta do garimpo de Serra Pelada que surge como uma válvula de escape para diversos problemas que o Brasil e a região vinham sofrendo.

1.1 A Historiografia sobre o garimpo de Serra Pelada

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico da pesquisa, nos deparamos com uma certa limitação no campo das ciências humanas de trabalhos sobre Serra Pelada, percepção esta que é compartilhada por autores que publicaram trabalhos mais recentes sobre a temática, tais como Simone de Oliveira Peres (2022) que debruçou-se sobre as representações sobre Serra Pelada enquanto um novo Eldorado, e Marcos Túlio Borowski Lavarda (2017), que buscou através das fotografias de Sebastião Salgado, analisar a construção da ideia de “formigueiro humano” sobre as condições de trabalho dos garimpeiros e as formas pelas quais extraía-se ouro da cava.

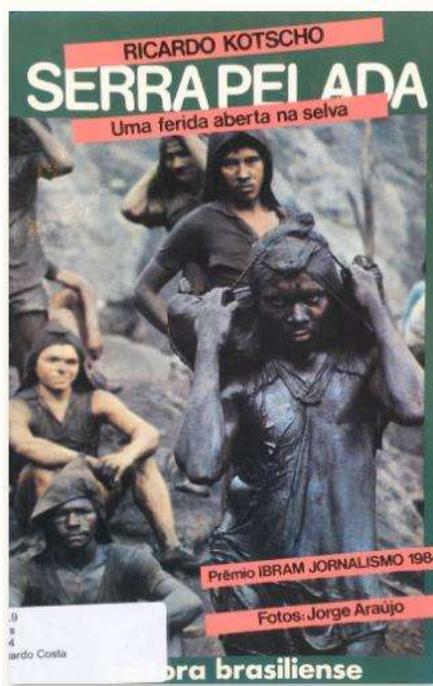
Além desse aspecto, ainda há que ser levado em conta o fato dos trabalhos disponíveis nas principais plataformas acadêmicas pesquisadas, tais como o banco de Teses e dissertações da Capes, Educapes e Google acadêmico, mostrarem trabalhos em diversas áreas, tais como a geologia, linguística, comunicação social, artes, economia e cultura e apenas uma dissertação em história do marabaense Salvador Tavares de Moura, ainda de 2008, chegando à conclusão que ainda há muito o que ser pesquisado em nosso campo de atuação sobre a temática abordada.

Por isso que uma parte desse capítulo é baseado no levantamento bibliográfico realizado por Salvador Tavares de Moura até 2008, como também uma ampla pesquisa para embasarmos nosso trabalho a partir da produção historiográfica com base nas produções mais recentes.

Entre os primeiros livros publicados sobre o assunto, destaca-se *Uma ferida aberta na Selva*, lançado em 1984 pelo jornalista Ricardo Kotscho, reunindo uma série de reportagens autorais que retrataram suas visitas ao garimpo (KOTSCHO, 1984). O autor já ganhou quatro prêmios *Esso* de jornalismo, considerado um dos mais importantes do Brasil dentro da categoria, e com o livro citado, ganhou no mesmo ano de lançamento o prêmio IBRAM de

jornalismo. Em uma entrevista realizada em 2013, para o documentário *Serra Pelada: a lenda da montanha de Ouro*, produzido pelo diretor Victor Lopes, o jornalista confidencia que trabalhava para o jornal *Folha de São Paulo*, na sucursal de Brasília quando fora designado para ir até o local que todos estavam falando, mas que se tinha poucas informações.

Imagem 1-Capa do Livro “Serra Pelada: uma ferida aberta na Selva de Ricardo Kotscho”



Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/1329201/>

Segundo ele, geralmente quando o profissional vai a determinado lugar fazer seu trabalho, colhe algumas informações antes, mas em seu caso não havia nada ainda produzido sobre lá. Ele foi um dos primeiros repórteres com autorização a entrar no local que era extremamente controlado pela polícia e forças do exército.

O livro, fruto de sua observação, insere-se no gênero de foto jornalismo e buscou mostrar ao Brasil, como na selva amazônica desenvolveu-se um dos maiores garimpos de ouro a céu aberto do mundo. Suas fotografias circularam por diversos jornais e ajudaram a construir a ideia de “formigueiro humano” devido a quantidade de trabalhadores e forma de trabalho que era empregada no garimpo.

Em 1985, Alfredo Jaar lançou a série fotográfica "Oro en la mañana" após visitar o garimpo de Serra Pelada, que estava em plena atividade na época. As imagens da série denunciavam as condições precárias de trabalho e de vida dos mineradores de ouro, inaugurando um tema que seria amplamente explorado por Sebastião Salgado posteriormente.

A série foi apresentada na seção Aperto da Bienal de Veneza de 1986 em cinco painéis de grandes dimensões e também nas plataformas do metrô de Nova York, onde apareceram como cartazes com textos justapostos que indicavam a flutuação dos preços mundiais do ouro (COUTO, 2021, p. 597).

Imagem 2-Painéis de Alfredo Jaar, expostos no metrô de Nova York na forma de cartazes com textos justapostos que indicavam a flutuação dos preços mundiais do ouro e as condições humanas de trabalho de quem extraia.



Fonte: (Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Alfredo-Jaar-Esta-fotografia-de-su-autoria-corresponde-a-la-obra-Mineros-de_fig1_277926532). (Consultado em 25/10/2023).

Outra contribuição no campo fotográfico muito importante são os livros de Sebastião Salgado. Premiado e com trabalho reconhecido internacionalmente, já fez fotografias em mais de 130 países, iniciando sua carreira em 1973, com quase 30 anos. Na década de 1980, desenvolvia um trabalho que tinha como objetivo registrar o “fim” do trabalho manual em larga escala em função da revolução industrial e o advento da máquina enquanto meio de produção, e queria começar essa empreitada por Serra Pelada. Pouco antes do período em que fez suas fotografias, residia fora do Brasil por se opor a ditadura militar. Solicitou autorização para entrar, mas só fora autorizado seis anos após o pedido em 1986, quando o garimpo já era administrado pelas cooperativas.

Segundo seu depoimento ao documentário *Serra Pelada: a lenda da montanha de Ouro*, passou quatro semanas registrando cenas do cotidiano do trabalho e vida à margem da cava, e dentre diversos elementos, o que mais chamou sua atenção foram os conflitos no local, que eram constantes. Seu trabalho deu origem a dois livros fotográficos; o primeiro deles lançado em 1996, *Trabalhadores: uma arqueologia da Era Industrial* que foi seu primeiro trabalho com

as fotografias produzidas no local e em 2019, lançou o livro *Gold*, com as já consagradas fotos que circularam o mundo e mais 31 inéditas. Esse último virou uma exposição que iniciou em São Paulo e passou por outros países como Estocolmo, Londres, Fuenlabrada e Tallin.²

O trabalho de Sebastião Salgado, embora não tenha sido inédito no gênero, foi de certo modo fundamental à construção da imagem de Serra Pelada no auge do garimpo como um “formigueiro humano”. Segundo Lavrada, a primeira vez em que o termo fora utilizado como metáfora para descrever os trabalhadores, foi em uma reportagem exibida no Jornal Nacional em 07 de maio de 1980, realizada pelo repórter Pedro Rogério, que assim inicia sua matéria: “Nossa viagem começa em Marabá. São 25 minutos de voo. Quem olha para baixo, só vê a imensidão da Amazônia. Ali no meio, o garimpo de serra Pelada. Parece um *formigueiro*. É tanta gente que as cabanas entram pela mata.” (LAVRADA, 2017.)

Suas fotografias em preto e branco mostram os trabalhadores subindo e descendo longas escadas batizadas de “*adeus mamãe*” pelo risco que ofereciam e os constantes acidentes que ceifaram a vida de vários garimpeiros, além de registros feitos por diversas perspectivas que tiveram como elemento central mostrar o cotidiano da vida no garimpo.

Entre as obras que têm o garimpo como objeto de pesquisa, o trabalho de Afonso Henriques Borges Ferreira destaca os garimpos de ouro no Brasil e sua importância na Amazônia enquanto fonte de renda e de emprego para a região. O autor, a partir da perspectiva econômica, centra seu estudo em áreas garimpeiras nas cidades de São Félix do Xingu e Tucumã, no sul do Pará, analisa fluxos de população que se deslocam para a região e o processo pelo qual diferentes trabalhadores de atividade rurais se convertem em garimpeiros. Discute, ainda, as formas de organização da produção e as mudanças técnicas adotadas nos anos 80, semelhantes a muitas encontradas em Serra Pelada e em todas as regiões marcadas por garimpos de exploração de ouro de aluvião e por políticas do governo federal para os garimpos. (FERREIRA, 1988).

Lívia Barbosa, no artigo *Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas*, publicado em 1991, discute o garimpo, o garimpeiro e sua legitimidade histórica frente à exploração dos recursos minerais, opondo-os as sociedades indígenas, ao meio ambiente e às empresas mineradoras. A autora, referindo-se aos garimpos de ouro nos rios da Amazônia, discute os impactos do uso do mercúrio no meio ambiente e as implicações desse problema nos discursos de ambientalistas e das lideranças garimpeiras. Por outro lado, questiona do ponto de vista técnico e ambiental, o pouco espaço dado pelos ambientalistas aos problemas causados

² Disponível em: <https://www.culturagenial.com/fotos-sebastiao-salgado/>. Acesso em 23/05/2023.

pelo assoreamento dos rios, percebendo nessa postura a forma generalizante, e mesmo o desconhecimento, com que os ambientalistas tratam o garimpo (BARBOSA, 1991).

Riqueza Volátil de Armin Mathis, aborda os garimpos da região do Tapajós na década de 1990 como objetos de análise para questionar os dois modelos existentes de exploração de ouro na Amazônia: a garimpagem e a mineração industrial. O autor reflete sobre a viabilidade do modelo industrial como solução para os problemas decorrentes da garimpagem: a poluição ambiental e degradação humana. Questiona, ainda, esse modelo e sua integração como forma de desenvolvimento sustentável para a Amazônia (MATHIS, 1997).

Outro importante trabalho também do mesmo autor foi o artigo intitulado *Serra Pelada* de 1995, em que analisa o começo da exploração de ouro no local, o surgimento dos primeiros embates entre as mineradoras, o Estado e os garimpeiros. Ele faz um breve levantamento sobre a política aurífera na década de 1970/80 explicitando de que forma o Estado atuava em relação aos garimpos existentes no país, fazendo levantamentos, distribuindo documentos e fiscalizando, ainda que precariamente seu funcionamento.

Após essa etapa, ele contribui com uma análise específica de Serra Pelada no que tange a seu funcionamento, corpo de trabalhadores, relações de trabalho, divisão do trabalho, risco financeiro de se investir na mina, os problemas sazonais enfrentados tais como as fortes chuvas do chamado “inverno amazônico” (período entre outubro e maio em que as chuvas intensificam-se na região), os conflitos entre empresas e garimpeiros pelo controle da mina e o aparecimento de Cooperativas como “representantes” dos garimpeiros e por fim os custos sociais e ecológicos da exploração. É um artigo muito citado em trabalhos posteriores por sua riqueza de detalhes e narrativas sobre o próprio cotidiano das relações de trabalho no garimpo, em que de maneira clara e objetiva explicita o funcionamento dessa engrenagem humana.

Buscando fazer uma análise econômica, a dissertação de mestrado em economia *Os “bamburrados” do Tapajós* de Elizete dos Santos Gaspar, defendida ainda em 1990, buscou abordar especificamente um garimpo que existia desde 1942, no município de Itaituba-PA que a época da confecção do trabalho nunca havia sido importunado, e em muito se assemelhava ao de Serra Pelada pelas precárias condições de vida as quais os trabalhadores estavam submetidos, como também pela existência de uma grande pobreza na qual os garimpeiros viviam.

Dois outros trabalhos relevantes publicados em 1995, são os de Armi Mathis (1995), que aborda Serra Pelada, apresentando os aspectos sociais e ambientais da atividade garimpeira, principalmente o potencial produtivo e econômico gerados pela extração do minério, além de um conjunto de questões legislativas. O outro é o de Maurílio Monteiro (1995), que focou,

especialmente, na relação comercial entre as empresas mineradoras e os garimpeiros da região, contextualizando o ambiente político, institucional e econômico que permeavam os conflitos.

No ano de 2008, foi defendida a dissertação de mestrado de Salvador Tavares de Moura pela PUC, de São Paulo. Sua pesquisa visa discutir as relações de trabalho e as condições de vida dos trabalhadores do garimpo de Serra Pelada no sudeste do Pará a partir de diversas memórias, alimentada pela imprensa, pesquisadores e garimpeiros. Partindo das vivências dos trabalhadores, buscou compreender sua relação com o poder instituído e com os diferentes garimpeiros. Essa reflexão possibilitou questionar o passado e confrontar as diferentes memórias com as práticas autoritárias do regime militar para a administração do garimpo no início da década de 1980.

Dividida em três capítulos, busca num primeiro momento fazer um levantamento historiográfico sobre pesquisas relacionadas a garimpos no sul e sudeste do Pará assim como especificamente sobre o que fora produzido sobre Serra Pelada. Destaca a chegada do “Major Curió” ao local e a implantação de sua política de militarização do garimpo. No capítulo seguinte busca explicitar o cotidiano e rotina de trabalho; sua estrutura, organização social divisão de tarefas, e alguns aspectos de como a intervenção militar afetou o dia a dia dos trabalhadores.

Além disso, deu-se voz as memórias de ex-garimpeiros através de entrevistas realizadas com quem viveu à beira da cava onde teve a oportunidade de ouvir e registrar as histórias do auge da exploração aurífera contadas por essas pessoas, e por fim explicita os conflitos e tensões que ainda existem entre garimpeiros, companhias mineradoras e governo por direitos sociais ligados a terra que os trabalhadores alegam ter (MOURA, 2008).

Consideramos do ponto de vista historiográfico a pesquisa anterior muito importante, pois até agora é um dos poucos trabalhos na área de história que debruçou-se sobre Serra Pelada, pois os demais, como veremos, são de outras áreas do conhecimento científico ou sobre outras temáticas desta região do Estado do Pará.

Marcus Túlio Borowski Lavarda, em sua tese em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), defendida em 2017, fez uma análise das imagens fotográficas produzidas por Sebastião Salgado em Serra Pelada a partir da ótica barthesiana na construção do lugar como um “formigueiro humano.” Utiliza-se como fontes para seu trabalho além das fotografias de Salgado, reportagens e fotos produzidas em diversos jornais de circulação nacional, revistas, matérias que foram ao ar ao longo do tempo, produções cinematográficas, trabalhos acadêmicos etc.

Já em seu primeiro capítulo, faz uma abordagem de trabalhos como o de Ricardo Kotscho e Salvador Moura sobre o funcionamento de Serra Pelada, utilizando esses dois autores como basilares para se entender o contexto histórico do surgimento de garimpos na região até seu fechamento em 1992, no governo Collor além do trabalho de outros fotógrafos como Juca Martins, André Dusek entre outros contribuindo de maneira geral para o apontamento de fontes de pesquisa e a relação da fotografia com a construção de mitos sobre a garimpagem (LAVARDA, 2017).

No livro "Encurralados na ponte: o massacre dos garimpeiros de Serra Pelada", publicado em 2019, Paulo Roberto Ferreira narra, com base em fontes jornalísticas, os casos de violência e assassinatos praticados por policiais do Estado do Pará contra os garimpeiros. A obra descreve o episódio ocorrido em 29 de dezembro de 1987, na ponte rodoferroviária de Marabá, onde mais de 50 garimpeiros foram fuzilados ou forçados a pular de uma altura de quase 80 metros (FERREIRA, 2019).

Ana Paula Silva Câmara em 2021, em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), traz importantes reflexões sobre a análise do discurso contido no documentário *Serra Pelada: a lenda da montanha de ouro* de Victor Lopes, tratado anteriormente. Tem como mérito de sua pesquisa uma descrição do documentário em suas diferentes etapas, buscando fazer uma análise sobre a narrativa fílmica documental que apresenta os discursos e imagens como aspectos de representação social e o documentário como uma representação da história do garimpo de Serra Pelada. Estuda também a relação que o diretor cria entre a narrativa dos personagens e a confecção das cenas de forma sequencial, sendo um elemento central dentro da composição artística (CÂMARA, 2021).

Ainda tratando das representações sobre o garimpo, temos o artigo de Simone Oliveira Vieira Peres, publicado em 2022, na revista *Gnosis Carajás*, intitulado *O Garimpo de Serra Pelada e suas representações: um Eldorado em terras amazônicas* em que a autora buscou entender de que maneira as representações sociais e midiáticas contribuíram para construir o imaginário sobre o garimpo de Serra Pelada como uma espécie de Eldorado.

A autora utiliza-se em seu trabalho de diversas fontes tais como fotografias, documentários, séries, filmes e notícias buscando analisar de que maneira esses elementos foram fundamentais na construção desse imaginário, assim como, na esperança desses ex-garimpeiros verem a mina sendo reativada e de lá ser extraída uma grande quantidade de ouro, esperança essa, que ainda faz com que centenas deles vivam na vila que surgiu após o fim da extração manual do minério (PERES, 2022).

Ao fazer um balanço sobre a historiografia do garimpo de Serra Pelada, apresentamos uma revisão bibliográfica abrangente que aborda diversos aspectos desse fenômeno e sua representação ao longo do tempo. Observa-se uma certa limitação de trabalhos específicos na área de história sobre Serra Pelada, com uma predominância de estudos realizados em outras disciplinas.

Autores como Armin Mathis (1995;1997), Livia Barbosa (1991), e Marcus Túlio Borowski Lavarda (2017), contribuem com análises específicas sobre aspectos sociais, econômicos e culturais do garimpo, enriquecendo a compreensão do fenômeno. Além disso, a pesquisa destaca o contexto político da época, como a intervenção federal no garimpo e as mudanças nas relações de trabalho, o que adiciona uma dimensão política à análise histórica. Autores como Salvador Tavares de Moura (2008), trazem à tona as memórias dos trabalhadores, oferecendo uma perspectiva mais subjetiva sobre o cotidiano no garimpo.

A diversidade de abordagens, desde a análise econômica de Afonso Henriques Borges Ferreira (2019) até estudos mais recentes que exploram representações sociais e midiáticas, como os trabalhos de Simone Oliveira Vieira Peres (2022) e Ana Paula Silva Câmara (2021), refletem o crescimento do interesse acadêmico sobre o tema.

A historiografia sobre Serra Pelada oferece uma visão abrangente, mas também suscita algumas considerações críticas que merecem reflexão. Embora as diversas obras apresentem análises valiosas sobre o fenômeno do garimpo, é perceptível uma predominância de enfoques específicos, como a abordagem econômica, ambiental e midiática, em detrimento de uma compreensão mais profunda das implicações sociais e culturais desse importante episódio histórico brasileiro.

Uma crítica relevante é a limitação de produções recentes no campo da história. A escassez de trabalhos que ampliem ou renovem as perspectivas historiográficas sobre Serra Pelada podem comprometer a compreensão contemporânea do tema. A ênfase em aspectos econômicos e ambientais, embora fundamentais, pode limitar a compreensão da experiência humana única vivida naquele contexto. A falta de pesquisas que explorem novas fontes, enfoques metodológicos e teóricos possibilita que novas pesquisas e análises surjam para tentar preencher essas lacunas deixadas pela historiografia até o momento e abrir novas possibilidades de estudo.

Para avançar na historiografia de Serra Pelada, é necessário encorajar novas pesquisas que ampliem o escopo e busquem uma compreensão mais holística do fenômeno. Incentivar estudos que explorem as experiências individuais, as redes sociais e as narrativas pessoais dos

envolvidos no garimpo poderia contribuir para uma compreensão mais rica e complexa desse episódio histórico.

Considerando a lacuna identificada na historiografia de Serra Pelada, uma valiosa possibilidade de trabalho no campo do ensino de história seria o desenvolvimento de material didático que abordasse o garimpo de forma mais abrangente e crítica no campo do ensino de história. Esse material poderia incluir análises de diferentes perspectivas historiográficas, ressaltando a importância de uma abordagem multidisciplinar para uma compreensão mais completa do fenômeno voltado ao público em idade escolar.

Além disso, estratégias pedagógicas que promovam a reflexão crítica dos estudantes sobre as representações midiáticas, ambientais e econômicas de Serra Pelada, estimulando-os a considerar as complexidades sociais e culturais, seriam fundamentais. Atividades práticas, como debates, aulas expositivas sobre o tema e uso de fontes em sala de aula também poderiam enriquecer a experiência educacional, proporcionando uma compreensão mais profunda e envolvente desse episódio histórico singular, além de propor um ensino de história mais significativo.

Outro importante grupo de elementos que levamos em consideração sobre nosso objeto de estudo, foi a produção audiovisual através de reportagens, filmes e documentários que serviram como um importante canal de veiculação e construção da imagem de Serra Pelada tanto no Brasil quanto fora dele, uma vez que foram produzidas cenas do garimpo que foram reproduzidas em outros países contribuindo à confecção de uma imagem do lugar associada a uma espécie de Eldorado mítico como já fora discutido aqui anteriormente.

Um dos primeiros registros feitos nesse formato sobre Serra Pelada de veiculação nacional, foi a reportagem especial exibida pelo programa *Globo Repórter* que foi ao ar em 10 de junho de 1982, onde o jornalista José Hamilton Ribeiro, teve como missão levar ao país através das lentes das câmeras, o cotidiano de vida e trabalho em Serra Pelada.

Imagem 3 - O repórter José Hamilton Ribeiro em Serra Pelada (1982).



Fonte: Compilação do autor (2023). Montagem com *screenshots* da reportagem que foi ao ar no programa Globo Repórter em 10 de Junho de 1982. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1137646/>. Acesso em 30/05/2023.

Sua experiência foi tão marcante que confessou ao *Memória Globo*, programa que tem como objetivo salvaguardar as lembranças de diversas pessoas sobre seus trabalhos e contribuições a emissora, o seguinte:

Serra Pelada era um grande acontecimento. Tanto que dissemos na matéria que a força de trabalho reunida na região só tinha comparação com a força de trabalho que construiu as pirâmides do Egito. Em nenhum outro momento da história estiveram reunidos tantos homens com o mesmo objetivo, como aconteceu em Serra Pelada. O fenômeno humano em Serra Pelada era representado pelo fato de que a pessoa deixava a família, às vezes em dificuldade, e partia para uma vida de sacrifícios, com o objetivo de regressar com muito ouro e resolver os problemas financeiros por várias gerações. Havia a ilusão de que o ouro movimentava o mundo. Nós fomos à região, escolhemos três garimpeiros, ouvimos suas histórias, seu grande sonho de enriquecer e fizemos reportagens com as famílias deles.” (Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/globo-reporter/programas/noticia/garimpo-de-serra-pelada.ghtml>. Acesso em: 30/05/2023).

Essas impressões do repórter, percorrerão toda matéria que mostrou ao país o cotidiano do que ele considerou como um dos maiores aglomerados de seres humanos em torno de um único objetivo, que era a extração de ouro, comparado esse evento ao que ele trazia como representação da mobilização de pessoas que trabalharam na construção das pirâmides do Egito, tamanha mobilização de pessoas, destacando também o grande preço social e humano da empreitada.

No mesmo ano, foi gravado o filme *Os trapalhões na Serra Pelada*, primeiro produto do gênero sobre o lugar. Segundo Peres;

[...] foi lançado, em 1982, o filme *Os trapalhões na Serra Pelada*, do diretor J.B. Tanko, tendo mais de cinco milhões de espectadores, comercializado em Angola e Moçambique. O enredo se concentra nas aventuras de Boroca, Mexelete, Bateia e Curió em busca de ouro. Esse último recebe o mesmo nome de uma das figuras reais mais controversas de Serra Pelada, o Major Curió. Narra uma região controlada por um estrangeiro que contrabandeava ouro e tentava tomar as terras de um brasileiro (PERES, 2022, p.6)

Elenco formado por Didi Mocó, Dedé, Zacarias e Mussum, comporam o famoso grupo humorístico *Os Trapalhões* que foram sucesso nas décadas de 1980 e 1990, gravaram o filme sobre o local em 1982, e foi lançado em um momento em que a região ainda não havia chegado a seu ápice em relação ao número de mineradores, o que ocorreria pouco depois, justamente em um momento de declínio na produção, quando as “bamburradas” eram bem menos frequentes. Mesmo assim, como apontando pela autora, o filme teve uma ótima repercussão e ajudou a divulgar a vida no garimpo, ainda que de forma cômica.

É importante notar o fato dos trapalhões terem nomes que fazem menção à atividade do garimpo: “Didi” (Curió), como protagonista do filme, leva o nome do interventor federal no garimpo; “Melexete” (Mussum), cujo nome, referência à lama resultante da lavagem de cascalho no garimpo, ganha uma conotação racista; “Boroca” (Dedé Santana), gíria usada para se referir à bolsa usada pelos garimpeiros para irem ao trabalho, e “Bateia” (Zacarias), ferramenta utilizada para separar o ouro e outros metais dos sedimentos contidos em locais com água. Além dos personagens fazerem essas alusões, cabe lembrar que do ponto de vista político, o país passava por um processo de transição política e o garimpo ainda era um reduto fortemente controlado por Sebastião Curió e seus traços autoritários.

Outra entrevista importante de grande repercussão realizada no garimpo ainda em funcionamento foi a realizada por Ernesto Varela (Marcelo Tas) em 1984. Na reportagem, assim como na de José Hamilton Ribeiro, sua intenção foi mostrar as condições de vida e trabalho no garimpo, exibindo ao longo da entrevista o cotidiano de trabalho, o mercado local, a venda do ouro, a vida árdua na cava, o sonho dos trabalhadores em bamburarem etc.

Destaca-se ainda os documentários *Motorista de Caçamba* de Rudi Böhm (1989), feitos a partir de uma pauta da televisão austríaca e, também em vídeo, *Montanhas de Ouro* de Adrian Cowell (1990), onde acompanha o sonho dos garimpeiros e a decepção e alguns ao não encontrarem nada, além dos impactos ambientais causados ao longo da estrada de ferro Carajás como o desmatamento da floresta para se fazer carvão e abastecer as empresas que instalam-se ao longo da ferrovia com incentivos fiscais dados pelo governo na década de 1980, como fruto de uma política desenvolvimentista voltada à Amazônia.

Em 2007, após um longo período de silêncio sobre o garimpo devido sua desativação e pouco interesse da imprensa, foi produzido o documentário *Serra Pelada: esperança não é sonho*, dirigido por Priscilla Brasil. Com um caráter introspectivo baseia-se nos relatos de memórias dos moradores que ainda vivem na vila. As vozes não só recontam as histórias como também revelam os sonhos, as decepções e a esperança dos que resistem à ideia de abandonar o lugar. Retrata também a infraestrutura e a perspectiva de futuro para as novas gerações de descendentes de garimpeiros.

No mesmo ano e com uma abordagem semelhante, utilizando-se de fotografias, vídeos e relatos pessoais de ex-trabalhadores do garimpo, foi produzido o curta “*Sonhos dourados, fatos opacos: histórias do garimpo de Serra Pelada*”, sob direção de Amanda Chamusca, Fernanda Pereira e Raphaella Rodrigues utilizado como trabalho de conclusão de curso na Universidade Mackenzie e selecionado para a mostra *Doc TV III* da Fundação Padre Anchieta, que assim define-se:

Mantenedora da TV Cultura, Rádios Cultura FM e Cultura Brasil, MultiCultura Educação, Univesp TV e TV Ra Tim Bum!, a Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e TV Educativas é uma entidade de direito privado que goza de autonomia intelectual, política e administrativa. A instituição é custeada por dotações orçamentárias e por recursos próprios. Educação, jornalismo, cidadania e serviços, dramaturgia, cultura e arte, música, juventude e infância, e meio ambiente são as prioridades de suas emissoras, que levam ao ar programas de qualidade para os mais diversos públicos. Os veículos ligados à Fundação ainda dão espaço para a experimentação e buscam novas linguagens e formatos, com o objetivo de informar e promover o aprimoramento educativo e cultural de telespectadores e ouvintes. Também têm como princípio dar apoio à produção independente, aos programas regionais e à exibição de obras cinematográficas brasileiras, levando ao seu público o conhecimento e a diversidade cultural. (Disponível em: <https://fpa.com.br/fundacao/>. Acesso em 03/06/2023)

Já em 2013, foi lançado o documentário *Serra Pelada – A lenda da Montanha de Ouro*, de Victor Lopes, retratando em depoimentos, fotos e reportagens, o período de ascensão, declínio e lutas pelo garimpo. A produção destaca-se pelas entrevistas realizadas tanto com garimpeiros que trouxeram à tona as memórias do lugar, quanto de outros protagonistas como Sebastião Curió. Também contribuíram com os relatos políticos, jornalistas, pesquisadores, representantes de mineradora e de empresas de segurança.

Nesse mesmo ano, também fora lançado o longa metragem *Serra Pelada*, dirigido por Heitor Dhalia, e baseado no documentário de mesmo nome. Atraiu quase 500 mil espectadores, e além do Brasil, foi exibido em Angola e Moçambique. Em 2014, foi transmitido como série pela Rede Globo. Recebeu críticas por apresentar uma versão romanceada e mais concentrada

nos dramas pessoais das personagens do que em problemas mais complexos, mas também recebeu elogios pela qualidade das imagens e reprodução do lugar (PERES, 2022, p.07).

Diante desse breve apanhado filmográfico, podemos perceber que há uma boa produção sobre o tema, como reportagens, filmes e documentários. No entanto até o presente momento, não houve nenhum trabalho que se propôs a fazer um diálogo sobre esses temas e o ensino de história local e nesse sentido, nosso trabalho pode contribuir com essa interlocução propondo-se a criar uma forma de aprendizagem mais significativa³ aos educandos.

É importante salientar, que para compreendermos o surgimento de Serra Pelada, é fundamental entendermos a conjuntura histórica do Sul e Sudeste do Pará entre as décadas de 1960 e 1980, entrelaçando os acontecimentos de ordem internacional, nacional e local que desembocaram em processos migratórios à região que tiveram como um de seus desdobramentos o surgimento do garimpo.

1.2. O processo de ocupação do Sul e Sudeste do Estado do Pará (1945-1980)

A região do Sudeste do Pará vivenciou um intenso período de transformações entre as décadas de 1960 e 1990. Esse foi um período marcado pela exploração de recursos naturais, migrações, conflitos agrários e mudanças socioeconômicas significativas. A compreensão desse período demanda uma análise abrangente e aprofundada, considerando diferentes perspectivas e fontes históricas.

A distância de grandes centros econômicos do país, concentrados na região sudeste, levou a Amazônia por muito tempo a ser abandonada e pairar distante de grandes projetos de infraestrutura e integração, dependendo economicamente de sua capacidade de exportação de produtos como Manganês e Castanha-do-Pará. Até a década de 1940, era vista com a última fronteira a ser desbravada pelo capital:

No que se refere à Amazônia, a imagem de última fronteira para o capital que deu origem a essa divisão, decorre de um imaginário criado sobre ela que, de acordo com Arbex Jr. (2005), em muito se assemelha àquela que os colonizadores portugueses tinham do Brasil: um território de natureza “virgem e inculta”, lugar de riquezas

³ Autores como David Paul Ausubel (1963) e José Carlos Libâneo (1994), compreendem a aprendizagem significativa como relacionada aquela que está ligada a realidade, interesses e experiências prévias dos educandos. Ela ocorre quando o aluno é capaz de integrar os novos conhecimentos aos seus esquemas cognitivos já existentes, formando uma rede de significados que torna a informação mais acessível e retida na memória a longo prazo. Os autores destacam que essa integração só ocorre quando o aluno consegue estabelecer relações lógicas e coerentes entre os novos conhecimentos e os conhecimentos prévios, cabendo ao professor o papel de intermediador entre o conhecimento e o aluno.

infindáveis, habitada por selvagens nus e não civilizados, consolidada no mito da “Ilha Brasil.” (REIS, MARCOS, MOREIRA, 2021, p.17).

Uma das principais características econômicas da década de 1940/50, foi a implementação de um modelo econômico que convencionou-se chamar de nacional-desenvolvimentismo, baseado no incentivo à industrialização e na modernização das atividades primárias, na perspectiva de superar o atraso e a situação periférica do país em relação ao mundo, com uma atuação fundamental do Estado no planejamento e execução de planos econômicos.

Nesse contexto, a Amazônia era vista como uma região com baixo índice demográfico, e muito de seu atraso econômico era visto como fruto da dispersão populacional em seu vasto território. Em campanha eleitoral, Getúlio Vargas retornou à Amazônia em 1950, e prometeu continuar o trabalho de integração que fora interrompido pela situação de guerra (1939-1945). No discurso, Vargas culpou o “vazio demográfico” pelo atraso da região:

Vim, amigos da Amazônia, para dizer-vos que, se eleito (...) hei de promover medidas adequadas ao reforçamento das vossas energias, pondo em execução o vasto programa que a guerra interrompeu. Nas outras questões que dizem respeito, administrativamente, ao vosso Estado, quero reafirmar-vos que persisto nos planos antigos. O grande inimigo da vossa prosperidade é, sem dúvida, o deserto, é a fraqueza dos índices demográficos. (...) O homem só, isolado, como Robinson Crusóe – é homem perdido. Vivemos socialmente, progredimos em sociedade. Assim, o que necessitamos é evitar a dispersão e promover o aglutinamento das populações (VARGAS, 1950, p.46.).

Nesse contexto, durante o governo Vargas (1950-1954), foi criada em 1953, a Superintendência para a Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA), que tinha dentre seus objetivos, inserir a região na pauta econômica nacional e integrá-la as demais regiões do país. Pere Petit, aponta que esse órgão deveria criar planos de desenvolvimento econômico para estimular as atividades agropecuárias, desenvolver um pequeno parque industrial e subsidiar novas indústrias (PETIT, 2003, p.69).

Com a criação formal do órgão em 21 de setembro de 1953, fruto da criação do *Plano de Valorização Econômica da Amazônia*, criado pela carta Magna de 1946, contava com receita de 3% total da arrecadação do governo federal, a SPEVEA tinha como seus objetivos:

- a) assegurar a ocupação da Amazônia em um sentido brasileiro;
- b) construir na Amazônia uma sociedade economicamente estável e progressista, capaz de, com seus próprios recursos, prover a execução de suas tarefas sociais;
- c) desenvolver a Amazônia num sentido paralelo e complementar ao da economia brasileira (PETIT, 2003, p.71).

Contudo, por diversos entraves políticos, principalmente de ordem orçamentária que nunca foram formalmente votados pelo Congresso Nacional, levaram muitos desses projetos a não serem concretizados (PETIT, 2003).

Para Rômulo de Paula Andrade, esses projetos de integração começam de fato a prosperar, a partir do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), quando da transferência da capital federal para Brasília e o início da construção da rodovia Belém-Brasília para integrar a Amazônia à capital nacional:

Uma perspectiva que perpassa as ações do Estado brasileiro na década de 1950 era a de integração nacional. Ideia esta executada principalmente durante o governo de Juscelino Kubitschek através de uma melhora da infraestrutura e de obras de engenharia de transporte, que apresentaram certa eficácia no avanço da fronteira agrícola e econômica. Foi o caso da rodovia Belém -Brasília, que atravessou - e atravessa até os dias atuais - territórios dos estados do Pará, Maranhão e Goiás[...]. (ANDRADE, 2015, p.167)

A análise econômica da equipe de JK apontava que um dos principais pontos de estrangulamento do desenvolvimento industrial era a falta de comunicação entre as regiões industriais do sudeste e as zonas agroprodutoras do interior, que por sua vez tinha um mercado consumidor em potencial, mas não era atendida pela falta de comunicação entre as regiões do país (MOREIRA, 2003). Dessa forma, o cruzamento rodoviário seria fundamental na ligação entre o processo de integração territorial e do sistema produtivo nacional. Compartilhando dessa mesma perspectiva, Cléria Botelho da Costa aponta que a importância das rodovias reside em terem favorecido a interligação dos centros urbanos, o aumento da produção agrícola, o surgimento de novos núcleos urbanos e o crescimento demográfico (COSTA, 1996, p.62).

Uma das consequências imediatas desse processo foi a rápida ocupação das terras que margeavam a rodovia, inclusive com o apoio do Governo, como ocorreu no caso de Goiás, onde foram incentivadas a apropriação da região por meio da lei de posseiros, que incentivara a população a se fixar no local: “o dono da terra é quem chega primeiro e se instala” (VAITSMAN, 1958, p. 38). No caso do Pará, a construção da rodovia Belém-Brasília teve entre outros efeitos, o aumento das disputas por terras na região, resultando em vários episódios de violência em decorrência das disputas entre grandes e pequenos proprietários de terras

Em 1964, após o golpe militar, foi criado um novo órgão com o principal objetivo de desenvolver a região amazônica: a Superintendência de Desenvolvimento Econômico da Amazônia (SUDAM). Mantendo a lógica da integração, Emílio Garrastazu Médici viajou até

Altamira, no interior do Pará, para dar início a mais uma etapa das obras de construção da rodovia Transamazônica.

O ato simbólico que marcou aquele momento foi a derrubada de uma árvore com mais de 50 metros e a exibição de uma placa, cravada em outra árvore, onde lia-se: “Nestas margens do Xingu, em plena selva amazônica, o Senhor Presidente da República deu início à construção da Transamazônica, numa arrancada histórica para a conquista e a colonização deste gigantesco mundo verde.” (Diário de Pernambuco, Recife, 10 out. 1970, p. 01).

Imagem 4 - -Placa sobre o tronco de uma árvore derrubada que simbolizava o início da construção de um trecho da Transamazônica.



(Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Placa-simbolo-da-abertura-da-rodovia-Transamazonica-Altamira-PA-BR-230_fig1_340636854. Acesso em 31/10/2023)

Além de integrar diferentes regiões do país, outro objetivo da construção da rodovia, foi incentivar a migração de nordestinos que fugiam da seca para a Amazônia:

Mas foi no início da década de 1970, já no governo Médici, que algumas mudanças institucionais importantes ocorreram, e passou a ser estimulada a colonização em áreas consideradas de fronteira: foi criado o Plano de Integração Nacional (PIN), pelo Decreto-lei nº 1.106, de 16 de julho de 1970, que previa que cem quilômetros a cada lado das estradas a serem construídas na região Norte seriam destinados à colonização, iniciando pela Transamazônica. Prognosticava-se também orientar a migração da mão de obra das regiões mais secas do Nordeste em direção aos vales úmidos da região amazônica (MEDEIROS, 2019, p. 226).

O anúncio da abertura da rodovia fora carregado de estímulos alternativos para os graves problemas que o país enfrentava: a fome, a pobreza, o endividamento internacional, a inflação etc. A rodovia se impunha como a solução para ocupar, explorar e desenvolver uma região “desocupada”, “intocada” e rica em recursos naturais, a Amazônia (REIS, 2021, p. 178).

Com o fim de promover a migração de milhares nordestinos camponeses à Amazônia, foram oferecidos lotes de 100 hectares, por família, de terras situadas nas margens dos 2.000 km de extensão da rodovia, sob o lema de *Terra sem homens para homens sem terra*. A meta inicial era a de receber 100 mil famílias de colonos e um total de 500 mil famílias num período de dez anos. O projeto iniciado em 1971, e paralisado em 1974, nunca atingiu as metas estabelecidas (PETIT, 2003, p.88-89).

O plano de desenvolvimento da Amazônia previa a construção de modernos Projetos Integrados de Colonização (PICs), cuja lógica era destinar terras a pequenos agricultores (principalmente oriundos do Nordeste) tido como urgente e necessário ao país. Com forte apelo institucional, a abertura da Transamazônica fora também o meio mais fácil e rápido para a superação do baixo povoamento da região e a exploração dos recursos naturais. A colonização, assim, foi planejada pelas mãos e lápis que calcularam o deslocamento de pessoas e empresas de todas as partes do país que poderiam ter seus problemas resolvidos (REIS, 2021, p. 178).

Os PIC's foram projetos de colonização que incluíam apoio oficial para o estabelecimento dos migrantes na Amazônia. Os Programas foram planejados, dentro da lógica do urbanismo rural que integraria estruturas urbanas, construídas pelo governo, aos lotes destinados aos agricultores migrantes, para garantir produção e a permanência destes na região, integrando pequenas vilas, agrovilas, a estruturas maiores como agrópolis e rurópolis de forma a viabilizar a instalação dos colonos. Os migrantes incluídos nos PIC's recebiam auxílios oficiais e propriedades para que pudessem se estabelecer e desenvolver a agricultura (SOUZA, 2012, p.109).

Essas famílias eram selecionadas e cadastradas como assentadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), instituição responsável pela destinação dos lotes e pelo apoio à infraestrutura e crédito bancário.

Contudo, o discurso estava muito distante da realidade, pois como aponta Pere Petit (2003, p.88), muitos desses migrantes não tinham o apoio que era prometido para iniciarem sua produção, levando pequenos agricultores a abandonarem suas terras e alguns a chegarem e ocupa-las na condição de posseiros. O fracasso desses projetos de colonização, levou o governo federal a optar em dar prioridade a outro tipo de empreendimento:

O governo federal, após abandonar, em 1974, os projetos de colonização na Transamazônica, optou também por dar prioridade a Amazônia legal à concentração fundiária, tendo nos incentivos fiscais o principal instrumento para que grandes proprietários de terra e/ou empresas agroindustriais, adquirissem sem ter a necessidade de fazer quase nenhuma inversão de capital, grandes extensões de terra

utilizando-as, em muitos casos, exclusivamente como reserva de valor ou diretamente em atividades especulativas (PETIT, 2013, p.95).

Percebemos aqui o aparecimento do incentivo institucional do governo militar ao processo de surgimento de grandes latifúndios na região sudeste do Pará ao não cumprir com suas promessas aos pequenos agricultores e incentivar a vinda de projetos agroindustriais que receberam incentivos fiscais e ainda assim utilizaram-se dessas propriedades apenas para fins especulativos, o que foi um dos principais fatores que levou a uma série de conflitos no campo nessa região do Estado.

Fizemos aqui um balanço do processo de ocupação do Sul e Sudeste do Estado do Pará entre as décadas de 1940 e 1980. Abordamos diversos aspectos, desde a visão inicial de uma região pouco povoada até as políticas de integração e desenvolvimento da Amazônia, destacando a construção da rodovia Belém-Brasília e a criação de órgãos como a SPEVEA e a SUDAM. Percebemos num primeiro momento a promessa de integração e desenvolvimento da região amazônica, visando superar o atraso econômico e a dispersão populacional. Entretanto, vislumbramos a complexidade da execução desses planos, com entraves políticos e orçamentários que limitaram a concretização de muitos projetos.

Nesse contexto de projetos de integração, assentamentos e ocupação desordenada, emerge um acontecimento marcante na história da região sudeste do Pará: o surgimento de Serra Pelada. Esse próximo tópico se conecta diretamente com as dinâmicas de ocupação discutidas no texto, pois Serra Pelada foi um epicentro que atraiu milhares de pessoas em busca de melhores condições de vida e oportunidades econômicas.

Buscamos até aqui analisar a conjuntura do surgimento de Serra Pelada, destacando a migração de nordestinos incentivada pela construção da Transamazônica e a falência de projetos de colonização. Agora, é crucial explorar como a corrida do ouro em Serra Pelada se tornou um fenômeno social, econômico e histórico que moldou significativamente a região. Dessa forma, ao discutir o surgimento de Serra Pelada, buscaremos abordar as condições de vida dos garimpeiros, os desafios enfrentados, as transformações socioeconômicas, além de analisar o impacto desse episódio na região e na própria história do Brasil. A relação entre a ocupação desordenada, os projetos de integração e o fenômeno de Serra Pelada oferecerá uma compreensão das dinâmicas que moldaram o Sul e Sudeste do Estado do Pará.

1.3. Da Descoberta de Ouro na Fazenda Três Barras ao fechamento do garimpo

A descoberta de ouro na então fazenda do Sr. Genésio⁴, localizada no distrito rural do hoje município de Curionópolis, no final do ano de 1979, distante cerca de 700 Km da capital paraense, levou milhares de pessoas em busca de uma vida melhor por meio da garimpagem; o local virou um verdadeiro “formigueiro humano” dada a quantidade de pessoas que passaram a viver no local e a forma como esse espaço passou a ser ocupado e representado pelos meios de comunicação da época.

Marcos Túlio Boronski Lavarda (2017), aponta que a descoberta levou milhares de garimpeiros a se arriscarem em uma busca frenética por ouro, alimentada pela esperança de enriquecimento rápido. A notícia espalhou-se pela região, através da boca a boca, jornais e rádio atraindo pessoas de diversos lugares, mas principalmente da cidade de Marabá, no Estado do Pará e também da Cidade de Imperatriz no Maranhão.

Para se ter noção desse processo, Afonso Henriques Borges Ferreira (1988), utilizando-se do censo demográfico de 1970 a 1980, aponta que a população maranhense no Pará, no período, saltou de 45 mil para 100 mil pessoas, em função da proximidade do Estado com a região e o quadro econômico e social crítico no período, marcado por uma forte recessão econômica, hiperinflação, secas no Nordeste e cheias de rios em Marabá, tornando Serra Pelada um grande polo de atração migratória.

As primeiras descobertas de ouro foram feitas as margens de um córrego dentro da propriedade do Sr. Genésio, que foi batizada como “Fazenda Três Barras” por ter três braços de rios que cortavam a propriedade.⁵

Existem algumas versões para sua descoberta. A primeira delas é a de que o próprio Genésio encontrou as primeiras pepitas; outra é que a esposa de um vaqueiro, funcionário da

⁴ Genésio Ferreira da Silva, mineiro de Patos de Minas, chegou à região na década de 1970, com o intuito de explorar Castanha do Pará, pois era um produto cobiçado e com alto valor econômico. Comprou uma fazenda de um posseiro, onde passou a dedicar-se ao extrativismo e criação de gado. Em entrevista realizada no dia 15/03/23, com um morador local, conhecido popularmente como “Seu Branquinho,” que até hoje vive na vila de Serra Pelada e intitula-se como guardião da memória local, devido ao grande acervo de material que foi por ele gravado com o intuito de preservar a história da localidade, nos foi exibida uma entrevista com a esposa do Sr. Genésio, já falecido, em que ela narra com certa dificuldade em função da idade avançada e problemas de saúde, a chegada da família a região e as atividades realizadas pela família na propriedade. Outra versão sobre a origem da propriedade, está na matéria veiculada no jornal *Folha de São Paulo* do dia 18 de dezembro de 1983, em que o Jornalista Ricardo Kotscho aponta que a fazenda de 800 alqueires foi comprada por Genésio do Incra através de uma concorrência pública.

⁵ Essa informação nos foi repassada por “Seu Branquinho”, ex-garimpeiro de Serra Pelada que até hoje vive na vila trabalhando como repórter, e em função de sua profissão, produziu um grande acervo audiovisual sobre a história local.

fazenda, encontrou uma pepita, e por não saber do que se tratava, levou até o patrão que também não sabia ao certo o que era. Ao levar o material até a cidade de Marabá, comprovou que realmente tratava-se de ouro, em seu retorno, trouxe consigo cerca de trinta homens que foram os primeiros a dedicarem-se a exploração aurífera no local, sendo que em poucos dias depois da notícia ter rodado por jornais e rádios da região, o número de trabalhadores já ultrapassava três mil, como apontado por Salvador Moura (MOURA, 2008, p.45).

Segundo o jornalista Ricardo Kotscho (1984), uma das muitas “lendas” acerca do garimpo é aquela que coloca a busca do ouro na rota do leito natural do igarapé da Grota Rica, riacho onde a filha do chamado Zezinho, então tutelado de Genésio Ferreira da Silva, proprietário das terras de Serra Pelada, topou com algo brilhoso em uma bica d’água, no final de 1979. Da certeza de que era ouro o que a criança enxergou, até a completa invasão da fazenda, não transcorreu muito tempo. Uma outra versão conta que o próprio fazendeiro achou ouro ao cavar um buraco quando fazia uma cerca. Outros garantem que quem encontrou o ouro antes de qualquer um foi Pedrão, que “limpava jujuira (roçava o mato) para Genésio”.

Decerto é que a exploração começou as margens de um córrego que passava dentro da propriedade. Depois iniciaram a extração em uma grota, que foi batizada de Grota Rica pelos garimpeiros, de onde tiraram quantidade considerável de material até que um desses trabalhadores subiu uma serra próxima, começou a cavar e a encontrar grandes pedras de ouro. Quanto mais cavava, mais ouro em grande quantidade encontrava.

Segundo o relato do ex-garimpeiro Zé Maria⁶, ao documentarista Victor Lopes, em um único dia, a serra teve sua mata nativa derrubada até chegar ao solo limpo. O terreno roçado, foi então dividido em barrancos de 2x2 metros e repartido entre garimpeiros que se intitulavam como “donos de barranco”, iniciando uma verdadeira ação de “mover montanhas”, onde a serra foi completamente removida e “mudou” de lugar através de sacos carregados pelos garimpeiros, dando início a um dos maiores processos de extração manual de ouro do século XX.⁷

Foi exatamente esse fato, que levou o local a ser batizado como Serra Pelada. O morro que tinha aproximadamente 150 metros de altura, é hoje uma cava de aproximadamente 120 metros de profundidade cheio de água contaminada pelo mercúrio, que foi amplamente utilizado no garimpo, contribuindo para a poluição do meio ambiente e o adoecimento da população local. Essa descoberta levou a uma grande explosão demográfica à região que em

⁶ Seu “Zé Maria” é considerado por muitos como um dos garimpeiros que mais tiraram ouro de Serra Pelada. Somente em uma semana, relatou a Victor Lopes, que retirou mais de 8 quilos do metal precioso. Hoje, já idoso, vive em sua fazenda e dedica-se à agricultura e pecuária.

⁷ Documentário: *Serra Pelada: a lenda da montanha de Ouro*. Tv zero. 2013. 100 min.

poucos dias, desde a primeira leva de trinta homens trazida pelo Sr. Genésio chegou rapidamente a cerca de 30 mil homens, tendo inclusive como um de seus desdobramentos, o aparecimento de novos bairros na cidade de Marabá, duplicando sua população, que passa de 24.474 em 1.970 para 59.743 em 1.980 (MOURA, 2017, p.46).

O que nos chama a atenção no perfil dos trabalhadores que se deslocaram para Serra Pelada, é que a maioria não tinha experiência anterior com garimpo, mas mantinham algum vínculo com o campo através de ofícios como agricultores, roçadores, vaqueiros, caçadores, pescadores, castanheiros, pequenos proprietários de terra, posseiros, entre outros. Alguns foram donos de barrancos, sócios, gerentes, outros meia praças, diaristas e requeiros, (garimpeiros que sobrevivem de pequenas doações de cascalho). Outros viveram na situação de furões, (garimpeiros considerados ilegais, sem autorização para trabalhar no garimpo).

Segundo Moura, as atribuições e funções dentro do garimpo eram complexas, entretanto, generalizou-se chamar todos genericamente de “garimpeiros”:

A diversidade de trabalhadores envolvidos no garimpo era bastante ampla. O senso comum indica que ser garimpeiro tornou-se aquilo que ficou cristalizado nas fotografias de Sebastião Salgado no livro “Os Trabalhadores”, publicado em 1993; isto é, trabalhadores enlameados, que carregam sacos de terra, vestidos com camiseta e calção. Estes homens, conhecidos no garimpo como formigas, são os diaristas que recebem por dia trabalhado ou número de sacos transportados sem direito a parte percentual da produção. Representam cerca de 90% da população garimpeira e aglomeram-se nos barrancos. (MOURA, 2008, p.62)

O processo de extração manual é relativamente simples: cava-se; extrai-se da terra o cascalho; esse cascalho preso à terra é lavado e é utilizado mercúrio para juntar o ouro que está dentro da bateia.⁸ Foi dessa maneira que aproximadamente 42 toneladas foram retiradas, segundo as vendas que foram realizadas à Caixa Econômica Federal, fora o ouro que de diversas maneiras foi contrabandeado, seja retirado por aviões ou mesmo pelas matas.

Todas as pessoas que desejavam retirar ouro, deveriam pagar uma taxa de 30% ao Sr. Genésio. Esse percentual muda a partir do momento em que ocorre a chegada da empresa Rio Doce Mineração e Geologia (DOCEGEO), subsidiária da Vale do Rio Doce que passa a exigir o direito de lavra de ouro da propriedade e assume a exclusividade da compra do material, passando a repassar somente 10% do valor total da produção ao Sr. Genésio. Após a intervenção federal, capitaneada pelo então Major Curió, esse valor não só deixa de ser repassado, como também o proprietário e sua família são expulsos do garimpo por terem sido pegos em flagrante

⁸ Recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são removidos, em busca de pedras e metais preciosos.

tentando transportar ouro para fora do país. (Caderno Geral, 18 de dezembro de 1983; *Jornal Folha de São Paulo*. p.26.)

Esse é apenas um episódio dentro de um quadro mais geral de tensões que chegaria a envolver diversos atores sociais que tinham seus próprios interesses em relação ao garimpo, tais quais a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), empresários (que veem no garimpo a possibilidade de crescimento econômico), fazendeiros, políticos locais e regionais que têm nestas atividades de garimpo sua base de apoio, constituindo-se em forças hegemônicas na região. Não demoraria para que essas forças entrassem em rota de colisão e os interesses acabassem levando a conflitos.

Entre os anos de 1972 e 1974, ocorreu um conflito armado muito sangrento na região que englobava o sul do Maranhão, o sudeste do Pará e o atual norte do Tocantins, que ficou conhecido como a Guerrilha do Araguaia. Reginaldo Cerqueira Sousa (2019), aponta que esse conflito tem como sua base ideológica a crítica do Partido Comunista do Brasil (PC do B) a outros grupos de esquerda que adotaram uma linha pacifista em relação a ditadura, seus membros acabaram optando pela guerrilha rural, inspirados no modelo chinês de revolução, tomando como base a ideia de “guerra popular prolongada”, visando o cerco da cidade a partir do campo.

Vejamos o que nos diz Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto (2011) a respeito da Guerrilha do Araguaia:

Inspirada na guerra popular e civil que levava à Revolução Chinesa de 1949 - dos 15 militantes iniciais, chegados à região até 1968, sete teriam feito cursos de capacitação na China (Gaspari, 2002, p. 409) -, a guerrilha objetivou lutar contra a ditadura militar e fomentar, a partir do campo, uma democracia popular no Brasil. Sezostrys Alves, da Associação dos Torturados da Guerrilha do Araguaia, proporciona à guerrilha a relevância de ter sido "a maior guerra do Brasil rural no Século XX" (Alves, 2010). Contudo, a maior dimensão da guerrilha tem a ver, principalmente, com o massacre promovido pelo Estado - ainda que executado pelo relativamente autônomo setor de informações -, ao torturar impiedosamente centenas de camponeses da região e executar prisioneiros rendidos, em clara violação aos direitos humanos e em total desacordo com tratados internacionais. (PEIXOTO, 2011, p. 482)

Essa região chegou receber até o final de 1972, aproximadamente 69 guerrilheiros que passaram a viver entre os camponeses, assim como, aprendendo seus modos de vida e sobrevivência em meio a floresta, tendo como objetivo principal prepararam-se à guerrilha, em troca prestavam serviços assistencialistas àquela população esquecida pelo poder público, e como vinham de diversas regiões do Brasil, mas principalmente do Sudeste, receberam o apelido de *paulistas* pelos moradores locais.

É importante mencionar esses fatos, por que a presença dos guerrilheiros na região do Araguaia deu-se no contexto da implantação grandes projetos desenvolvimentistas na Amazônia e no processo de ocupação desse território, sobretudo no sul e sudeste do Pará, incentivado pela propaganda governamental. Além disso, a gestão dessa área estava sob a responsabilidade das Forças Armadas e dos órgãos e instituições controlados pelo governo federal.

Para acabar com a guerrilha na região, o governo federal montou uma mega operação de perseguição aos guerrilheiros, muitos foram assassinados a sangue frio, sendo que uma dessas operações denominada “Limpeza”, comandada pelo então Major do Exército Sebastião Curió Rodrigues de Moura, teve como objetivo eliminar todos os rastros da luta armada na região do Araguaia através da ocultação de cadáveres, onde há registros inclusive de que alguns corpos foram jogados na Serra das Andorinhas e outros enterrados em locais de difícil acesso, crime este, confessado depois pelo militar (PEIXOTO, 2011, p. 489).

Pelo seu conhecimento e presença na região o Major Curió, que fazia parte do alto escalão do Sistema Nacional de Informação (SNI), foi o escolhido pelo então Presidente da República João Batista Figueiredo, para controlar Serra Pelada. Ele administrou com mãos de ferro o garimpo de 1980 a 1982, atuação esta, que lhe rendeu durante a redemocratização um mandato de Deputado Federal e depois dois mandatos de Prefeito da cidade que foi desmembrada de Marabá e leva o nome de *Curionópolis* em sua homenagem.

A chegada do Governo Federal em maio de 1980, alterou de maneira substancial a vida no garimpo. A primeira medida criada é a transformação da região em área de segurança nacional, a partir daí, insere-se uma lógica controladora e disciplinadora. Segundo Sebastião tavares de Moura (2008, p.48), passa a existir uma nova forma de distribuição dos barrancos, a expedição de documentos para os garimpeiros poderem trabalhar, proibição de bebidas alcólicas e usos de armas, expulsão das mulheres e controle de entrada e saída dos garimpeiros, também o desenvolvimento do hábito do hasteamento da bandeira, sempre as 8:00 horas da manhã, assim como a execução do hino nacional.

Embora simbólicas, essas ações visavam marcar a presença dos militares na região e demonstrar de forma direta a presença das forças armadas no local em um momento ainda de transição entre a ditadura a redemocratização brasileira.

Nesse sentido, a presença dos militares no garimpo tem como missão organizá-lo, discipliná-lo e ainda transformá-lo em um polo exclusivamente de trabalho, contudo o objetivo era evitar conflitos por terras em uma região marcada pela tensão entre fazendeiros,

mineradoras e posseiros, barrar a possível expansão de ideias comunistas e principalmente controlar a extração de ouro no local.

Além desse exercício de controle, foram implantados diversos serviços até então inexistentes no garimpo, como destaca Moura (2008):

Dentre as medidas tomadas pela Coordenação, sob comando do Conselho Nacional de Segurança, podemos citar a instalação de uma agência da Caixa Econômica Federal para a compra do ouro, casa de fundição, posto dos Correios, Cobal - Companhia Brasileira de Alimentos, Sucam - Superintendência de Campanha, DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, posto de saúde, cinema e quadra de esportes. Órgãos policiais subordinados ao Serviço Nacional de Informação. Polícias militares e federais e agentes do serviço reservado do exército, também se instalam no garimpo. (MOURA, 2008, p. 72).

Ainda sobre a presença do governo federal e sua intervenção no garimpo, Armin Mathis afirma que:

A Receita Federal (com um contingente de 3 até 10 funcionários), a Caixa Econômica Federal - CEF (com 5 até 7 funcionários), a Empresa de Correios e Telégrafos - ECT (4 funcionários), a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública - SUCAM (7 funcionários), a FSEP (8 funcionários), a Telepará (3 funcionários), a Companhia Brasileira de Abastecimento - COBAL (8-15 funcionários), Polícia Federal (13 - 25 funcionários), Polícia Militar (10 - 15 funcionários). A DOCEGEO, que mantém o maior contingente de pessoal no garimpo, entre 50 e 90 homens, fica responsável pelo fornecimento da infraestrutura dentro do garimpo e recebe o monopólio da compra de ouro. (MATHIS, 1995. p. 07).

A estrutura montada no garimpo, tinha um objetivo bem claro: maquiagem a realidade do controle exercido pelos militares. A Caixa Econômica Federal passa a ser a compradora exclusiva do ouro de Serra Pelada usando como estratégia o pagamento um pouco mais alto na grama do que o de mercado para evitar o contrabando. Para uma população de aproximadamente 80 mil pessoas (que é o que se estima em termos populacionais em 1982, somente em Serra Pelada), carente de tudo e vivendo em condições precárias, a chegada de um hospital onde as enfermidades podiam ser tratadas, um centro de distribuição de comida do governo que vendia alimentos mais baratos que os praticados por comerciantes locais e a implantação de um serviço de correios e comunicações onde poderiam se comunicar com seus familiares, foram vistas como grande benesses trazidas por Curió, o que de certa maneira ajudou a cristalizar sua imagem de “homem bom” diante dos garimpeiros, ainda que com um passado obscuro. (MOURA, 2008. p.45).

Podemos perceber com isso uma forte militarização do garimpo, e aqueles que desobedecessem as ordens impostas por Curió, eram punidos de diversas formas tais como o

castigo da ginástica, onde o infrator tinha que deitar de barriga no chão sob sol quente e levantar de maneira alternada a perna direita e o braço esquerdo e vice e versa; o castigo de peão, onde deveria colocar o dedo no chão e ficar girando em torno do corpo por aproximadamente 15 minutos e em algumas situações a cabeça era raspada em praça pública como forma de humilhação (CAMARGO, 1992, p.20).

Essa forte militarização e controle do garimpo, também exercia um outro objetivo: salvaguardar, ainda que parcialmente, os interesses das mineradoras que detinham os direitos minerários sobre a região de Carajás, tais como a Vale do Rio Doce e empresas subsidiárias.

Segundo Rodrigo Braga da Rocha Villa Verde (2009, p.02), no dia 31 de julho de 1967, geólogos brasileiros da Companhia Meridional de Minerações, empresa controlada pela U. S. Steel, a segunda maior siderúrgica dos Estados Unidos descobrira a província mineral de Carajás. A equipe que sobrevoava a região notou a presença de clareiras em meio a uma vegetação rasteira que contrastava com a floresta equatorial, na qual estava à mostra o minério de ferro que recobria a área. Após esse momento, Carajás que era o termo que apenas designava uma distante serra paraense recoberta pela floresta amazônica, tornou-se sinônimo da maior jazida de minério de ferro da Terra.

Em abril de 1970, a Vale e a empresa U. S. Steel constituíram a Amazônia Mineração S/A detendo cada uma, respectivamente, 51% e 49% do capital. Sete anos mais tarde a Vale compra pelo preço de R\$55 milhões de dólares uma parte da Amazônia Mineração, tornando-se a única condutora do maior empreendimento minerário brasileiro: o Projeto Grande Carajás (PGC).

A área onde Serra Pelada foi descoberta, pertencia a Vale do Rio Doce que detinha os direitos minerários de exploração na região e utilizou uma de suas empresas, a DOCEGEL (Rio Doce Geologia e Mineração), para fazer prospecções, mapear a área e estudar a potencialidade extrativa da mina, como também ter os direitos de lavra do local. Além disso, são criadas instalações no garimpo para tornar a empresa, ao lado da Caixa Econômica Federal, a única compradora oficial de ouro, assegurando assim, os interesses das mineradoras e do Governo em relação a exploração aurífera.

Além das questões acima colocadas, coube também ao Major Curió, a distribuição de barrancos⁹ aos garimpeiros que desejassem continuar trabalhando. A distribuição foi realizada

⁹ Barranco era nome dado a um pedaço de terra que media 2x2 metros, e o que fosse encontrado nesse terreno, pertencia ao seu dono. Muitos por não terem condições de financiarem sozinhos o empreendimento, formavam uma sociedade com outros trabalhadores chamados de “meia praça”, onde os lucros obtidos com a cava eram divididos em porcentagens pré-estabelecidas entre os sócios.

por sorteio e em certa medida positiva aos os trabalhadores sem recursos, uma vez que ter uma cava era algo muito caro e inviável financeiramente para os mais pobres, mas seria uma oportunidade ter sua própria cava e extrair riquezas de lá.

Por outro lado, a exploração da mesma exigia um grande capital para seu funcionamento, além de ser um investimento sem a certeza de um retorno garantido, já que não era possível saber ao certo o que se encontraria embaixo da terra, podendo levar a não encontrar nada ou ainda ao tão sonhado “bamburro.”

Essa situação, levava os trabalhadores que ganharam barrancos a formarem uma espécie de sociedade com os que não conseguiram, que era denominada de “meia-praça.” Como tratava-se de um empreendimento arriscado, os percentuais que poderiam ser obtidos com a cava, eram acertados previamente entre os sócios.

No final 1981, o lençol freático foi atingido pelos trabalhadores, e mesmo utilizando-se de bombas, o trabalho manual tornou-se inviável devido à falta de condições e meios de trabalho para operar naquelas circunstâncias, levando pela primeira vez ao fechamento do garimpo. Esse fato, evidentemente levou a um aumento considerável da preocupação das autoridades governamentais com o aumento das tensões no campo, relativa a procura por terras, uma vez que a região já era marcada por diversos conflitos entre diversos atores sociais tais como grileiros, posseiros, e latifundiários pela posse de terras, e o fechamento do garimpo poderia levar milhares de homens sem ocupação a buscarem por terras na região (PETIT, 2003).

No início de 1982, a Vale do Rio Doce, sob as ordens do presidente João Batista Figueiredo, contratou uma empresa com a missão de fazer o rebaixamento da cava, implantar bombas de sucção e garantir os meios necessários à volta do funcionamento da mina. Em maio, o serviço fora finalizado e as atividades no garimpo foram retomadas.

Essa medida foi importante, pois era ano eleitoral e o Major Curió aproveitando-se de seu prestígio na região, candidatou-se a deputado federal, sendo um dos eleitos mais votados do Pará nas eleições de 15 de novembro de 1982, já no contexto da redemocratização brasileira com 49.529 votos, pelo PDS (Partido Democrático Social), legenda de direita, sucessora da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) fundada em 31 de janeiro de 1980, após o fim do sistema bipartidário que perdurou durante o regime militar.¹⁰

Em março de 1983, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), através da DOCEGEO, entregou ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) um relatório de pesquisa acompanhado de um pedido de lavra. Durante negociações entre a coordenação do garimpo, o

¹⁰ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/132081/biografia>. Acesso em 29/10/2023.

DNPM e a CVRD, ficou decidido que o garimpo seria fechado no dia 15 de novembro de 1983. Em 30 de setembro de 1983, o Presidente João Batista Figueiredo, transferiu a coordenação do projeto de extração de ouro, até então sob responsabilidade do Serviço Nacional de Informações (SNI), para o DNPM, que passou a ser responsável pela remoção dos garimpeiros. O DNPM elaborou um plano de ação que previa o deslocamento dos garimpeiros da Serra Pelada para a região do Tapajós, assim como para garimpos no sul do Pará e no Maranhão. (MATHIS, 1995).

O agora Deputado Curió, é comunicado pelo Presidente da República sobre o fechamento do garimpo e começa a arquitetar um plano de resistência ao seu fechamento junto a representantes sindicais de garimpeiros, que consistia na criação de uma lei que previa continuação do garimpo por mais cinco anos sob a coordenação de uma cooperativa, projeto este, que foi aprovado em dois dias. Ficou criada assim em 27 de dezembro de 1983, a Cooperativa dos Garimpeiros de Serra Pelada (COOMIGASP), formada predominantemente por garimpeiros bem-sucedidos, donos de barrancos, comerciantes e interessados na continuidade no garimpo. (MATHIS, 1995).

No início de 1984, a situação do garimpo ainda não estava legalmente definida, e isso levou o Presidente Figueiredo a apresentar ao Congresso Nacional um projeto de lei que combinava a licença da continuação da garimpagem em Serra Pelada com o pagamento de uma indenização para a CVRD, empresa detentora da concessão na área, tentando assim conciliar interesse da segurança nacional e interesses do capital. O projeto de lei previa a licença para a garimpagem até a cota de 190 m, e estabeleceu como valor da indenização a ser pago para a CVRD, o correspondente à quantidade de ouro contido na mina entre as cotas 210 m e 190 m, conforme os relatórios de pesquisa da DOCEGEO.

Após ocuparem a rodovia Belém-Brasília e ameaçarem invadir as instalações da CVRD, o Presidente da República sancionou a lei 7.194 de 11 de junho de 1984, que criou a reserva garimpeira de Serra Pelada, garantiu a continuação da extração por mais três anos e ainda passou a regulamentar seu funcionamento, fazendo com que o Ministério de Minas e Energia ficasse responsável pela execução das medidas legais, e a cooperativa, pela supervisão da garimpagem. Essa estrutura funcionaria pouco menos do que um ano. Em outubro de 1985, um atrito entre a coordenação e a cooperativa, que supostamente ia colocar em risco a vida dos funcionários do DNPM e da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) encarregados na coordenação, serve ao DNPM como justificativa para a retirada imediata do seu pessoal. (MATHIS, 1995, p.12).

Em novembro do mesmo ano, o Banco Central notifica à Cooperativa o fato de que o ouro comprado pela Caixa Econômica Federal em Serra Pelada conteve como "impureza" 1,3

toneladas de Palladium e que Cooperativa tem o direito de repasse do valor desse metal, correspondendo a 1.800 kg de ouro (R\$ 21.500.000 em preços atuais). Esse repasse, viraria um dos mais fortes motivos pela luta sobre a dominação da cooperativa, que começa no início dos anos 90. Em março de 1987, três meses antes do término do prazo estabelecido para o final da garimpagem na lei 7.194, o deputado federal Ademir Andrade apresentou um projeto de lei, que visava a ampliação da reserva garimpeira Serra Pelada para 750 ha. O governo se manifestou contra esse plano, e apresentou como contraproposta a lei 7.599, que modificava grande parte da lei vigente. (MATHIS, 1995, p13).

A proposta previa o fechamento do garimpo, caso não houvesse mais condições para um trabalho seguro dentro da cava central. Além disso, criava um grupo de trabalho com participação do Governo do Estado, da Cooperativa e do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá, a fim de estudar uma solução permanente para o garimpo. No relatório final, elaborado pelo grupo de trabalho e apresentado ao Ministro do Interior, em dezembro de 1987, recomendava-se a continuidade de garimpagem na Serra Pelada, a abertura do garimpo para lavra mecanizada do material estéril e do rejeito e a colocação de uma infraestrutura básica para a corrutela do garimpo, que devia se constituir como comunidade.

Para Afonso Ferreira (2019), o Governador do Pará, Hélio Gueiros (1987-1991) tinha em seus discursos pouco interesse pelas demandas dos garimpeiros e também pelos conflitos que se arrastavam no sul e sudeste do Pará, o que o levou a fazer pouco caso dos assuntos de interesse da localidade. Esse descaso foi fundamental para uma repressão violenta e assassina ocorrida em dezembro 1987, que ficou conhecida como o “Massacre de São Bonifácio” ou ainda o “Massacre da Ponte”.

No final 1987, sob um mar de acusações de corrupção e por irregularidades na prestação de contas, a cooperativa é colocada sob intervenção federal pelo Ministro do Interior. Somado a isso, correram boatos que a polícia Federal, força de segurança da área, iria se retirar, o que levou a uma revolta liderada por um dos mais ricos donos de barrancos de Serra Pelada.

No dia 28 de dezembro, garimpeiros da Serra Pelada ocupam a ponte ferro-rodoviária sobre o Rio Tocantins, levados para lá pelos donos de barrancos, muitos sem saber os motivos do protesto. Quando em Marabá as negociações entre os representantes estavam prestes a ser concluídas, a polícia militar, com cobertura do Ministério da Justiça, começa a desocupar a ponte. Na violenta ação policial morrem, segundo o comando da polícia militar, duas pessoas, e segundo fontes ligados aos garimpeiros, noventa e cinco pessoas ficaram desaparecidas depois da ação. O evento ficou conhecido como massacre de São Bonifácio, por acontecer no dia que

se celebra o santo e é marcado até hoje como um dos mais violentos conflitos ocorridos no sul do Pará (FERREIRA, 2019).

Com a falta de apoio do governo e mineradoras, a falta de condições de trabalho por meios manuais e condições climáticas adversas como chuvas intensas e enchimento da cava por água do lençol freático, a produção de ouro caiu para 750 kg em 1988 e no ano seguinte para menos de 250 Kg, levando o Presidente Fernando Collor a oficialmente fechar o garimpo e proibir a lavra manual em 1992.¹¹

Um dos desdobramentos de Serra Pelada, foi o aparecimento do Município de Curionópolis. Segundo dados do IBGE, ele está a 753 km da capital Belém, e localizado às margens da rodovia PA 275, onde os primeiros registros de ocupação datam ainda de meados da década de 1970, quando imigrantes, principalmente de origem nordestina começaram a chegar à região em busca de trabalho nos projetos de mineração que então começavam a surgir na região:

Curionópolis originou-se, como município, do desdobramento do Município de Marabá, surgido de um aglomerado de pessoas, que no final da década de 70, se localizou no km 30 da rodovia PA-275, na expectativa de trabalho, com a implantação do Projeto Ferro Carajás, na construção da estrada de ferro Carajás - Ponta da Madeira ou em busca de ouro, nas dezenas de pequenos garimpos que proliferaram na região.
¹²

A etimologia do nome da cidade significa “Cidade do Curió” em homenagem ao Major Curió, que segundo ele mesmo em depoimentos e entrevistas não queria que fosse esse o nome do Município, mas por insistência das pessoas que lá viviam, foi assim batizado.

O local onde surge o Município também é chamado de *Trinta* por estar situado no Km de mesmo nome da PA 275. Boa parte de seus primeiros habitantes foram esposas e filhos dos trabalhadores de Serra Pelada que iniciaram a ocupação do lugar após a expulsão do garimpo comandada pelo Major Curió, e além dessas famílias, as casas de prostituição e bares também passaram a dividir o mesmo espaço e ser um dos principais locais de lazer e entretenimento nos dias de folga do garimpo.

A partir desse processo de ocupação, começam a surgir comércios, farmácias, supermercados e outros empreendimentos visando a atender não só a demanda do pequeno vilarejo que então surgia como também servia de ponto de apoio para suprir as necessidades do garimpo.

¹¹ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/392978-garimpo-no-brasil-uma-breve-historia/>. (Acesso em 29/10/2023)

¹² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/curionopolis/historico> (Acesso em 30/04/2023).

O declínio do ouro e o ostracismo econômico experimentado a partir de 1985, levou a então vila a se organizar no intuito de emancipar-se em relação a Marabá. A associação de moradores, com o apoio da cooperativa de garimpeiros e de figuras locais influentes como o próprio Major Curió, conseguiram pleitear a realização de um plebiscito. O resultado foi superior a 90% de aprovação pela emancipação, número que viabilizou a emancipação local.

O território ficou dividido em Sede, no vilarejo surgido às margens da PA 275, e distritos de Serra Pelada e Eldorado, sendo que esse último, três anos depois veio a se desmembrar tornando-se o Município de Eldorado dos Carajás.

Seu desmembramento ocorre em 10 de maio de 1988, através da Lei Estadual nº 5.444, onde Curionópolis foi elevado à condição de Município. Sua instalação ocorreu em 1º de janeiro de 1989, com a posse do prefeito Salatiel Almeida, eleito no pleito de 15 de novembro de 1988, apoiado por diversos grupos políticos, inclusive o do Major Curió.

Nesse primeiro capítulo, buscamos fazer um levantamento historiográfico e filmográfico sobre as abordagens que já foram realizadas sobre o garimpo de Serra Pelada, e percebemos que muitos trabalhos em diversas áreas foram publicados até agora e o interesse de pesquisadores sobre a temática tem aumentado nos últimos anos, e isso fica evidente em publicações mais recentes sobre a temática.

Outro ponto que levantamos, foi o processo de ocupação da região do sul e sudeste do Pará principalmente na década de 1970, onde diversos programas e incentivos do governo federal, atraiu milhares de camponeses e diversos empreendimentos agropecuários criando uma nova frente de ocupação e por fim, buscamos analisar a luz da produção historiográfica e de fontes diversas o que representou o garimpo em termos econômicos, sociais e políticos não só para o país, mas também para os diversos atores sociais envolvidos na atividade de garimpagem.

Embora essas pesquisas sejam extremamente relevantes para o conhecimento acadêmico, nenhum trabalho até o momento se propôs a dar um olhar voltado ao ensino de história local. A contribuição dos autores citados limitou-se a um meio acadêmico, não que isso seja algum problema, mas nos propomos a ir além, no sentido de propor um diálogo entre o conhecimento até então produzido, o uso de fontes e o ensino de história local.

Nesse sentido, no próximo capítulo, iremos nos propor a fazer uma integração entre as fontes até aqui analisadas através de uma abordagem para o ensino de história. Para isso, traremos uma reflexão sobre o uso de fontes em sala de aula um levantamento sobre nosso *locus* de pesquisa – Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitschek (Curionópolis-PA).

CAPÍTULO II

O uso do Jornal como fonte para o ensino de história local em uma escola de Curionópolis-PA

Subdividimos esse capítulo em três partes. Na primeira, trataremos sobre a relação entre a história local e o ensino de história; na segunda a relevância dos uso de jornais para o ensino de história e suas múltiplas possibilidades; e por fim faremos uma análise de dados educacionais sobre o município de Curionópolis, sobre a escola onde atuamos e traçaremos o perfil da turma do 9º ano B de 2023, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitscheck, escolhida para o desenvolvimento das sequências didáticas e aplicação de nosso produto pedagógico.

2.1. A história local e o ensino de história

O historiador Luíz Reznik (2008) promove uma análise abrangente sobre o papel da história local, destacando inicialmente a predominância de um enfoque político e social na construção da História do Brasil. A historiografia brasileira, conforme apontado por Reznik, é permeada por narrativas que abordam a nação, a pátria, a sociedade e o Estado brasileiro.

A formação do Estado no século XIX, juntamente com as iniciativas do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e do Arquivo Nacional, foi direcionada para a construção de uma historiografia nacional, visando a centralização em contrapartida ao processo de fragmentação política na América Hispânica. Esse viés de formação nacional perdurou até o século XX, envolvendo intelectuais e dirigentes estatais, notadamente durante momentos como o Estado Novo e os períodos de nacional-desenvolvimentismo, até o período de integração dos governos militares.

Apesar de ter sua produção iniciada no século XIX, a escrita da história local ganhou destaque nas últimas décadas devido às transformações nos campos de atuação dos historiadores, aos debates sobre métodos e territórios, e ao impulso dos programas de pós-graduação a partir dos anos 1970. Mesmo mantendo o foco nacional, esses programas resultaram em obras que exploram especificamente algumas regiões.

A importância da história local, segundo Circe Bittencourt (2008), é evidente na sala de aula, proporcionando sólidos fundamentos para a construção de identidades, conhecimentos e a análise de permanências e rupturas. A autora destaca a conexão entre a história do cotidiano e a história local como um mecanismo significativo para os alunos, permitindo a elaboração de vínculos com os temas estudados.

Entretanto, Bittencourt ressalta a necessidade de cautela, indicando que, apesar da presença da história local no ensino, muitas vezes são mantidos os mesmos pressupostos da história nacional, reproduzindo abordagens tradicionais e desinteressantes.

No enfrentamento dos desafios relacionados à história local, Joaquim Santos (2002), destaca a interligação direta dos espaços e contextos locais com o mundo, enfatizando que as realidades históricas não ocorrem isoladamente. Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004) acrescentam à discussão a divisão entre uma visão tradicional e conservadora da história local, associada a um sentimento ufanista, e uma abordagem mais contemporânea, que promove uma compreensão dos espaços no contexto da articulação entre passado e presente.

Schmidt destaca também a inclusão da história local como um dos eixos temáticos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), enfatizando a importância dessa perspectiva em todas as séries da escola básica. Os PCN's organizam os conteúdos em eixos temáticos, sendo a História Local e do cotidiano um deles, proporcionando uma abordagem dinâmica e em constante construção na disciplina de História:

História local e do cotidiano, a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais (PCN, 1998, p.41).

Entendida como uma modalidade dos estudos históricos capaz de articular o particular e o universal na compreensão de questões culturais, econômicas, sociais e políticas das mais diversas sociedades (BARROS, 2013) a História Local aparece também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 62) como “[...] recurso pedagógico privilegiado [que] possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte”, favorecendo uma sistematização do conhecimento que percebe a multiplicidade de sujeitos e objetos no processo histórico e aponta para a compreensão das realidades históricas como sendo elas compostas num tempo não linear, permeado pelo cruzamento das experiências individuais e coletivas.

Outra diferença também apresentada pelas autoras entre a nova concepção de história local e a tradicional é que a mais moderna não se restringe à determinação de espaço político-administrativo, mas foca o estudo do local podendo ser estendido de diversas maneiras (lugarejo, bairro, aldeia, vila, cidade), além de enfatizar a visão do homem como agente social, econômico e político que se coloca como determinante para a história não como uma parcela,

mas na totalidade das pessoas, relacionando o local ao nacional e ao internacional, dentro de um jogo de escalas (REVEL,1998).

Essa abordagem tem paralelo no cenário da historiografia inglesa, que resgata as histórias das pessoas comuns, através do que historiadores como Edward Thompson (1987) e Eric Hobsbawn (2011) estabeleceram através da importância das experiências na História Social. Os estudos que priorizavam “os de baixo” se vinculam às questões de natureza política e científica e visavam a exploração dessa dimensão desconhecida do passado.

As novas abordagens na observação e compreensão da história como disciplina produtora de conhecimento têm impacto significativo nas reflexões sobre o ensino. A história local tem sido objeto de diversos estudos acadêmicos direcionados à sua integração nas salas de aula.

Enquanto por muito tempo a História Local foi considerada como um ponto de convergência entre História e Geografia, a influência da História Social e da historiografia inglesa permitiu uma compreensão que a enxerga como um meio de democratizar e diversificar a prática histórica (SUKOW & URBAN, 2020). Essa tendência é reforçada na produção acadêmica sobre o ensino de História, especialmente durante o período de redemocratização, quando houve uma expansão dessa abordagem nos Departamentos de História (AMADO, 1990).

Uma contribuição interdisciplinar significativa com a Geografia foi estabelecida por meio das discussões sobre espaço, região e lugar. O modelo tradicional de história local estava vinculado à história de um local específico, restrito aos seus limites político-administrativos, adaptando os feitos grandiosos ou destacando lideranças da história nacional para o âmbito local.

Amado (1990) destaca duas posições distintas entre os geógrafos quanto à definição de região: uma que a compreende como "região natural", constituída por elementos naturais homogêneos nos quais a ação humana é determinada por eles; e outra, oriunda da geografia crítica, que percebe a organização do espaço como uma categoria social construída a partir do trabalho humano e das formas de relacionamento entre os seres humanos e a natureza (AMADO, 1990, p.8).

Essas duas concepções serviriam como pontos de referência para a transição do modelo tradicional para uma nova história local, mais alinhada à observação do ser humano como agente social, político e econômico na história, englobando não apenas grupos específicos, mas toda a sociedade.

Ainda no contexto dos debates sobre espaço e região, José D'Assunção Barros (2007) acrescenta à noção de Marc Bloch:

Definir a história como o estudo do homem no tempo foi, portanto, um passo decisivo para a expansão dos domínios historiográficos. Contudo, a definição de História, no seu aspecto mais irredutível, deve incluir ainda uma outra coordenada para além do “homem” e do “tempo”. Na verdade, a História é o estudo do Homem no Tempo e no Espaço. As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constitui-se-á em espaço social. (BARROS, 2007, p.96)

Assim, o espaço revela-se crucial para a contextualização do estudo da História, e o recorte espacial está presente no âmbito da história local sem estabelecer uma hierarquia de importância, pois, afinal, todo recorte espacial constitui um local (ALBUQUERQUE, 2015, p.51). Não se trata de uma ideia de hierarquia ou isolamento, mas sim de uma dinâmica espacial própria, que se conecta com o cenário nacional e internacional, evidenciando pontos de ligação ou diferença entre essas dimensões e proporcionando novas formas de estudo que têm as comunidades como ponto de partida para a integração da vida escolar dos alunos com seus respectivos espaços.

Além da identificação gerada pela vivência cotidiana, o trabalho com a história local em sala de aula também traz como contribuição o contato com diversas fontes, como documentos, jornais, fotografias e relatos orais, o que pode despertar no aluno o interesse investigativo, a compreensão e a valorização do patrimônio de sua localidade.

Maria Auxiliadora Schmidt (2004), pondera sobre os limites e desafios da história local. Ela alerta para o fato de que a história local, por si só, não pode explicar todas as questões políticas, econômicas e sociais, uma vez que as características locais também estão relacionadas a outras localidades ou a processos históricos mais amplos. A autora expressa a mesma cautela em relação ao uso do ensino de história local como indicador da construção de identidade, destacando que o atual processo de globalização gera marcos relacionais que precisam ser orientados, como o local, o nacional, o ocidental e o mundial.

Os estudos da nova história local não rompem ou negam outras dimensões da história, corroborando a ideia de que as outras dimensões não são descartadas em prol da valorização da história local. Mesmo diante de uma tensão entre uma globalização que busca estabelecer padrões gerais e uma resistência de valores locais, a nova perspectiva busca o diálogo em diferentes níveis de observação.

Conclui-se que

a história local não se contrapõe à geral, nem muito menos à nacional; reconhece, no entanto, que a mudança da escala de observação produz diferentes efeitos de conhecimento. Dessa forma, os mecanismos locais da vida social, quando confrontados com fenômenos de âmbito nacional ou mundial, podem revelar pontos de conexão ou não entre essas dimensões" (FAGUNDES, 2006, p.168).

Circe Bittencourt (2008) corrobora essa mesma observação:

Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica das transformações do espaço e articular esse processo às relações externas, a outros 'lugares' (BITTENCOURT, 2008, p.172).

Apesar das ponderações relevantes, é relevante destacar que a história local pode ser percebida como uma estratégia pedagógica significativa no processo de transposição didática. Esse processo, definido como uma ativa significação em que tanto os alunos quanto os professores, ao preparar e conduzir suas aulas, elaboram e reformulam conteúdos em novas construções para viabilizar o aprendizado desse conhecimento (MONTEIRO, 2012), implica numa adaptação do saber histórico para o âmbito escolar. Essa adaptação visa lidar com a construção de conhecimento de maneira colaborativa, considerando as articulações, interesses e mobilizações dos alunos, assim como suas experiências culturais e atividades cotidianas.

Nesse sentido, Ana Maria Monteiro enfatiza:

Acredito, assim, que os conceitos de "saber escolar", "transposição didática", "saber ensinado", oriundos do campo da didática e do currículo, ajudam a questionar a ideia de que ensinar é apenas transmitir conhecimentos produzidos na instância científica, ideia que se baseia numa perspectiva que naturaliza um processo de grande complexidade. Ensinar, como o próprio termo indica, é "fazer conhecer pelos sinais", é produzir significados. E estes significados são atribuídos pelos professores desde o momento em que se apropriam de um conceito e definem a proposta de atividade a ser realizada para a sua aprendizagem, por aqueles alunos que têm em sua turma. (MONTEIRO, 2007, p.231)

Ao desafiar a ideia de que ensinar é apenas transmitir conhecimentos científicos, Ana Maria Monteiro destaca a importância da ação do professor na produção de significados durante o processo educacional. Enfatiza que o ato de ensinar vai além da mera reprodução de informações, envolvendo a escolha e adaptação de conceitos, métodos e estratégias de acordo com as características da turma.

Percebemos com isso que o ensino é um processo complexo, no qual os professores desempenham um papel ativo na construção de significados que vai além da transmissão de conhecimentos prontos, promovendo uma abordagem mais reflexiva e contextualizada do papel do professor como mediador no processo de construção do conhecimento.

O ensino de história local ganha vida e relevância quando entrelaçado ao uso de fontes de história, dentre elas os jornais. Ao explorar as páginas, os alunos são transportados para narrativas que transcendem os limites do livro didático, conectando-os diretamente às histórias e eventos que moldaram sua comunidade. Essa abordagem não apenas contextualiza o passado, mas também estimula o pensamento crítico ao examinar as representações jornalísticas.

Os jornais, como fontes primárias contemporâneas, oferecem um registro dinâmico e imediato dos acontecimentos locais. Ao incorporar esses materiais em sala de aula, o professor não apenas proporciona uma visão mais rica da história local, mas também promove o desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação.

Essa abordagem integrada não só fortalece a conexão dos alunos com sua comunidade, mas também fomenta um entendimento mais profundo das complexidades históricas. Os jornais, portanto, não são apenas registros, mas ferramentas que capacitam os alunos a desvendar as camadas do passado local, transformando a sala de aula em um laboratório onde a história ganha vida.

2.2. O Uso de Jornais como fonte para o ensino de história

Refletir sobre o Ensino de História implica contemplar os propósitos subjacentes a essa disciplina e as estratégias viáveis para alcançá-los. Na maioria das propostas curriculares, ensinar História significa moldar o estudante como um cidadão crítico capaz de questionar e analisar a sociedade em que está inserida. O objetivo é capacitá-lo a compreender o presente por meio do estudo do passado e refletir-se como um agente histórico contribuinte para a construção de uma sociedade mais democrática e justa (BITTENCOURT, 2002).

Circe Bittencourt (2018), ao examinar o Ensino de História, analisa sua evolução ao longo do tempo. Destaca que, historicamente, o estudo da História esteve vinculado a uma sequência cronológica que favorece uma perspectiva de origem branca e cristã. No entanto, atualmente, há um comprometimento maior em incluir uma diversidade de assuntos. A autora ressalta a mudança nos currículos, impulsionada pela Lei de Diretrizes e Bases (1996), que se estende às escolas quilombolas e indígenas, bem como as conquistas dos movimentos sociais com a introdução do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras (Lei 10.639/2003) e da História Indígena (Lei 11.645/2008). Essas mudanças representam uma inclusão significativa de novos conteúdos históricos, alinhados ao compromisso de formar uma cidadania democrática (BITTENCOURT, 2018, p. 142).

Selva Guimarães Fonseca (2010) enfatiza a necessidade de trabalhar a disciplina de História como uma ferramenta educativa, formativa, emancipadora e libertadora, inserida nas lutas políticas e culturais. O dia a dia dessa disciplina, marcado por debates, conceitos diversos e pela conexão dos conteúdos com a realidade dos alunos, representa caminhos para alcançar esses objetivos. Fonseca destaca que, desde os anos 1980, a História passou a ser defendida como uma disciplina crítica e formativa, capaz de contribuir para a socialização e formação cidadã. Isso evidencia o potencial da disciplina como um conhecimento fundamental na formação de estudantes, moldando sujeitos para uma sociedade plural que valoriza a diferença, fomentando o respeito mútuo e contribuindo para a sociedade em que vivemos.

A busca pela ampliação do campo de ensino, incorporando temas, problemas e fontes, reflete o compromisso da História em superar a exclusão de assuntos e contextos históricos anteriormente silenciados. Segundo Fonseca (2003, p.96), somente um ensino de História comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta da sociedade pelos direitos humanos, democracia e paz.

Mesmo que os currículos ainda sejam submetidos à lógica eurocêntrica, os marcos históricos estão sendo debatidos e revisados, apresentando uma nova proposta de formação para os estudantes, promovendo uma cidadania pautada no respeito mútuo e na democracia.

Fernando Seffner, ao abordar os saberes da docência e da disciplina de História, destaca que o objetivo é a produção de saberes históricos significativos para os estudantes, capacitando-os a questionar sua vida social. Para o autor, a ideia do ensino de uma história crítica, evidencia o principal propósito da disciplina: permitir que o estudante possa analisar sua realidade, contexto social e político, refletindo a partir de uma riqueza de referências (SEFFNER, 2011)

A História, no contexto escolar, busca possibilitar que os estudantes abordem sua própria historicidade, compreendam-se como sujeitos históricos e construam relações de pertencimento a um grupo, a uma história coletiva e as lutas coletivas (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 119). Além disso, visa acumular conceitos que auxiliam na compreensão de sua realidade e na formação de opiniões diante de diversas questões contemporâneas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, como documento orientador para o ensino, reforça o caráter formativo do estudo da História. Destaca que o ensino deve partir de questionamentos do presente ao passado, elaborando hipóteses que levem a uma compreensão necessária para a formação das crianças e jovens na escola (BNCC, 2017, p. 397).

Joaquín Prats (2006) destaca diversas razões que justificam a presença da História na educação, enfatizando sua função de auxiliar na compreensão do presente, preparar os alunos

para a vida adulta, despertar o interesse pelo passado, fortalecer o sentido de identidade, ajudar os alunos a compreender suas raízes culturais e heranças comuns, além de enriquecer outras áreas do currículo (PRATS, 2006, p. 196-197). Esses elementos representam oportunidades formativas para os estudantes, instrumentalizando-os com uma visão de mundo mais crítica.

Assim, estudar história implica envolver-se em todas as experiências humanas, instrumentalizando os estudantes por meio de conceitos e conteúdo que promovam uma análise crítica do mundo em que vivem. Busca-se instigar um olhar questionador sobre os problemas sociais enfrentados diariamente, capacitando-os a contribuir na construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais justa. Alcançar esses objetivos implica, no cotidiano do trabalho docente, mobilizar recursos e metodologias dentro do contexto escolar, incorporando o uso de diversas fontes históricas nos conteúdos propostos pelos currículos.

A partir da escolha da fonte, é pensado em sua contextualização e em formas de problematizá-la. Nesse sentido, é relevante registrar, como mencionado por Joaquín Prats (2006), que um dos objetivos do ensino de História é "compreender que existem diversas maneiras de adquirir, obter e avaliar informações sobre o passado" (PRATS, 2006, p. 200). De acordo com o autor, esse objetivo está relacionado à maneira como os dados apresentados para a construção da explicação histórica.

Para atingir esse propósito, os estudantes devem ser capazes de adquirir e extrair informações de fontes históricas, questionando sua origem e as circunstâncias de sua criação. Desta forma, entendo que os jornais, fontes divulgadas com suas notícias, imagens e opiniões, possuem grande potencial para serem utilizados na sala de aula, viabilizando o debate e a pesquisa por meio da contextualização e problematização.

É importante ressaltar mais uma vez a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca a necessidade de considerar diferentes tipos de fontes ao planejado o ensino de História, abrangendo fontes escritas, materiais, imateriais e orais. Conforme indicado no texto, essas fontes têm o potencial de facilitar a "[...] compreensão da relação entre tempo e espaço e das relações sociais que as geraram. Os registros e vestígios [...] carregam em si mesmos a experiência humana, as formas de produção, tanto de objetos quanto de saberes" (BNCC, 2017, p. 398).

No entanto, os jornais nem sempre foram explorados nessa perspectiva em sala de aula. Assim como outras fontes, muitas vezes esses materiais foram utilizados apenas para validar a narrativa do professor ou como mera ilustração. O uso de fontes históricas pelo ensino de História e pelos historiadores passou por significativas transformações que merecem atenção.

Na segunda metade do século XX, a chamada Nova História fez uma revolução no conceito de fontes históricas e na abordagem delas, um movimento conhecido como revolução documental. Conforme observado por José Carlos Reis (1994), enquanto a corrente teórica anterior associava a documentação a grandes personagens históricos e suas lutas, a Nova História ampliou significativamente seu escopo, concentrando-se no homem comum. “A documentação massiva e involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais” (REIS, 1994, p. 19).

A Nova História direcionou seu foco para todas as atividades humanas, rompendo com a ênfase em grandes feitos e nomes da História. Agora, todos os vestígios produzidos pelo homem tornaram-se parte de uma vastidão de possibilidades à disposição dos historiadores.

Ao tratar dos testemunhos deixados pela humanidade, Marc Bloch destacou a multiplicidade desses testemunhos, sejam eles voluntários ou não. "A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele" (BLOCH, 2001, p. 79). Jacques Le Goff, ao refletir sobre o mesmo tema, também apontou a importância dessa diversidade de testemunhos na compreensão da história, pois:

[...] a História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, documentos orais etc. (LE GOFF, 2005, p. 36-37)

Em uma perspectiva positivista, a fonte histórica era restrita de natureza escrita, considerada "oficial" e desprovida da subjetividade do historiador. No entanto, após uma revolução documental, o estatuto da fonte foi modificado: de servir exclusivamente à história de poucos, ela tornou-se mais democrática e aberta a uma variedade de possibilidades. "A documentação massiva e involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Os documentos são destruídos, pictográficos, iconográficos, fotográficos (...), enfim, de todo tipo" (REIS, 1994, p. 19).

Atualmente, com essa alteração de status, as fontes históricas, incluindo os jornais, podem ser utilizadas sob diferentes perspectivas. Assim como uma ampla diversidade de fontes, os jornais são agora explorados em pesquisas de historiadores sobre recortes temporais semelhantes ou distintos. As possibilidades de questionamento em relação a essas fontes são vastas, uma vez que incorporam a subjetividade de cada historiador. Os jornais desempenham

um papel significativo no registro de eventos e transformações na sociedade, sendo fontes históricas que integram o contexto em que são entregues, fornecendo suporte para compreensão do período histórico em análise (SILVA; FRANCO, 2010).

Dessa forma, os jornais podem ser considerados instrumentos de estudo de informações e ideias diversas no contexto histórico de sua produção. Em outras palavras, essas fontes de informação o potencial de contribuição para o campo da História, pois permitem a análise e interpretação de uma gama variada de aspectos históricos.

Buscando capacitar os estudantes com ferramentas que promovam a compreensão de suas próprias realidades e da sociedade em que estão inseridos, o Ensino de História encontra nos jornais um recurso valioso. Segundo Katia Maria Abud (2010, p.29), os jornais desempenham um papel crucial na formação de novos conhecimentos e conceitos, na expansão do pensamento crítico dos estudantes e, por conseguinte, na ampliação de suas percepções do mundo.

Os jornais, como meio formal amplamente acessível de obtenção de informações, possuem um considerável potencial como recurso didático para o Ensino de História. Sua diversidade de informações, ideias e opiniões permite que os estudantes se aproximem de representações das realidades passadas e presentes, contribuindo assim para o processo de interpretação do ambiente em que vivem. Vale destacar que a pluralidade mencionada se refere às diversas possibilidades que os jornais oferecem aos historiadores, incluindo imagens como fotografias e caricaturas, textos opinativos e reportagens sobre uma variedade de temas, além das seções de classificados presentes em muitos periódicos.

Observa-se o amplo uso da imprensa, especialmente dos jornais, em pesquisas nas áreas das Ciências Sociais e Humanidades. Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007, p. 254) ressaltam que, em diferentes níveis de ensino e em diversas disciplinas, a imprensa torna-se cada vez mais um suporte didático-pedagógico em sala de aula. A incorporação de jornais em pesquisas nas aulas de História, como evidenciado em estudos como os do PROFHISTÓRIA, aponta para as possibilidades dessa fonte na construção do conhecimento dos estudantes da Educação Básica. A relevância dos jornais na formação de uma esfera pública e suas diversas abordagens oferecem oportunidades para um trabalho pedagógico que pode ampliar a compreensão dos estudantes sobre questões pertinentes à história local.

Reforçando essa perspectiva, Katia Abud destaca a importância da associação entre texto e imagem, especialmente no caso das fotografias, ressaltando que essa combinação pode fornecer informações valiosas. Quando a publicação está distanciada historicamente, as

fotografias podem oferecer pistas sobre mudanças e permanências (ABUD, 2010). Abud sugere o uso de eixos temáticos para facilitar a conexão entre os diversos processos envolvidos nas mudanças históricas. Ela aponta que o uso de jornais, mediado pelo professor, pode contribuir para a formação crítica dos estudantes, um dos principais objetivos da disciplina de História.

A autora ainda destaca que a diversidade de pontos de vista apresentada pelos jornais em relação a um determinado acontecimento pode auxiliar na manutenção da democracia. A introdução de jornais na sala de aula, abordando temas próximos ao cotidiano dos estudantes, busca, por meio da problematização, criar um debate democrático com a contribuição coletiva dos alunos, que compartilham suas distintas experiências e perspectivas sobre o assunto estudado.

Assim como qualquer outra fonte, é fundamental considerar o contexto de produção dos jornais. A análise detalhada dessas publicações, conforme salienta Abud (2010, p. 29), permite uma melhor compreensão dos contextos, revelando novos detalhes e conexões. Os jornais são percebidos como testemunhos históricos, conforme afirmam Silva e Franco (2010), sendo mais um elemento do processo do que um mero registro de acontecimentos. Portanto, é crucial compreender os jornais com suas subjetividades, reconhecendo-os como produtos humanos que refletem visões de mundo e interpretações da realidade de seus produtores, influenciados por uma variedade de valores e interesses (Abud, 2010).

Kreniski e Aguiar (2011) abordam o compromisso do historiador ao lidar com jornais, destacando que trabalhar com imprensa escrita reside no compromisso da interpretação dos fatos apresentados por ela, aprender a desvendar sua escrita jornalística (KRENISKI; AGUIAR, 2011, p. 3).

É crucial considerar a interpretação das reportagens, bem como a maneira como os eventos são noticiados, pois apenas dessa forma é possível identificar os interesses e as relações de forças envolvidas. A análise detalhada permite identificar os interesses de grupos que estão subjacentes à reportagem. Portanto, encarar o jornal como documento para a escrita da história exige atenção, uma vez que os sistemas de comunicação, além de buscar credibilidade e confiabilidade em suas informações, também visam lucratividade e interesses diversos, muitas vezes não explícitos no texto.

Loiane Pinheiro (2015) destaca a importância de precauções na análise jornalística, enfatizando a necessidade de observar as estruturas do texto. Segundo a autora, analisar o corpo do texto é atentar para os esquemas narrativos, descritivos e argumentativos que o compõem,

fazendo valer os operadores [...] no exame da temporalidade e das expectativas do leitor projetada no discurso (PINHEIRO, 2015, p. 134).

O historiador, ao considerar as reportagens jornalísticas como fonte histórica em suas pesquisas, assim como o professor que as utiliza como ferramenta pedagógica no ensino de história, deve levar em consideração os discursos presentes nelas. É essencial realizar uma análise minuciosa para compreender que, além de ser um texto informativo, trata-se também de um texto composto por intencionalidades, representando interesses de grupos sociais tanto na produção quanto na divulgação da notícia.

É crucial reconhecer que o discurso jornalístico, semelhante a qualquer narrativa, está sempre vinculado a interesses em sua produção. Nesse sentido, o historiador, conforme a perspectiva de Rafael Saraiva Lapuente (2015), deve estar atento aos objetivos subjacentes à mensagem jornalística. De acordo com o autor, a presença de um mercado que influencia o periódico é uma constatação que também deve ser considerada pelo historiador (LAPUENTE, 2015, p.7). Ele destaca a importância de observar o jogo de interesses que o jornal representa.

Seguindo as ideias de Lapuente (2015), o professor de história pode utilizar o jornal como uma ferramenta didático-pedagógica para abordar a história local. Ao ensinar por meio da análise e interpretação do conteúdo veiculado, é possível orientar os alunos a identificar os interesses dos grupos sociais vinculados ao jornal.

A transformação de um jornal em fonte constitui uma escolha deliberada, uma seleção realizada pelo historiador ou pelo professor, demandando tratamento teórico e metodológico ao longo da pesquisa, desde a definição do tema até a redação do texto final. Os jornais possuem uma linguagem intrinsecamente ligada ao social, detêm uma historicidade e peculiaridade próprias, e demandam ser abordados e compreendidos como tal. Isso implica em desvendar, a cada momento, as complexas relações entre imprensa e sociedade, bem como os movimentos de constituição e instituição do social que essa relação propõe (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 260).

Dessa forma, propor atividades de pesquisa com jornais requer a observação de diversos procedimentos para construir um caminho analítico consistente ao longo da pesquisa. A identificação do periódico, incluindo o exame do título, subtítulo e periodicidade, assim como a análise do projeto editorial, produção e distribuição, são alguns dos procedimentos que compõem essa trajetória. Este é o percurso que será delineado no terceiro capítulo, no qual serão contextualizados e apresentados os jornais que utilizaremos nessa pesquisa, além disso, serão delineadas as formas como as sequências didáticas foram construídas a partir desses impressos.

2.3. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubistchek como *locus* à pesquisa

O declínio da atividade mineradora de ouro e a subsequente crise econômica a partir de 1985, motivaram a então vila de trabalhadores da mineração a buscar a emancipação de Marabá. A associação de moradores, com o respaldo da cooperativa de garimpeiros e de figuras locais influentes, como o Major Curió, pleiteou e obteve a realização de um plebiscito. Os resultados revelaram uma aprovação superior a 90% pela emancipação, viabilizando o processo de surgimento do município de Curionópolis (IBGE, 2023).

Assim, em 10 de maio de 1988, através da Lei Estadual nº 5.444, Curionópolis foi oficialmente elevado à condição de município. Sua instalação ocorreu em 1º de janeiro de 1989, com a posse do prefeito Salatiel Almeida, eleito em 15 de novembro de 1988. Na data da instalação, a Vila de Curionópolis foi escolhida como sede em detrimento das Vilas de Serra Pelada e Eldorado, devido à sua infraestrutura superior em relação às outras e sua localização às margens da rodovia PA-160.¹³

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Curionópolis, localizada na mesorregião sudeste do Pará, está situada a 753 quilômetros da capital, Belém. Sua economia é predominantemente impulsionada pelos projetos de mineração, que absorvem uma parcela significativa da mão de obra local, além do setor comercial que engloba atividades nos segmentos de alimentos, vestuário, hotelaria, combustíveis e serviços diversos e por fim, atividades agropecuárias como criação de gado e produção de gêneros alimentícios (IBGE, 2023).

Segundo o último censo de 2022, o município conta hoje com 19.950 habitantes, sendo que 46,6% da população vive com rendimento mensal de meio salário-mínimo e somente uma parcela de 16,47% da população vive ocupada de maneira formal (IBGE, 2023).¹⁴

Quando analisamos os dados do censo escolar, fornecido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP)¹⁵, o quantitativo de alunos matriculados na rede de ensino municipal em 2023, foi de 6.384, ver tabela 1.

¹³ Disponível em: <https://curionopolis.pa.gov.br/historia/>. Consultado em: 20/12/2023.

¹⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/curionopolis/panorama>. Consultado em: 20/12/2023.

¹⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Consultado em: 28/12/2023.

Tabela 1 - Quantitativo de alunos matriculados na rede municipal de ensino de Curionópolis em 2023.

Creche (Rural e Urbana)	789
Pré-Escola (Rural e Urbana)	678
Ensino Fundamental (Anos iniciais - Rural e Urbana)	1836
Ensino Fundamental (Anos finais - Rural e Urbana)	1450
Educação de Jovens e Adultos (EJA - Rural e Urbana)	1631
TOTAL	6.384

Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>

Percebemos a partir dos dados coletados, os segmentos educacionais atendidos pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) que vão desde a creche até a educação de jovens e adultos (EJA) totalizando mais de 6 mil alunos atendidos em dez escolas da rede, distribuídas entre a zona urbana e rural.

Um importante elemento dentro de nosso estudo, é compreender de que maneira o município está em relação as avaliações nacionais propostas pelo Ministério da Educação (MEC), e dentre elas, a do Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) tanto do Município quanto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubistchek, nosso *locus* de pesquisa que em 2023, atendeu 732 alunos¹⁶. Para iniciarmos essa análise, precisamos entender o que é esse índice e como é calculado. Segundo o MEC:

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). O Ideb agrega ao enfoque pedagógico das avaliações em larga escala a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. O índice varia de 0 a 10. A combinação entre fluxo e aprendizagem tem o mérito de equilibrar as duas dimensões: se um sistema de ensino reter seus alunos para obter resultados de melhor qualidade no Saeb, o fator fluxo será alterado, indicando a necessidade de melhoria do sistema. Se, ao contrário, o sistema apressar a aprovação do aluno sem qualidade, o resultado das avaliações indicará igualmente a necessidade de melhoria do sistema. O índice também é importante condutor de política pública em prol da qualidade da educação. É a ferramenta para acompanhamento das metas de qualidade para a educação básica, que tem estabelecido, como meta para 2022, alcançar média 6 – valor que corresponde a um sistema educacional de qualidade comparável ao dos países desenvolvidos. (MEC, 2023.)

¹⁶ Essa informação nos foi repassada pela secretaria da escola. São 732 alunos atendidos, distribuídos em 24 turmas que vão do 1º ano do ensino fundamental a 4ª etapa da educação de jovens e adultos (EJA).

Percebemos que a nota final do IDEB é composta pelo índice de aprovação de alunos na rede de ensino e o resultado em avaliações nacionais como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). É importante compreendermos essas métricas de avaliação, pois elas são fundamentais tanto para entendermos a realidade educacional na qual estamos inseridos quanto para a criação de políticas públicas que criem mecanismos para melhorarmos nosso fazer pedagógico e que nos auxiliem a melhorar esses índices.

Sabemos que essa nota não reflete necessariamente a realidade escolar na qual estamos inseridos, pois existem diversos fatores além de números que corroboram na construção desse índice. Nesse sentido, como bem descreve J.F. Soares (2011),

[...] o Ideb tem alta correlação com o nível socioeconômico do alunado. Assim, ao atribuir a esse indicador o status de síntese da qualidade da educação, assume-se que a escola pode superar toda a exclusão promovida pela sociedade. Há uma farta literatura que mostra que isso é impossível. Todos os alunos têm direito de aprender, e os conhecimentos e habilidades especificados para educação básica devem ser os mesmos para todos. No entanto, obter este aprendizado em escolas que atendem alunos que trazem menos de suas famílias é muito mais difícil, fato que deve ser considerado quando se usa o indicador de aprendizagem para comparar escolas e identificar sucessos (SOARES, 2011, p. 25)

Essa reflexão levanta questões críticas sobre a relação entre o IDEB, o nível socioeconômico e a qualidade da educação. A ênfase na necessidade de reconhecer as limitações do indicador e considerar os contextos específicos das escolas é uma contribuição importante para pensarmos práticas de ensino que envolvam a atenção dos alunos.

Quando olhamos o IDEB de 2021, o município alcançou a nota de 4,7 para os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) o que o coloca como um dos lugares no país que atingiram a meta estipulada pelo governo federal, indicando que houve avanços na educação municipal (INEP, 2023). Quando analisamos os dados da avaliação por escola, a unidade escolar em que realizamos nossa pesquisa, a nota foi 5,0 o que a coloca acima da média do município e também de outras escolas da rede demonstrando qualidade no ensino ofertado aos alunos da instituição (INEP, 2023).

Nossa relação profissional com o município, inicia-se no ano de 2016, quando ocorreu o nosso ingresso na rede pública de ensino, mediante realização de concurso. Dada a lotação, fomos enviados a Escola Juscelino Kubitschek, considerada uma escola “modelo” no município. Mesmo tendo esse *status*, as condições da escola não eram as mais adequadas: cadeiras de madeira quebradas; falta de ventiladores nas salas; estrutura física comprometida

(inclusive com risco de desabamento), merenda precária que quase sempre se resumia a bolachas com um copo de suco de Cajá, fruta muito produzida na região.

Em março de 2023, a escola encontrava-se em reforma, e todos os alunos foram remanejados à Escola Estadual de Ensino Médio Almir Gabriel, no mesmo município, onde duas escolas, uma municipal e outra estadual, passaram a dividir o mesmo espaço. A situação estrutural da escola era precária; direção, secretaria, orientação, coordenação pedagógica, sala dos professores e atendimento ao público passam a funcionar em um mesmo espaço físico: o laboratório de ciências desativado da instituição. As salas de aula não tinham ventiladores, as carteiras eram quebradas, não havia como impedir a passagem de luz para dentro de sala o que impossibilitava o uso de *Datashow* e equipamentos de som, uma vez que a aula que era ministrada em uma sala, era ouvida nas demais.

Se não bastasse a questão das salas, recorrentemente nos deparamos com outros problemas como falta de água, falta de merenda escolar, ensaios em alusão a jogos escolares e a gincana estudantil que acontecem entre os meses de Abril e Maio no Município e os alunos eram liberados para prepararem-se para essas atividades no intervalo das aulas, sendo que nosso horário com a turma consistia em um horário antes do intervalo e dois após, ou seja, perdemos mais da metade das aulas previstas em nosso cronograma com atividades extracurriculares da própria instituição, e além do desenvolvimento da pesquisa precisar andar, ainda tivemos que buscar tempo para conseguirmos lidar com o conteúdo previsto na grade mínima imposta pela Secretaria Municipal de Educação o que provocou um atraso considerável em nosso trabalho e requereu de nossa parte certas adaptações a proposta original de trabalho na turma do 9º ano B.

Além dessa questão, quando estamos às proximidades do aniversário da cidade (10 de maio), é de *práxis* a administração municipal incentivar diversas atividades culturais que fazem parte da programação festiva local, e uma delas é a gincana estudantil que mobiliza alunos, professores e gestores de todas as unidades de ensino com o intuito de ganharem a competição e assim conseguirem algum dinheiro para poderem comprar materiais à escola ao longo do ano.

Entretanto, o que nos chamou a atenção foi o fato de não haver nenhum material didático ou paradidático que fosse utilizado minimamente para contar a história da região, do garimpo e do Município nas escolas, embora se comemorasse seu aniversário. A partir desse diagnóstico, passamos a nos interessar a desenvolver algo que minimizasse esse problema na escola, para darmos a oportunidade aos alunos de conhecerem um pouco mais sobre a história local.

Luís Reznik aponta que o que se espera do estudo da história é que cada um reflita sobre o lugar em que se encontra no mundo, formulando ideias sobre si e sobre os que estão ao seu redor, nesse sentido;

O encantamento pelo passado e pela passagem do tempo pode se dar de formas diversas, e a história local é uma delas. Ao se enfatizar temas e objetos, espaços, indivíduos e costumes que podem ser reconhecíveis entre alunos que pertencem a um determinado sistema cultural, baseado em relações de vizinhança, contiguidade territorial e proximidade espacial, espera-se despertar, criar e ampliar o gosto pelo estudo da História (REZNIK, 2005, p. 3).

Portanto, o ensino de história local não só pode demonstrar aos alunos a passagem do tempo do lugar em que vivem, como também, pode despertar o gosto pelo estudo da disciplina e gerar um sentimento de pertencimento e identidade local. Essa metodologia de trabalho fornece um terreno fértil para a análise das interações entre os atores históricos e o ambiente imediato, permitindo uma compreensão mais precisa das influências mútuas e das respostas locais a eventos globais. Além disso, ao explorar as particularidades de uma região específica, é possível identificar padrões históricos únicos, que não seriam discerníveis em estudos mais amplos, tornando uma aula de história mais atrativa aos alunos do ensino fundamental.

Escolhemos a turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Juscelino Kubitschek, que fica na zona urbana do Município de Curionópolis, por sermos lotados na referida Unidade de Ensino e os conteúdos programáticos coincidirem temporalmente com nosso objeto de estudo o que nos dá a oportunidade de relacionarmos a história global com a local em um mesmo espaço temporal, onde fazemos essa relação com o objeto de conhecimento previsto nas semanas 1 e 2 do 4º bimestre como podemos ver a seguir;

Imagem 5- Plano de registro de aulas dos professores/História/ Ensino Fundamental II/9º ano.

PLANO DE REGISTRO DE AULAS DOS PROFESSORES					
ESCOLA:					
PROFESSOR (A):					
SEMANA: 01*				PERÍODO: 02 / 10 /2023 A 06 / 10 /2023	BIMESTRE: 04º
SEMANA: 02*				PERÍODO: 09 / 10 /2023 A 13 / 10 /2023	ANO/SÉRIE: 9º ANO
COMPONENTE CURRICULAR	OBJETO DO CONHECIMENTO	HABILIDADES	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	AValiação	CH DA SEMANA
HISTÓRIA	UNIDADE 7: DITADURAS NA AMÉRICA LATINA Capítulo 01: O golpe de 1964 e os anos de chumbos. Pág. 188 a 195	(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos (EF09HI20) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar (EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura	Direcionamento de Leitura do capítulo: O golpe de 1964 e os anos de chumbos. (Pág. 188 a 191) através de aula expositiva dialogada, dando espaço e tempo para diálogos e dúvidas do discente. Reforço do professor retirando as principais dúvidas do tema e execução da atividade proposta para o dia. Correção das atividades do dia e as pendentes de aulas anteriores.	Atividade e/ou trabalho que aborde a unidade temática, ou a seleção utilizada no livro didático, sempre levando em consideração a avaliação continuada da atividade proposta. Sugestão de atividade do material indicado: questões 01 e 02 da página 197.	03 AULAS
HISTÓRIA	UNIDADE 7: DITADURAS NA AMÉRICA LATINA Capítulo 01: O golpe de 1964 e os anos de chumbos. Pág. 188 a 195	(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos (EF09HI20) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar (EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura	Conclusão do capítulo: O golpe de 1964 e os anos de chumbos. (Pág. 188 a 195) através de aula expositiva dialogada, dando espaço e tempo para diálogos e dúvidas do discente. Reforço do professor retirando as principais dúvidas do tema e execução da atividade proposta para o dia. Correção das atividades do dia e as pendentes de aulas anteriores.	Atividade e/ou trabalho que aborde a unidade temática, ou a seleção utilizada no livro didático, sempre levando em consideração a avaliação continuada da atividade proposta. Sugestão de atividade do material indicado: questões 03 e 06 da	03 AULAS

SEMANA: 03*					
SEMANA: 03*				PERÍODO: 16 / 10 /2023 A 20 / 10 /2023	ANO/SÉRIE: 9º ANO
COMPONENTE CURRICULAR	OBJETO DO CONHECIMENTO	HABILIDADES	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	AValiação	CH DA SEMANA
HISTÓRIA	UNIDADE 7: DITADURAS NA AMÉRICA LATINA Capítulo 02: Outras ditaduras na América do Sul Pág. 199 a 203	(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos (EF09HI20) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar (EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura	Direcionamento de Leitura do capítulo: Outras ditaduras na América do Sul . (Pág. 199 a 203) através de aula expositiva dialogada, dando espaço e tempo para diálogos e dúvidas do discente. Reforço do professor retirando as principais dúvidas do tema e execução da atividade proposta para o dia. Correção das atividades do dia e as pendentes de aulas anteriores.	página 197. Atividade e/ou trabalho que aborde a unidade temática, ou a seleção utilizada no livro didático, sempre levando em consideração a avaliação continuada da atividade proposta. Sugestão de atividade do material indicado: questões 01 a 03 da página 205.	03 AULAS

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Curionópolis.

Tivemos ao longo de 2023, nessa turma 03 horas-aulas de 40 minutos por semana. A classe contou com 30 alunos matriculados, mas que em nosso dia a dia vemos um número pouco menor frequentando diariamente a escola. Isso se deve a vários elementos, como o fato de parte do alunado residir na zona rural do Município e constantemente faltar ônibus para transportá-los, o que evidentemente implica em perda considerável do aprendizado.

Nosso trabalho iniciou-se com a confecção de um diagnóstico da turma sobre os conhecimentos prévios da história local de Serra Pelada através de rodas de conversa e

aplicação de questionário no dia 29 de março de 2023, de onde foram retiradas as informações preliminares que serviram como norte para o início de nossa pesquisa. Nessas rodas abordamos de maneira informal o que os alunos sabiam sobre a história do Município e sua relação com a exploração aurífera onde percebemos que a maioria apenas limitava-se a dizer que “não sabia de nada” ou apenas que “foi retirado muito ouro de lá.”

Com base nessa primeira percepção, utilizamos um questionário com 13 perguntas nas quais buscamos avaliar o grau de instrução dos pais dos estudantes; traçar minimamente um perfil socioeconômico do alunado; interrogá-los sobre o que sabiam sobre a exploração de ouro na região e se tinham algum familiar ou se conheciam pessoas que haviam vivido ou trabalhado em Serra Pelada em época do garimpo.

Segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Segundo Antônio Carlos Gil (1999, p.116), um questionário pode ser definido “[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

A utilização de questionários como metodologia científica não é novidade, assim como não existe um modelo padrão a ser seguido, contudo sua utilização exige alguns cuidados em sua preparação de acordo com os objetivos que se pretende alcançar.

Optamos por um questionário com algumas perguntas fechadas e outras abertas. As fechadas (ou de múltipla escolha) tiveram como objetivo traçar um perfil socioeconômico das famílias e dos alunos, uma vez que entendemos que esse elemento é fundamental dentro do processo de escolarização, afinal em um cenário onde a desigualdade é muitas vezes evidente, compreender o contexto sócio-econômico dos alunos é fundamental para criar estratégias pedagógicas mais eficazes e inclusivas. O acesso a recursos, a influência do ambiente familiar e a estabilidade econômica desempenham um papel fundamental na capacidade do aluno de se concentrar nos estudos, participar ativamente das atividades escolares e alcançar um desempenho educacional satisfatório.

As abertas (nas quais os participantes podem responder livremente as perguntas), tiveram como objetivo compreender quais os conhecimentos que os alunos têm sobre a exploração de ouro em Serra Pelada na década de 1980, e se, em alguma medida, familiares foram atores sociais e participaram nesse processo. Segundo F. N. Mattar (1994), é muito vantajosa a utilização desse tipo de pergunta, pois;

Estimulam a cooperação; permitem avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas; são muito úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o respondente mais à vontade para a entrevista a ser feita; cobrem pontos além das questões fechadas; têm menor poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas; exigem menor tempo de elaboração; proporcionam comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as perguntas com respostas fechadas (MATTAR, 1994, p.105).

Embora o modelo anteriormente citado apresente inúmeras vantagens, o mesmo autor também aponta alguns problemas em relação a esse modelo de perguntas:

Dão margem à parcialidade do entrevistador na compilação das respostas, já que não há um padrão claro de respostas possíveis. Assim, é difícil a codificação das respostas e sua conseqüente compilação; há grande dificuldade para codificar e possibilidade de interpretação subjetiva de cada decodificador; quando aplicadas em forma de entrevistas, podem levar potencialmente a grandes vieses dos entrevistadores; são menos objetivas, já que o respondente pode divagar e até mesmo fugir do assunto; são mais onerosas e mais demoradas para serem analisadas que os outros tipos de questões (MATTAR, 1994, p. 106).

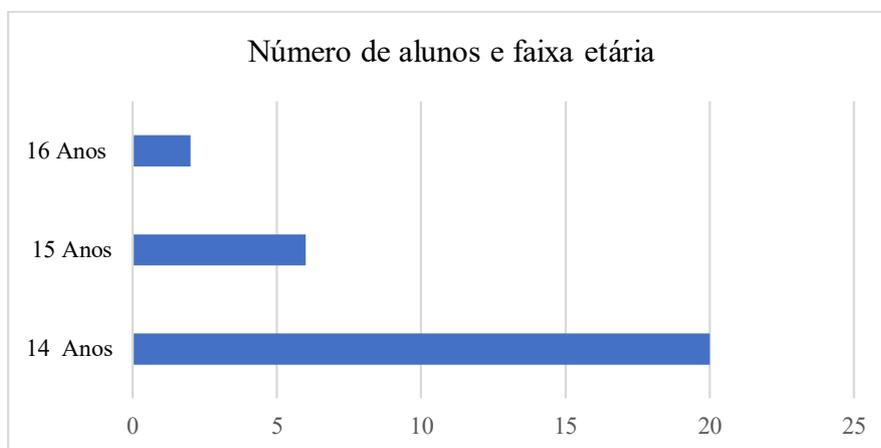
Por isso que uma de nossas primeiras ações, tratou de entender o perfil de nossos alunos, suas perspectivas e expectativas sobre o ensino de história e a realidade local em que vivem. Em nosso questionário, foram feitas as seguintes perguntas:

- 1) Qual sua idade?
- 2) Como define sua cor?
 Negra Parda Amarela Branca
- 3) Qual a escolaridade de seu pai?
 Fundamental incompleto
 Fundamental completo
 Médio incompleto
 Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo
 Pós-graduação
- 4) Qual a escolaridade de sua mãe?
 Fundamental incompleto
 Fundamental completo
 Médio incompleto
 Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo
 Pós-graduação
- 5) Qual a renda média de sua família em salários mínimos?
 Menos de um
 Um
 Até Dois
 Até Três
 Até quatro

- () Até cinco
 () Mais de cinco
 6) Qual a profissão de seus pais?
 Pai: _____
 Mãe: _____
 7) Você trabalha?
 () Não
 () Sim. Com o quê?
 08) Você já ouviu falar em patrimônio histórico? Quais?
 9) O que você sabe sobre a exploração de ouro em Serra Pelada?
 10) Algum familiar ou conhecido seu, trabalhou em Serra Pelada com exploração de Ouro na década de 1980? Conte o que sabe.
 11) Algum familiar ou conhecido seu, que trabalhou em Serra Pelada com exploração de Ouro na década de 1980, ainda tem objetos da época, como fotografias, vídeos, documentos ou ferramentas de trabalho?
 12) Você já assistiu algum filme ou documentário sobre Serra Pelada?
 13) Você sabe qual a origem do Município de Curionópolis e por que ele tem esse nome?

No dia que aplicamos os questionários, 28 alunos estavam presentes, e como afirmamos anteriormente, diversos fatores levam a uma certa inassiduidade dos alunos, e infelizmente não pudemos contar com a presença de todos. Quando a idade dos alunos, ver Tabela 2.

Tabela 2 - Relação entre o quantitativo de alunos e suas idades.



Fonte: Compilação de dados dos resultados do questionário aplicado à turma do 9º ano B da escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitscheck em Curionópolis-PA, em março de 2023.

Como podemos perceber, a maioria dos alunos estão na faixa etária correta de idade ao ano escolar, uma vez que, o objetivo do ensino fundamental é que os alunos concluem essa etapa de ensino até os 14 anos de idade. Pequenas distorções aparecem em função de alguns alunos já terem feito aniversário e outros terem repetido algum ano ao longo de sua jornada educacional.

Concluir os estudos na idade certa permite que os alunos vivam as transições de desenvolvimento social e emocional junto com seus colegas. Além disso, concluir os estudos na idade certa permite que os alunos consolidem os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental II antes de ingressarem no Ensino Médio e auxiliam na diminuição da evasão escolar em sua próxima etapa de estudos.

Quando perguntados sobre como se autodeclaravam em relação a cor da pele, 5 alunos se declararam pretos (17,8%), 19 pardos (67,8%) e 04 brancos (14,2%). A composição racial da turma é um reflexo da diversidade presente na sociedade. Os dados revelam uma heterogeneidade étnica, proporcionando um ambiente que, idealmente, promove a inclusão e a compreensão das diferentes origens culturais entre os estudantes.

A diversidade racial na turma não reflete apenas a realidade demográfica da sociedade, mas também oferece uma oportunidade educacional valiosa. A interação entre alunos de diferentes origens étnicas pode enriquecer o aprendizado, promovendo a empatia, o respeito mútuo e a compreensão das complexidades sociais.

Quanto a escolaridade dos pais, 16 alunos (57,1%) declararam que os pais tem o ensino fundamental (completo ou incompleto); 09 alunos (32,1%) declararam que os pais tem o ensino médio (completo ou incompleto) e 03 alunos declararam que os pais tem ensino superior (completo ou incompleto).

A maioria expressiva, representando 57,1% dos alunos, relatou que seus pais possuem o ensino fundamental, completo ou incompleto. Essa constatação destaca um cenário em que muitos pais podem enfrentar limitações educacionais, o que pode impactar diretamente o suporte que pode oferecer aos filhos em termos de auxílio nos estudos e compreensão das demandas acadêmicas. Por outro lado, 32,1% dos alunos afirmaram que seus pais têm o ensino médio, completo ou incompleto. Esse grupo pode possuir uma base educacional mais sólida, ou que pode se refletir em uma participação mais ativa no processo educacional de seus filhos.

Os dados mostram ainda, que uma parcela menor, composta por 10,7% dos alunos, declarou que seus pais possuem ensino superior, completo ou incompleto. Essa minoria pode enfrentar menos barreiras relacionadas à compreensão dos conteúdos escolares e contar com um apoio maior dos pais em termos educacionais. A análise do grau de instrução dos pais nos ofereceu um importante panorama sobre o contexto socioeconômico dos estudantes e os desafios potenciais que podem surgir no ambiente escolar. Os dados sinalizam uma realidade educacional multifacetada que os alunos trazem de casa tornando mais desafiador para o ensino como um todo.

Quando questionados a respeito da renda *per capita* por família, 20 alunos (71,4%) apontaram que o rendimento familiar é de até 01 (um) salário-mínimo; 06 alunos (21,4%) apontaram renda familiar de até 02 (dois) salários-mínimos e 2 alunos (7,1%) declaram que a família tem uma renda de três salários mínimos ou mais.

Os dados encontrados indicam uma concentração expressiva de famílias com renda mais limitada, apontando para desafios que podem impactar diretamente o contexto educacional dos alunos. A maioria esmagadora dos alunos, representando 71,4% da turma, indicou que suas famílias possuem uma renda *per capita* de até um salário-mínimo. Esse dado reflete uma realidade socioeconômica comum em muitas regiões do Brasil, onde famílias enfrentam desafios financeiros significativos.

A parcela de alunos que indicou uma renda familiar de até dois salários-mínimos, composta por 21,4% da turma, também sinalizando para uma condição socioeconômica desafiadora. Embora essa faixa possa ter acesso a recursos um pouco mais amplos, ainda enfrenta restrições financeiras que podem impactar o suporte educacional e as oportunidades disponíveis para os alunos.

A renda desses dois primeiros grupos está diretamente ligada as profissões exercidas pelos pais apontadas na pergunta posterior: desempregados, donas de casa, vaqueiros, costureiras, garimpeiros¹⁷, diaristas e funcionários públicos. Há de se levar em consideração, que três alunos apontaram receber o Bolsa Família (programa de distribuição de renda do governo federal) e que o benefício era a principal fonte de renda da família, que corrobora com o dado do IBGE apontado anteriormente de que aproximadamente 84% da população municipal, não está formalmente empregada ou ganham até meio salário-mínimo.

Uma pequena porcentagem de alunos, 7,1%, que relatou uma renda familiar de três salários mínimos ou mais, sugere uma minoria dentro da turma com um perfil socioeconômico diferenciado. Esses alunos têm acesso a um ambiente mais favorável em termos de recursos educacionais e atividades extracurriculares, mas é importante evitar generalizações e considerar a diversidade de experiências mesmo dentro desse grupo, e mais uma vez, essa condição financeira está diretamente associada às profissões dos pais tais quais apontadas no questionário por esses alunos: fazendeiro, professora e enfermeira.

Quando perguntados se exerciam algum tipo de trabalho, a resposta que obtivemos é que muitos ajudam nas tarefas de casa ou ainda em pequenas atividades dos pais o que

¹⁷ Embora ilegal, essa atividade ainda é muito exercida na zona rural do município, onde os principais metais extraídos têm sido o ouro e o manganês. Constantemente ocorrem operações da Polícia Federal e Ibama com o objetivo de desarticularem os grupos que atuam nessas áreas.

demonstra, em certa medida, que podem dedicar-se aos estudos e realizarem outras atividades em contraturnos escolares. Essa constatação de que muitos alunos ajudam nas tarefas de casa ou em atividades dos pais, destaca a importância de considerar o contexto familiar ao desenvolver estratégias educacionais. Reconhecer e compreender as realidades vivenciadas pelos alunos fora da escola é crucial para promover uma abordagem educacional sensível às necessidades específicas de cada aluno.

Quando questionados sobre o que sabiam sobre patrimônio histórico, para nossa surpresa, 90% dos alunos responderam que nunca ouviram falar ou ainda que “eram coisas antigas que as pessoas guardavam em casa”, como respondeu o aluno D.O.M. de 14 anos.

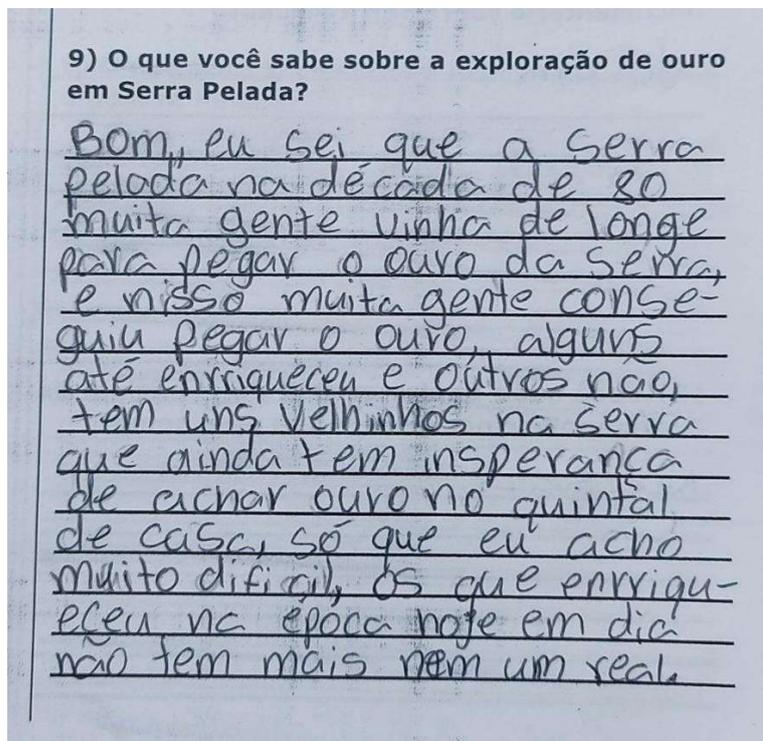
Em relação ao conhecimento que traziam sobre Serra Pelada, as repostas foram variadas: “nada” “não sei”, “tiraram muito ouro de lá; “nunca ouvi falar”; “não sei muito, mas meu pai e meu avô trabalharam lá”, “eu sei que pessoas do país inteiro iam pra lá trabalhar, fora isso não sei mais nada”.

Dentre as várias respostas feitas ao questionário, a que mais nos chamou a atenção foi da aluna V.O.M. de 14 anos de idade que a mãe é enfermeira e o pai fazendeiro na região:

Bom, eu sei que a Serra Pelada na década de 80 muita gente vinha de longe pra pegar o ouro da serra, e nisso muita gente conseguiu pegar o ouro da serra, e nisso muita gente conseguiu pegar o ouro, alguns até enriqueceu e outros não, tem uns velhinhos na serra que ainda tem “insperança” de achar ouro no quintal de casa, só que eu acho muitos difíceis, os que enriqueceu na época hoje em dia não tem mais nem um real¹⁸.

¹⁸ Resposta dada pela aluna V.O.M. de 14 anos, a questão contida no questionário aplicado em 29 de março de 2023. Optamos por manter a fidelidade de sua resposta em termos de grafia.

Imagem 6 - Relato da Aluna V.O.M. de 14 anos sobre seus conhecimentos sobre a exploração de ouro em Serra Pelada.



Fonte: Resposta ao questionário aplicado à turma do 9º ano B da escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitschek em Curionópolis-Pa, em março de 2023.

Percebemos que a resposta da aluna V.O.M. demonstra que nem todos os alunos desconheciam por completo a história do garimpo e não só conheciam como ainda ouviam diversas histórias de vida de pessoas que um dia tiveram muitas riquezas conquistadas à beira da cava e hoje não tem nada, mostrando que há de certa maneira um conhecimento sobre o passado local.

Em relação a participação de familiares no garimpo, ou ainda se tinham objetos guardados que foram utilizados a época, a maioria relatou que chegaram recentemente ao Município com a família em busca de novas oportunidades ou ainda que nenhum familiar seu trabalhou em Serra Pelada, mas outros tiveram pais e avós que atuaram basicamente na função de “formigas”¹⁹ e com o fechamento do garimpo acabaram fixando moradia na região.

Quando instigados sobre o fato de já terem assistido algum filme/documentário sobre a história da região, a maioria apontou desconhecimento sobre, e um aluno respondeu que viu

¹⁹ “Formigas” ou “Saqueiros” eram trabalhadores que retiravam terra dos barrancos em sacos, subindo e descendo as escadas chamadas de “adeus mamãe” pela sua fragilidade e acidentes recorrentes. Recebiam seu pagamento por diária. Geralmente faziam 40 viagens por dia, sendo 20 pela manhã e 20 à tarde.

uma reportagem na Tv local que falava sobre o aniversário do município e trazia como parte de seu conteúdo, a história da extração de ouro na região, mas de maneira muito rápida.

E por fim, quando perguntados sobre a origem do nome do município, dois alunos apontaram ser uma homenagem ao pássaro “Curió” que “tinha um canto muito bonito e era normal as pessoas criarem em casa ou na roça” como respondido pelo aluno K.D.C.S de 15 anos.

Até aqui, buscamos mostrar um panorama da formação e situação atual do município de Curionópolis, perpassando por questões relacionadas a economia, geração de empregos e renda média da população. Para isso buscamos dados em publicações recentes do IBGE para termos informações mais sólidas sobre a realidade na qual estamos inseridos e percebemos que essa análise demográfica revela desafios socioeconômicos, desafios estes, que de forma direta reverberam em nossa sala de aula.

Fizemos uma descrição da rede municipal de ensino de Curionópolis, trazendo dados divulgados pelo Censo Escolar de 2023, como número de alunos matriculados e uma análise do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em 2021, onde propomos uma visão panorâmica entre o IDEB, o nível socioeconômico e a qualidade da educação, enfatizando a necessidade de considerar contextos específicos das escolas.

E por fim, chegamos a Escola Municipal Juscelino Kubitschek que relacionamos dados estatísticos com nossa experiência pessoal ao ingressarmos na rede pública de ensino em 2016, destacando as condições precárias da escola, incluindo falta de estrutura física, materiais e apoio governamental. Destacamos também alguns desafios enfrentados durante o desenvolvimento da pesquisa, como o acidente que resultou em nosso afastamento por um ano letivo e as diversas dificuldades de se trabalhar em um prédio precário onde a escola funcionou de maneira improvisada por um ano e meio.

Buscamos através do questionário aplicado no 9º ano B, traçar um perfil socioeconômico da turma e entender seus conhecimentos prévios sobre a história local da exploração de ouro em Serra Pelada, para a partir dessas respostas entendermos as experiências e conhecimentos trazidos pelos alunos e buscarmos uma base para o desenvolvimento da proposta pedagógica que traremos no próximo capítulo.

Alunos que enfrentam desafios socioeconômicos muitas vezes lidam com barreiras adicionais que podem impactar negativamente seu envolvimento na escola e, conseqüentemente, seu aprendizado. A falta de recursos, a insegurança alimentar, a falta de acesso a atividades extracurriculares e a inadequação das condições de estudo podem criar um ambiente desfavorável ao desenvolvimento escolar.

Ao analisar as respostas, torna-se evidente que as disparidades econômicas entre os estudantes desempenham um papel significativo em suas experiências educacionais. Isso foi percebido através dos questionários onde a maioria dos educandos que vivem em situação de vulnerabilidade social tiveram dificuldade em responder questões sobre a história local, enquanto que aqueles com maior poder aquisitivo e maior grau de instrução dos pais, demonstraram certo conhecimento sobre a história local e do garimpo o que nos mostra uma realidade plural dentro de um mesmo espaço, nos levando a criar uma abordagem mais cirúrgica para darmos conta dessa grande diversidade.

Compreender esse cenário, nos auxilia a pensarmos em metodologias de ensino que sejam atraentes aos alunos e respeitem suas peculiaridades, o que impacta diretamente na forma como vamos trabalhar em sala. Percebemos que o conhecimento sobre a realidade local não é o mesmo entre todos os alunos, o que nos leva a pensar em estratégias de ensino que abracem essas disparidades.

Pensando nesse conjunto de questões, elaboramos como produto educacional desta pesquisa uma sequência didática dividida em cinco planos de aula que tem como objetivo proporcionar aos alunos a experiência de conhecerem a história sobre a exploração de ouro na serra pelada na década de 1980. Para isso, utilizaremos os jornais como fonte histórica buscando relacionar o presente e passado levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos para proporcionar uma experiência educacional que gere sentido e significado ao que aprendem e que valorize a história local.

CAPÍTULO III

O uso do jornal em sala de aula: prática pedagógica em uma escola pública do município de Curionópolis-PA.

Neste capítulo, iremos demonstrar de que maneira aplicamos nossa metodologia de trabalho em sala de aula e quais os resultados obtidos ao longo do processo. Para isso faremos uma breve abordagem teórica sobre o uso de jornais no ensino, apresentaremos os objetivos de cada sequência, o plano de aula, a execução, a avaliação dos novos conhecimentos adquiridos e a análise dos resultados obtidos, em outras palavras, é a hora de mostrarmos nosso “chão de sala de aula.”

Na década de 1970, ainda poucos estudos utilizavam jornais e revistas como fontes para entender a história no Brasil. Apesar da imprensa já ser importante no país e haver muitos materiais sobre jornais e jornalistas, não se usava muito esses documentos para escrever sobre a história através da imprensa.

Tania Regina de Luca (2008, p. 111), observa que durante o século XIX e no início do século XX, havia uma tradição de buscar a verdade dos fatos através de documentos. Os historiadores achavam que podiam encontrar essa verdade usando documentos objetivos, neutros e confiáveis, que estivessem distantes do tempo em que viviam constituindo assim o que chamaríamos de escola positivista. Os jornais, por outro lado, pareciam inadequados para isso, pois eram vistos como registros do presente, cheios de interesses, compromissos e opiniões pessoais, em vez de serem vistos como fontes neutras e confiáveis.

Conforme destacado por André Neto (2001), essa abordagem teve impactos significativos no ensino da história. Durante muito tempo, a disciplina restringiu-se ao ensino e à memorização de datas, nomes e eventos relacionados à vida de reis, imperadores, vencedores e acontecimentos políticos, priorizando os acontecimentos em detrimento dos processos históricos.

Mesmo quando a Escola dos Annales começou a criticar essa ideia na década de 1930, não fez com que os jornais fossem imediatamente reconhecidos como importantes para entender a história. Eles continuaram sendo considerados menos importantes. Reconhecer o valor dos jornais na produção de conhecimento histórico foi um processo que levou tempo e envolveu mudanças nas ideias e métodos dos historiadores.

A prática de escrever história mudou bastante nas últimas décadas do século XX. Na França, a terceira geração dos Annales fez mudanças significativas. Eles reconheciam a

importância das questões estruturais ao longo do tempo, assim como os estudos econômicos e demográficos baseados em dados estatísticos. No entanto, também propunham novos objetos, problemas e abordagens. Eles incorporavam análises de outras áreas das Ciências Humanas, como Sociologia, Psicanálise, Antropologia, Linguística e Semiótica. Isso não só promovia a interdisciplinaridade, mas também levantava questões sobre os limites da própria disciplina histórica, que se tornavam cada vez mais difíceis de definir (LUCA, 2008).

No campo educacional, os *Annales* tiveram uma contribuição significativa para o desenvolvimento de métodos de ensino que enfatizam a interdisciplinaridade, a diversidade de fontes e novas abordagens temáticas. Isso direcionou o foco da disciplina para aspectos da vida social que anteriormente eram explorados apenas por outras áreas do conhecimento (PEREIRA; SEFFNER, 2008).

Renilson Rosa Ribeiro, aponta que no Brasil, as discussões sobre o ensino de história foram aprofundadas no século XX, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, após o período da ditadura. Durante esse tempo, houve uma preocupação constante em enfatizar a importância de formar alunos com pensamento crítico e autonomia intelectual (RIBEIRO, 2015). Isso surge a partir da constatação de que quando a história ensinada não se conecta com a experiência de vida dos alunos, é comum que as aulas não despertem interesse, levantando dúvidas sobre a utilidade da disciplina e o motivo de estudá-la. Por isso, o uso de fontes em sala de aula pode ser considerado um recurso valioso para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e conhecimento da história local de forma plural e inclusiva.

O uso de diferentes fontes ajuda a conectar o conteúdo com a realidade dos alunos, possibilitando a discussão e o debate de diferentes perspectivas. Isso estimula os alunos a desenvolverem um olhar crítico sobre as relações sociais e as dinâmicas históricas, contribuindo para a formação de uma consciência histórica mais ampla e profunda. Dessa forma, a fonte em sala de aula auxilia no processo de ensino dos alunos e da sua compreensão de si, de suas identidades, do local em que vivem e do meio no qual pode intervir diretamente através de suas ações.

Nesse sentido, o uso de documentos pode ajudar os alunos a se identificarem com sua própria realidade, pois os documentos podem ser vistos e interpretados como ferramentas para a construção do conhecimento, não como fatos conclusivos em si mesmos. Isso envolve questionamento, interpretação e problematização.

Carlo Monti (2019), citando Hardalla Santos do Vale, Eduardo Arriada e Lisiane Costa Claro (2010), observa que os autores discutem o uso da imprensa como uma fonte de conhecimento histórico, destacando que as fontes não se limitam apenas a marcar o tempo, mas

também ajudam a compreender a complexa teia de fatores que compõem a história, incluindo as relações sociais e a influência de interesses econômicos e políticos nos eventos históricos.

O uso dessas fontes em sala de aula, conferem uma nova perspectiva aos eventos históricos, evidenciando o papel da imprensa como polo de reunião e disciplinação de forças e instrumentos de intervenção no espaço público. Os jornais, não são apenas veículos de informação, mas também representam um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Assim, o conteúdo jornalístico reflete não apenas os atores sociais que o produzem, mas também o contexto em que é construído. Portanto, é essencial considerar a dimensão ideológica presente na produção e leitura dos jornais e periódicos ao utilizá-los como fontes para o ensino de história (LUCA, 2008).

Portanto, ao utilizar jornais e periódicos como fonte no ensino de história, é crucial considerar o viés ideológico presente tanto na produção quanto na leitura do texto na época em que foi criado. Isso nos leva a examinar não apenas as peças textuais em si, mas também o contexto histórico em que foram produzidas. Dado o grande volume de fontes disponíveis, é essencial que os professores realizem uma delimitação clara dos cenários e tópicos envolvidos no processo de ensino.

Podemos então inferir que a leitura de um recorte temporal do passado se desenvolve em torno das fontes e do contexto socioinstitucional de produção do conhecimento. A intervenção do professor ocorre quando ele seleciona uma fonte específica de um conjunto de dados e, por meio dela, apresenta a história, estimulando a construção do conhecimento e o pensamento crítico dos alunos.

É fundamental orientá-los a construir sentido no que aprendem em história, por meio da observação, descrição, comparação e análise das fontes, que são o alicerce da construção histórica. No entanto, é importante adotar um procedimento pedagógico que leve os alunos a superar a ideia errônea de que a fonte é uma prova absoluta da verdade ou do acontecido. É necessário esclarecer que toda fonte é um fragmento de memória, um vestígio de um tempo vivido, que pode representar situações e épocas de forma subjetiva.

Nesse contexto, a imprensa se destaca como uma fonte histórica de grande valor no ambiente escolar, já que sua produção é uma prática amplamente difundida na sociedade atual. Isso proporciona aos alunos uma compreensão mais fácil das especificidades dessa fonte, como seus atores sociais, interesses e público-alvo. Além disso, o uso da imprensa escrita na sala de aula estimula os alunos a adotarem uma visão crítica sobre os jornais cotidianos e as informações veiculadas por eles.

Dessa forma, destacamos que a imprensa assume um papel importante nesse cenário, uma vez que as fontes são muito ricas em disponibilidade e abundância. Além disso, através da imprensa, percebemos situações concretas que refletem as especificidades reveladoras das informações divulgadas em determinado momento histórico. Isso nos leva a observar não apenas as informações presentes nas notícias da época em que foram produzidas, mas também nos instiga a investigar o viés ideológico nelas contido.

Como citando anteriormente, Circe Bitencourt afirma que há diversas maneiras de utilizar jornais como fontes históricas, incluindo a análise dos conteúdos das notícias políticas, econômicas e culturais, bem como da forma como essas notícias são apresentadas. Além disso, destaca a importância de examinar propagandas, anúncios, fotografias e a distribuição dessas informações nas diferentes partes do jornal, entre outros aspectos (BITTENCOURT, 2009, p. 335).

A observação da autora, ressalta a multiplicidade de possibilidades que os jornais oferecem como fontes históricas. Ao analisar os conteúdos das notícias, seja sobre questões políticas, econômicas, culturais ou outras áreas, é possível obter diversas informações de determinado período histórico. Além disso, a forma como as notícias são apresentadas revela aspectos importantes da sociedade da época, como valores, crenças e narrativas dominantes.

Além das notícias, os jornais também contêm uma variedade de outros elementos que podem ser estudados para entender melhor o contexto histórico. As propagandas, por exemplo, oferecem meios para compreendermos quais os produtos, serviços e ideais que estavam em voga na sociedade. Os anúncios dos classificados podem revelar informações sobre o mercado de trabalho, os padrões de consumo e até mesmo aspectos demográficos da população. As fotografias e ilustrações presentes nos jornais proporcionam uma análise visual do período em questão, capturando momentos da vida cotidiana, eventos importantes e mudanças sociais.

Além disso, a disposição e organização desses elementos dentro do jornal também são significativas. A análise da estrutura do jornal, como a hierarquia das notícias, a quantidade de espaço dedicado a cada seção e a presença de determinados temas em destaque, nos fornece informações sobre as prioridades editoriais, os interesses do público-alvo e até mesmo o viés político ou ideológico do veículo de comunicação.

Portanto, a utilização de jornais como fontes históricas é uma prática rica e diversificada, que permite aos historiadores explorar uma ampla gama de aspectos da sociedade e da cultura de determinada época. Ao examinar não apenas o conteúdo das notícias, mas também os diversos elementos que compõem o jornal, é possível obter uma compreensão mais profunda e

abrangente do contexto histórico em questão e proporcionar aos educandos, uma reflexão mais crítica sobre diversos aspectos de sua vida cotidiana.

Partilhando dessa mesma perspectiva Daniel Augusto Pereira Marcílio, aponta que:

Nas aulas de história, documentos produzidos pela imprensa podem ser interessantes recursos didáticos. Afinal, fontes como os jornais permitem múltiplas formas de abordagem, levando à reflexão sobre diversos aspectos teóricos e metodológicos de uma proposta educacional. Uma reportagem, uma fotografia, charge ou texto de opinião trazem elementos ricos para desenvolver uma estratégia pedagógica, indo além de uma simples ilustração das temáticas que estão sendo abordadas. Além disso, o jornal é um formato de publicação que, de alguma maneira, todos alunos já devem ter se deparado em um determinado momento, mesmo que não sejam leitores assíduos desses impressos. Esses documentos carregam uma estrutura peculiar, possuem linguagens próprias e representam uma parcela significativa da experiência humana nos períodos mais recentes da história e, por isso, devem ser analisados a partir do contexto em que foram produzidos. Eles são manifestações representativas do passado, vestígios de um esforço para representar a passagem do tempo, memórias de um passado que expressam relações sociais (MARCÍLIO, 2022, p. 02).

Portanto percebemos que o uso de jornais em sala de aula enquanto fonte histórica e suas múltiplas possibilidades de análise, é um meio riquíssimo para a construção de um ensino crítico sobre a realidade vivida dos educandos, assim como o conhecimento de determinadas realidades dentro de uma perspectiva de espaço-tempo que de alguma maneira esteja relacionada a realidade vivida pelos estudantes, atribuindo assim, sentido e significado ao que aprendem nas aulas de história.

Enquanto professores, uma parte fundamental dentro de nosso fazer pedagógico é o planejamento. Nas aulas de História, uma distinção evidencia-se. A meta de desenvolver um cidadão social capaz de contemplar diversas experiências humanas em distintos momentos e lugares impõe ao educador a responsabilidade de estabelecer princípios teórico-metodológicos. Esses princípios tornam-se elementos integrantes na estruturação das aulas de todos os professores.

Segundo Crislane Barbosa Azevedo (2013, p.3), “o planejamento é um processo que exige organização e sistematização de ideias tendo em vista a tomada de decisões em prol da garantia da eficiência e da eficácia de uma ação, seja qual for a esfera de tal ação,” afinal, ao planejarmos nossas ações criamos meios pelos quais demonstramos nossa intencionalidade pedagógica, pois:

[...] o ato de planejar está presente em vários setores da vida social. Do ponto de vista educacional, podemos afirmar que o planejamento é um ato político-pedagógico posto que é detentor de intenções. Tal intencionalidade expõe o que desejamos realizar e o que pretendemos atingir. Ao pensarmos no trabalho escolar executado a partir da

disciplina História, essa intenção torna-se mais específica e explícita no que se refere à formação de um tipo de homem e de sociedade (AZEVEDO, 2013, p.3).

Ao desenvolver seu planejamento, o professor de História imprime sua concepção de educação e sua abordagem à disciplina. É crucial que ele tenha um entendimento consistente de seus fundamentos teórico-metodológicos, a fim de evitar simplificações que possam resultar em impactos negativos no processo de ensino-aprendizagem. Esse conhecimento é fundamental para que o educador tenha clareza quanto aos objetivos que pretende alcançar por meio de sua prática teórico-metodológica. De acordo com Azevedo e Stamatto:

Em decorrência da grande variedade de correntes de pensamento que influenciaram o ensino de História no Brasil, [...], muda-se não apenas o lugar do aluno no processo didático, modifica-se, igualmente, o lugar ocupado pelo professor. Este pode variar desde aquele caracterizado pela transferência de informações: sendo um reprodutor de conteúdos elaborados por outrem; passando pelo lugar daquele que ao problematizar os conteúdos históricos a partir da realidade de seu público escolar provoca reflexão em seus alunos: sendo um orientador crítico e reflexivo; até aquele lugar definido pela orientação de ações didáticas que incorporam o instrumental básico da produção do conhecimento histórico (fontes e métodos): sendo, o professor, um orientador da aprendizagem e produtor de conhecimentos contextualizados, por exemplo. Esse fato aponta para a importância do conhecimento também de diferentes teorias da história e suas relações com o ensino escolar. (AZEVEDO; STAMATTO, 2010, p.77):

De acordo com Paulo Roberto Padilha (2001), o ato de planejar consiste, pontualmente, sempre em um processo de reflexão, de tomada de decisões sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações. Planejamento, em sentido amplo, significa por sua vez um processo que “visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro” (PADILHA, 2001, p. 63).

Para Amélia Castro (2012), é de fundamental importância que o professor elabore seu planejamento de maneira a que seu fazer pedagógico tenha sentido para o aluno, pois sua mensagem “será recebida se tiver significação para o aprendiz e tanto mais construtiva para sua personalidade, quanto mais puder ampliar a sua autonomia” (CASTRO, 2012, p. 17). Dessa forma é que, no exercício do planejamento, o professor necessita lançar mão de ações que se interligam na prática docente: decidir, prever, selecionar, escolher, organizar, avaliar, refletir sobre o processo antes, durante e depois da ação concluída.

A preparação da aula é uma tarefa indispensável e, assim como o plano de ensino, deve resultar em um documento escrito que servirá não só para orientar as ações do professor como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos.

Dentre as várias possibilidades metodológicas que temos para o ensino de história, optamos por criar como produto pedagógico uma sequência didática composta por cinco planos de aula sobre a história do garimpo de serra pelada para os alunos do 9º do ensino fundamental, onde tivemos como lócus de pesquisa, a escola Municipal Juscelino Kubitschek localizada no município de Curionópolis no Pará.

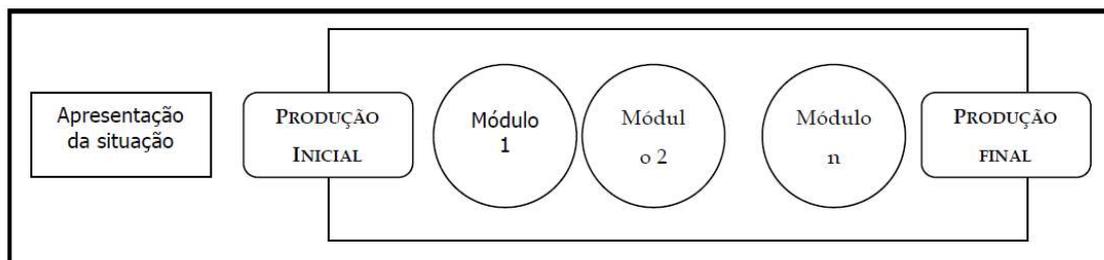
Neste trabalho, utilizaremos os conceitos de Dolz, Noverraz e Schneuwly, que entendem por sequência didática “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96). De acordo com os autores, sua finalidade é:

[...] de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou a faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos e sobre gêneros públicos e não privados (...) (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.97).

Os autores propõem ainda, uma estrutura para a construção de uma sequência didática dividida em quatro momentos;

- 1. Apresentação da situação:** descrição detalhada da tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos realizarão;
- 2. Produção inicial:** elaboração de um primeiro texto inicial (oral ou escrito) correspondente ao gênero trabalhado;
- 3. Módulos:** atividades e/ou exercícios que dão os instrumentos necessários para o domínio do gênero em questão;
- 4. Produção final:** o aluno poderá colocar em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados.

Imagem 7 - Estrutura de uma sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly.



Esquema extraído de: (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.97).

A metodologia baseada no modelo de sequência didática acima e seus elementos constitutivos, nortearam a produção de nossa sequência didática.

Corroborando com a mesma perspectiva, temos o modelo proposto por Antoni Zabala (1998). De acordo com o autor, sequências didáticas são:

Um conjunto de atividades ordenadas e articuladas que possuem um objetivo educacional próprio que é o de “introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm do papel que cada uma delas tem no processo de aprendizagem [...] (ZABALA 1998, p.54).

Neste sentido, o uso de fontes como os jornais em uma sequência didática, além de problematizadas e contextualizadas, devem ser trabalhadas de forma articulada entre eles, através de temáticas relacionadas entre si, para que possibilite uma aprendizagem processual e contínua dos estudantes.

Também contribuem para nosso trabalho as discussões da autora portuguesa Isabel Barca (2004) ao propor um novo modelo de ensino para atender às realidades educacionais portuguesas, denominado aula-oficina que ao chegar ao Brasil, passou por mudanças para melhor ser utilizada dentro do país, que segundo Lindamir Zeglin Fernandes (2008), passou a ser chamada de Unidade Temática Investigativa. Nossa escolha está relacionada à compreensão de que essa metodologia pode dar condições aos estudantes para agirem como protagonistas na construção de seu próprio conhecimento histórico. Esse modelo de aula nos permite entender que as ideias prévias e as experiências vivenciadas ao longo do tempo possibilitam aos alunos e professores se verem como investigadores, com o propósito de compreender o aprendizado histórico. Outro aspecto fundamental está relacionado à perspectiva de trabalhar com fontes documentais e conhecimentos históricos prévios dos alunos na produção do conhecimento histórico na sala de aula.

A autora destaca como fruto de suas pesquisas a comparação entre três “modelos” de aula, os quais são classificados, como: aula-conferência, aula-colóquio e aula-oficina. Ao se referir à aula-conferência, a autora atribui métodos de ensino "tradicionais", nos quais o conhecimento está centralizado no professor, enquanto o aluno é apenas um receptor desse ensino, com a função de memorizar fatos históricos sem questionar ou refletir sobre o conteúdo ensinado. Esse método resulta na repetição monótona dos conteúdos pelos alunos, pois estes apenas absorvem o conhecimento.

Há ainda um segundo modelo de aula classificado como aula-colóquio, que se fundamenta nos princípios tecnicistas e enfatiza o ensino objetivo e operacional. Nessa prática, a ação educativa não se baseia apenas na programação de conteúdos, permitindo ao professor utilizar suas experiências, recursos pedagógicos e tecnológicos, bem como diversas estratégias em sala de aula. No entanto, o professor ainda ocupa uma posição central no processo de ensino e aprendizagem, sem considerar o conhecimento prévio dos alunos ou o desenvolvimento do pensamento histórico.

E o terceiro modelo apontado pela autora é a aula-oficina. Nesse método, o aprendizado não depende exclusivamente do conhecimento do professor; esta passa a assumir o papel de investigador social, enquanto o aluno é considerado um agente ativo na construção de seu próprio conhecimento. A aula-oficina valoriza as experiências e o conhecimento histórico dos estudantes, e o professor busca compreender os conceitos concebidos pelos alunos, ajudando-os a modificar positivamente essas concepções.

Segundo Barca (2004), esse modelo apresenta resultados significativos, pois permite que os alunos sejam vistos como agentes ativos em seu próprio processo de aprendizagem, com atividades diversificadas e intelectualmente desafiadoras, que são realizadas por eles e integradas na avaliação:

Primeiramente o professor deveria selecionar um conteúdo, perguntando aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecionar as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferência e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. A aula-oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado (BARCA, 2013 apud CAINELLI; TOMAZINI, 2017, p. 17).

Neste modelo pedagógico, o professor assume o papel de intermediário e/ou pesquisador social, bem como organizador das atividades voltadas para a problematização do conhecimento histórico. Schmidt e Cainelli (2004, p. 30) ressaltam que "ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, transformando temas e problemáticas em narrativas históricas em cada aula de história". Para alcançar esse objetivo, novas metodologias devem ser adotadas no ensino de História, incluindo o uso de fontes documentais como uma oportunidade para a aprendizagem histórica.

As autoras enfatizam que os novos métodos para o ensino de História, como a aula-oficina, propõem uma prática docente que se afasta da imagem do "professor-enciclopédia", buscando a construção de um "professor-investigador", que contribui para a construção do conhecimento de seus alunos.

Nesse sentido, Barca (2004) destaca que o professor, ao planejar suas aulas, deve dar maior importância às competências a serem desenvolvidas, não se preocupando apenas com o conteúdo a ser ensinado. Ao valorizar o desenvolvimento das competências, espera-se que estas englobem o domínio da cronologia, o conhecimento e a compreensão de temas em profundidade, a interpretação histórica (interpretação de fontes) e a comunicação. Assim, a elaboração das aulas deve ser realizada cuidadosamente, possibilitando um aprendizado sistematizado e significativo, que não se limite à mera aquisição cumulativa de conteúdo.

Cainelli e Tomazini (2017, p.20) quanto ao uso de fontes, destacam a importância do uso de certa variedade no ensino de História, salientando que o professor deve considerar a perspectiva de cada documento e planejar diferentes momentos para sua análise. Isso permite que os alunos tenham uma visão multifacetada de um personagem ou evento histórico.

Conforme observado pelas autoras (2017, p. 20), "seria mais significativo a análise ser feita em momentos diferentes para, a partir disso, buscar semelhanças e diferenças oportunizando, aos alunos, perceber os distintos pontos de vista." Dessa forma, o professor pode empregar diversas fontes em sua prática pedagógica, oferecendo ferramentas para que os alunos confrontem suas ideias pré-concebidas com as concepções historiográficas, contribuindo para a construção do conhecimento histórico e para a formação educacional dos estudantes.

Ainda sobre o uso diversificado de fontes, Carlo Monti, citando Janaina Correa, observa que:

O processo de diversificação das fontes leva a uma dinamização das práticas de ensino e aprendizagem, dessa forma o aluno tem a possibilidade de entrar em contato com o conteúdo histórico através de um processo muito mais dinâmico e atrativo. Do mesmo modo, o uso de fontes também auxilia na aproximação da realidade do aluno, possibilitando a discussão e o debate de diferentes visões, ao proporcionar o maior

estímulo diante da complexidade cultural e da experiência histórica do homem (MONTI, 2019, p.04).

Ao ter acesso a uma variedade de fontes, os alunos são incentivados a se envolver de forma mais ativa no estudo da história, tornando o processo de aprendizagem mais estimulante. Além disso, Monti (2019) ressalta o papel das fontes na aproximação da realidade dos alunos. Ao utilizar diferentes fontes, os professores podem oferecer aos alunos a oportunidade de explorar e debater diferentes perspectivas sobre eventos históricos e questões culturais. Isso permite uma compreensão mais completa e rica da complexidade da experiência humana ao longo do tempo, assim como demonstra o potencial das fontes diversificadas para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem da História, tornando-o mais dinâmico, envolvente e relevante para os alunos.

Nessa ótica, é fundamental que o emprego de documentos em sala de aula seja guiado por critérios adequados ao nível de aprendizado e maturidade dos estudantes. Desse modo, ao incorporar documentos para fins pedagógicos, é incumbência do professor adotar abordagens metodológicas que os tornem envolventes e capazes de estimular o interesse e a curiosidade dos alunos. A seleção criteriosa desses materiais para uso didático demanda atenção por parte dos educadores, pois a complexidade de compreensão pode suscitar resistência por parte dos discentes. Conforme destacado por Bittencourt:

Na escolha é necessário lembrar que eles devem ser motivadores e não se podem constituir em textos de leitura que produza mais dificuldades do que interesse e curiosidade. O objetivo é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais. É preciso cuidado para que os documentos forneçam informações claras, de acordo com os conceitos explorados, e não tornem difícil a compreensão das informações. A má seleção deles compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material. (BITENCOURT, 2011, p. 330-331).

No desempenho de sua profissão, o historiador imerge nas fontes documentais, empregando conceitos e categorias que o capacitam a explorá-las. No entanto, os estudantes não possuem o mesmo arcabouço teórico e metodológico para tal empreendimento, o que ressalta a importância do papel do professor em facilitar o acesso dos alunos a esses documentos, tornando a experiência agradável e descomplicada. Como facilitadores, os educadores devem guiar seus alunos para compreender a "operação historiográfica" por meio do trabalho com as fontes documentais.

Nessa perspectiva, Renata Fratini (2009) argumenta que ao empregar documentos para fins pedagógicos, os professores não devem almejar transformar os estudantes em "historiadores". No entanto, podem orientá-los a percorrer parte do trajeto seguido pelos pesquisadores, pois:

[...] ao elaborar uma situação-problema, elencar indagações, levantar hipóteses, analisar o conteúdo da fonte, construir argumentos para a compreensão da realidade estudada, produzir sínteses conferindo significação ao conhecimento construído. Assim, atitudes de observação, descrição, identificação, argumentação, avaliação passam a ser incorporados no cotidiano das aulas de História [...] (LUPORINI, 2002, p. 327, apud. FRATINI, 2009, p. 07).

Conforme a autora, o desafio para os professores reside em conceber e implementar ações criativas que possam alterar a relação e a percepção dos alunos em relação aos documentos. Nesse contexto contemporâneo, há uma ampla gama de recursos tecnológicos disponíveis, os quais podem proporcionar soluções inovadoras para as atividades educativas envolvendo documentos históricos.

Outro ponto fundamental dentro de nosso processo de pesquisa, foi a elaboração dos planos de aula que compõe a sequência didática, onde compartilhamos da compreensão de Crislane Barbosa Azevedo que define o plano de aula como “o detalhamento do plano de ensino” onde as unidades temáticas são especificadas e sistematizadas para uma situação didática real (AZEVEDO, 2013, p.10). A autora ainda nos exorta sobre a existência de diversos modelos de plano de aula, mas que todos tem uma estrutura comum composta por uma sequência articulada de fases, ou seja, precisa obedecer a uma lógica. Essa lógica dentro do processo de construção do plano é composta pelos seguintes elementos:

a) definição e apresentação dos objetivos e conteúdos; b) desenvolvimento da matéria com base em métodos, técnicas e recursos; e, c) verificação da consolidação da aprendizagem dos alunos por meio de atividades (exercícios, sistematização, leituras interpretativas etc.) (AZEVEDO, 2013, p. 11).

A confecção de um plano de aula envolve uma série de critérios importantes para garantir a eficácia do processo de ensino e aprendizagem, como demonstrado acima. Os três critérios mencionados - definição e apresentação dos objetivos e conteúdo, desenvolvimento da matéria com base em métodos, técnicas e recursos, e verificação da consolidação da aprendizagem dos alunos por meio de atividades - desempenham papéis fundamentais na estruturação e execução do plano de aula.

A partir de agora, passaremos a demonstrar de que maneira concebemos nossos planos de aula, sua execução em sala, e quais resultados obtivemos, levando em consideração que nosso principal objetivo foi motivar a participação dos alunos no processo de ensino com o intuito de fazê-los protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

3.1. Primeira Sequência Didática.

Em nossa primeira sequência didática, tivemos como objetivo proporcionar aos educandos uma reflexão a respeito do governo militar no Brasil (1965-1985), e de que maneira conceberam projetos de integração para o país e para a Amazônia passando pela construção de estradas e a implantação de projetos de colonização. Fizemos isso através de uma aula expositiva e dialogada utilizando fotografias da construção da Transamazônica e recortes de texto que traziam a visão do governo sobre a Amazônia e o Nordeste na década de 1970.

QUADRO 1 - Sequência I

Plano de Aula 1: Governo Militar e os Grandes Projetos na Amazônia	
Objetivo geral	Compreender o contexto histórico do Governo Militar no Brasil e sua atuação na Amazônia.
Objetivos específicos	1. Compreender a conjuntura política, social e econômica do Brasil na década de 1980. 2. Contextualizar o processo de ocupação do sul e sudeste do Pará pós-1964.
Conteúdo	- O governo militar no Brasil e os projetos de ocupação na Amazônia. - O processo de ocupação do sul e sudeste do Pará pós-1964. - O surgimento de Serra Pelada.
Competências e Habilidades (BNCC)	- Analisar diferentes fontes históricas. - Contextualizar eventos no tempo e espaço.
Materiais	- Mapas, imagens e textos sobre o Brasil 1970.
Metodologia	1. Breve discussão sobre os conhecimentos prévios dos alunos sobre a Serra Pelada na década de 1980. 2. Utilização de data-show para a aula expositiva e dialogada sobre a conjuntura do Brasil e da Amazônia na década de 1970.
Avaliação	- Participação na discussão em sala de aula. - Texto escrito sobre as impressões dos alunos sobre a aula ministrada e de que maneira ela contribuiu para a compreensão da história do Brasil e da Amazônia na década de 1970.
Tempo	03 (três) horas-aula de 45 minutos.

Iniciamos o procedimento informando aos alunos que nas próximas semanas, nos dedicaríamos a um projeto de pesquisa sobre a história local de Serra Pelada, focando especificamente na atividade de garimpo na década de 1980. Cada aula a partir de agora, abordaria uma temática diferente, contudo dialogavam em seu processo objetivando a construção do conhecimento histórico sobre nosso objeto de estudo.

Destacamos a importância da participação e envolvimento deles nas atividades como elementos cruciais para o êxito do projeto. Para acompanhar o progresso e a contribuição de cada um, utilizamos um "caderno de bordo" que não só documentou a participação deles durante as aulas, mas também serviu como base para a elaboração deste capítulo.

Embora tenhamos utilizado o formulário presente no capítulo anterior como guia para o desenvolvimento de nossas atividades em sala, escolhemos como ponto de partida compreender o que os alunos traziam de conhecimentos prévios sobre os assuntos a serem desenvolvidos, só que agora, ao invés de termos respostas escritas, para correção exclusiva do professor, poderíamos socializar as respostas dos alunos com toda a turma, e para isso fizemos a seguinte provocação: “ - O que sabem sobre a história do garimpo de Serra Pelada?”

Esperávamos uma participação maior da turma nesse primeiro momento, mas tivemos poucas participações e recebemos como respostas “não sei nada”, “já ouvi falar um pouco que lá tinha muito ouro” ou ainda “nunca ouvi falar”. Essas colocações fazem parte de um determinado momento econômico no município de Curionópolis no qual grandes empresas estavam instalando-se na cidade, e como é de praxe na região de Carajás como um todo, geralmente a mão de obra especializada é oriunda de trabalhadores de outros Estados que vêm junto com suas famílias e se instalam na cidade, por isso certo desconhecimento da história local.

Contudo, a resposta de uma aluna nos chamou a atenção, que respondeu que “seu avô foi garimpeiro em Serra Pelada e que trabalhou muito pesado, mas que não conseguiu tirar muito ouro, enquanto teve amigos que trabalhavam ao lado dele e ficaram ricos.” Percebemos que após a resposta dela, os alunos próximos começaram a questioná-la em voz baixa quanto ouro seu avô tinha tirado, e ela respondeu que não sabia. O burburinho espalhou-se pela sala e já tivemos nesse primeiro momento uma mudança de comportamento dos alunos que até então demonstravam-se passivos diante da aula e a partir da fala da aluna começaram a querer saber um pouco mais sobre o conteúdo que seria abordado. É importante salientar que uma aula expositiva não é feita somente da fala do professor, mas também das ideias e perguntas que surgem ao longo do processo.

No segundo momento, demos início a aula expositiva onde iniciamos falando sobre algumas características dos governos militares entre elas o autoritarismo, a perseguição a opositores políticos e a criação da Doutrina de Segurança Nacional. Após apresentarmos a conjuntura do país, mostramos os principais elementos que viriam a caracterizar o PIN (Programa de Integração Nacional) e de que maneira teria um impacto direto na região Amazônica principalmente pela construção de estradas e distribuição de terras.

Foi necessário demonstrar aos alunos qual seria o objetivo (por meio do PIN) da construção de uma estrada que interligasse as regiões Norte-Nordeste. Além do intuito da integração do país por meio das estradas, mostramos aos alunos que os interesses do governo também seriam retirar as pessoas da seca no Nordeste e trazer para a Amazônia, vista a época como uma região com baixo povoamento, resolvendo ao mesmo tempo dois problemas: a fome gerada pela seca no Nordeste e a baixa ocupação do território amazônico.

Para isso, além da projeção no *Datashow*, distribuimos aos alunos os documentos utilizados na projeção, em uma folha A4 para que pudessem manusear com mais facilidade. Esses documentos consistiram em duas falas de autoridades, uma sobre a situação da seca no Nordeste e outro da importância da construção da transamazônica, além de uma fotografia de uma placa que marcou o início da construção da rodovia.

Ao final da explicação explicitamos aos alunos que boa parte da região sul e sudeste do Pará, foi colonizada como consequência da abertura dessa estrada, inclusive o lugar onde estávamos, e como um de seus desdobramentos, atraiu centenas de migrantes vindos de várias partes do país, mas principalmente do Estado do Maranhão. Quando fizemos essa afirmação, durante a explicação, questionei a turma se havia alguém nascido lá ou se tinham familiares com origem maranhense, e para nossa surpresa vários alunos indicaram essa origem.

A partir da percepção dos alunos, conseguimos demonstrar que a presença de todos nós naquele município, era fruto direto dessa política governamental e em grande parte da construção da transamazônica, e esse foi um *insight* fundamental para o desenrolar das próximas atividades que viriam a ser realizadas. Para desenvolvimento dessa aula, utilizamos 60 minutos, deixando os 30 que ainda nos restavam para realizarmos uma avaliação do que foi estudado.

Como avaliação, além da participação dos alunos no debate, propusemos a realização de três questões escritas utilizando os documentos que foram estudados (QUESTÕES 1,2 e 3). Para isso, utilizamos os documentos presentes no quadro abaixo e posteriormente propusemos três questões com o intuito de avaliarmos a forma como os alunos refletiram sobre eles, como demonstrado a seguir:

QUADRO 2 -Sequência I

DOCUMENTO 01

“Aqui vim para ver, com os olhos da minha sensibilidade, a seca deste ano, e vi todo o drama do Nordeste. Vim ver a seca de 70 e vi o sofrimento e a miséria de sempre. [...] Vim ver e Vi. [...] Vi o homem. Falei a esse flagelado. Vi seus farrapos, apertei a sua mão... [...] Vi o sofrimento de homens moços...” (MÉDICI, Emílio Garrastazu. **Visão do Nordeste**. Pronunciamento Do Presidente Médici, no encerramento da reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE, em Recife, a 6/6/1970).

DOCUMENTO 02

“A proposta da Transamazônica é o primeiro passo de um projeto que não se restringe a uma simples abertura inconsequente de uma estrada na selva bruta, mas sim, representa o mais ambicioso programa de colonização de território e alargamento de fronteiras econômicas do mundo moderno.” (BETING, Joelmir. “Política Econômica - O Desenvolvimento Econômico e a Integração Econômica Setorial e Nacional”. In WIEDEMANN, Gen. Luiz Fellipe da S. (org.) **Brasil: Realidade e Desenvolvimento**. São Paulo: Sugestões Literárias, 1973, p. 72).

DOCUMENTO 03

(Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Placa-simbolo-da-abertura-da-rodovia-Transamazonica-Altamira-PA-BR-230_fig1_340636854. Acesso em 31/10/2023)

“Nestas margens do Xingu, em plena selva Amazônica, o Senhor Presidente da República dá início à construção da TRANSAMAZÔNICA numa arrancada histórica para conquista e colonização deste gigantesco mundo verde.

Altamira. 9-outubro-70.

Pontuamos que se atentassem a fonte dos documentos utilizados e, a partir deles, propusemos as seguintes reflexões:

QUESTÃO 01 – Qual a visão do Presidente Emílio Garrastazu Médici sobre a região nordeste na década de 1970, presente no documento 01?

Na primeira questão, nosso objetivo era que os alunos demonstrassem de que forma a região Nordeste era vista pelo Presidente Medici na década de 1970, por meio do discurso. Percebemos que os alunos não demonstraram muita dificuldade em responder à pergunta. AF.N. pontuou que na fala do Presidente, a “região nordeste passava por uma seca e que as pessoas sofriam muito”, ou ainda segundo L.P.C. que “as pessoas eram miseráveis e passavam fome no Nordeste. A maioria das respostas seguiram esse mesmo caminho de associação do nordeste a seca. Com isso percebemos que compreenderam através da análise do documento, a situação em que parte do Nordeste se encontrava na década de 1970.²⁰

QUESTÃO 02 – Quais os objetivos da construção da rodovia Transamazônica presentes no documento 02?

Na segunda questão, tivemos como objetivo perceber de que forma os alunos identificavam no documento os motivos que levaram a construção da rodovia. Na maioria das respostas, constou uma cópia integral do excerto: “o mais ambicioso programa de colonização de território e alargamento de fronteiras econômicas do mundo moderno”, presente no documento, ainda assim, tivemos algumas respostas de cunho pessoal como “o objetivo da transamazônica foi modernizar a Amazônia” ou ainda “trazer gente do nordeste para o Pará.” Com isso, identificamos que os alunos compreenderam a partir do documento apresentado o objetivo geral da construção da rodovia.

QUESTÃO 03 – Qual a relação entre os documentos 02 e 03?

A terceira questão é a que exigiria dos alunos um pouco mais de análise, pois nosso objetivo é que relacionassem os objetivos contidos no segundo documento com a imagem da placa que marcava o início da construção da rodovia. Obtivemos respostas como: “no texto ele fala dos motivos da construção e na placa já é o começo de tudo;” “a placa foi inaugurada pelo presidente Medici no documento 03 e no documento 02 tem o motivo de sua construção;” e

²⁰ Cada atividade tem em média 03 questões a serem respondidas, e considerando que temos um público frequente em torno de 30 alunos, seriam por atividade 90 respostas a serem transcritas neste trabalho, muitas das quais se repetem, o que tornaria cansativo tanto pra quem escreve quanto para quem lê. Considerando o tamanho da amostra, optamos por selecionar aquelas que representam de maneira geral a maioria das respostas apresentadas pelos alunos. Mesmo ao analisar apenas algumas respostas, é possível abranger uma ampla variedade de perspectivas e opiniões dos participantes. Ao selecionar respostas de diferentes alunos com diferentes pontos de vista, ainda é possível capturar a diversidade presente na amostra.

ainda “no texto mostra o motivo da construção e na imagem o começo de tudo em Altamira.” Com a terceira questão, percebemos pelas respostas dadas pelos alunos que um projeto de integração criado pelo governo federal estava saindo do papel e com isso conseguiram relacionar de maneira satisfatória os dois documentos e seus respectivos objetivos.

De maneira geral, percebemos que os resultados da aplicação da primeira sequência didática, sugerem que os alunos tiveram uma compreensão básica das políticas governamentais e de sua implementação prática. Eles foram capazes de extrair informações dos documentos fornecidos e relacioná-las de maneira coerente, indicando um nível de habilidade analítica e interpretativa satisfatório. Esse resultado positivo atrelado ao engajamento dos estudantes, mostrou que estávamos no rumo certo e que os objetivos estavam sendo alcançados.

3.2. Segunda Sequência Didática

Em nossa segunda sequência didática tivemos como objetivo mostrar aos alunos os fatores que levaram ao surgimento do garimpo, como se davam as relações de trabalho e seu cotidiano. Para isso, além de uma aula expositiva e dialogada sobre o tema, usamos como documentos fotografias sobre o dia-a-dia e uma reportagem realizada pelo então repórter José Hamilton Ribeiro para o programa “Globo Repórter” que foi ao ar em 10 de junho de 1982, com o intuito de dar uma dimensão imagética sobre o tema abordado. Para realizarmos essa atividade utilizamos de 03 horas-aulas de 45 minutos.

QUADRO 3 - Sequência II

Plano de Aula 2: Serra Pelada na Década de 1980: Trabalho e Cotidiano	
Objetivo geral	Compreender o contexto do surgimento de Serra Pelada e seu cotidiano de trabalho.
Objetivos específicos	1. Analisar as condições de vida, trabalho e cotidiano dos trabalhadores em Serra Pelada. 2. Identificar os conflitos sociais decorrentes da exploração do ouro.
Conteúdo	- Surgimento do garimpo de Serra Pelada. - Cotidiano, trabalho e condições de vida. - Intervenção militar sobre o controle do major Curió. - Os conflitos entre governo, empresas e garimpeiros pelo controle do garimpo de Serra Pelada.
Competências e Habilidades (BNCC)	- Analisar diferentes fontes históricas. - Analisar as relações de poder.
Materiais	- Imagens e reportagem sobre a Serra Pelada na década de 1980.
Metodologia	1. Breve retomada dos conceitos-chave da aula anterior. 2. Análise de imagens e reportagens para apresentar Serra Pelada através de uma aula expositiva.

	3. Exibição de uma reportagem sobre o cotidiano do garimpo na década de 1980. 4. Abertura para o debate.
Avaliação	- Participação na discussão em sala de aula. - Texto escrito utilizando documentos sobre o cotidiano do garimpo.
Tempo	03 (três) horas-aula de 45 minutos.

Começamos nosso trabalho revisitando alguns conceitos-chave da aula anterior, como a conjuntura do governo militar, a implementação do PIN (Projeto de Integração Nacional) e a construção da Transamazônica. A partir dessa revisão, explicamos aos alunos que, na década de 1970, houve uma intensificação da atuação de grileiros²¹ e posseiros²² no sul e sudeste do Pará, resultando em um aumento dos conflitos pela posse da terra na região e atração de muitos imigrantes de várias partes do Brasil, incluindo Genésio Ferreira da Silva, um mineiro de Patos de Minas, que chegou à região na década de 1970 com o objetivo de explorar a castanha-do-pará, que na época era considerada o "ouro" local.

Após a contextualização, passamos à aula expositiva. Iniciamos mostrando por meio de um trecho do artigo de Armin Mathis (1995), algumas versões que eram contadas a respeito do início da garimpagem e como a mina de ouro foi encontrada. Demonstramos aos alunos que nas palavras do autor, não havia uma versão única para o início de tudo e sim *versões* que expressavam diferentes histórias e que não cabia a nós julgar qual seria a “correta”, mas sim analisar como se apresentavam e foram registradas.

No segundo momento, utilizamos algumas fotografias de Sebastião Salgado, reconhecido internacionalmente por diversas obras premiadas, dentre elas “Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial” em um de seus capítulos, traz o cotidiano dos trabalhadores a beira da cava. São fotografias que mostram homens enlameados subindo e descendo escadas carregando sacos de areia amarrados a cabeça que ele registrou tanto do alto da cava como de seu interior, com a intenção de mostrar a grandiosidade do garimpo, o cotidiano dos trabalhadores e as penosas condições nas quais trabalhavam.

Discutimos com os alunos que a fotografia marca um ponto de vista de quem a produziu, e que essas especificamente, rodaram o Brasil e o mundo e ajudaram na construção da ideia de

²¹ Pessoas que cometem o crime de parcelamento e venda irregular de terras públicas, previsto do artigo 50 da Lei nº 6.766 de 1979, conhecida como a lei da grilagem.

²² Posseiros são as famílias que ocupam um pedaço de terra e passam a viver e trabalhar neste chão, como se o mesmo fosse deles sem nenhuma compra ou documento legal que respaldasse sua atividade.

Serra Pelada ser um “formigueiro humano” dada a quantidade de trabalhadores que subiam e desciam as escadas diariamente em busca de ouro.

Ao que exibíamos as fotos com auxílio de um projetor os alunos mostraram certa surpresa pela quantidade de trabalhadores que o garimpo possuía e pela força impactante das fotos. Começaram então a surgirem perguntas tais como: “quanto pesava um saco?”, “quantos trabalhadores tinham?”, “como as escadas aguentavam tanta gente?”

A partir das questões levantadas pelos alunos e da demonstração clara de interesse no assunto, pausamos a aula para responder as indagações feitas por eles. Quanto a primeira questão respondemos que em média um saco pesava 30kg e cada “formiga” fazia 40 viagens por dia, sendo vinte pela manhã e vinte a tarde. Quanto a segunda pergunta, respondemos que não havia um número exato, pois todos os dias vários garimpeiros chegavam e partiam, mas que a quantidade estimada a época, era entre 80 e 100 mil trabalhadores e por último, que as escadas ofereciam pouca segurança, inclusive que em alguns momentos ocorreram acidentes nos quais diversos trabalhadores morreram com a quebra das escadas ou ainda soterrados pelo desmoronamento de barrancos.

Retomando a explicação, enfatizamos aos alunos que embora o garimpo parecesse uma bagunça, existia uma organização no sobe e desce dos trabalhadores, além disso que nem todos no garimpo eram “formigas” e que nesse meio social, havia a distinção de funções. Para explanarmos esses grupos sociais, recorreremos mais uma vez a Mathis (1995), que apresenta essa diferenciação social dos atores do garimpo da seguinte maneira:

Os **doutores**, auto-denominação dos membros dos órgãos oficiais atuantes na Serra Pelada, inclusive os funcionários da DOCEGEO. Dentro de sua área de competência, eles têm o poder total. O não-cumprimento de uma ordem significa para o garimpeiro um castigo humilhante ou a expulsão do garimpo [...].

Os **garimpeiros com estadia legalizada no garimpo**, isto é, com a posse da carteira de matrícula de garimpeiro, só poderão ser expulsos do garimpo em caso de infração de uma das normas estabelecidas pela coordenação.

Garimpeiros com estadia não legalizada no garimpo, sendo sujeitos à expulsão assim que detectados por um doutor, também chamados de **furões**.

Os **donos de cata (ou barranco)** - garimpeiros que possuem uma parte de uma cata - financiam o processo de extração e são remunerados com uma parcela da produção de ouro. A qualidade de ser dono de cata não implica necessariamente a participação pessoal no processo de extração.

Os **meia-praças**, isto é, trabalhadores com uma participação minoritária em uma cata, recebem alimentação do dono desta, e o seu ganho corresponde a uma parcela da produção de ouro, em geral 5% [...].

Diaristas, trabalhadores assalariados, remunerados independentemente do resultado da produção aurífera. O grupo mais numeroso dentro dos diaristas na Serra Pelada é constituído pelos saqueiros, trabalhadores encarregados de transportar o material (estéril ou aurífero) para fora da mina [...] (MATHIS, 1995, p10).

Percebemos mais uma vez surpresa por parte dos alunos ao perceberem que havia distinções entre as pessoas no garimpo e que cada um deles exercia uma atividade diferente na divisão de tarefas para o funcionamento dos barrancos. Seguimos a explicação pontuando que em maio de 1980, chegou ao garimpo o então Major Curió, que era membro do SNI (Sistema Nacional de Informações) e fora enviado pelo governo federal para “organizar” o garimpo e defender os interesses do governo e das grandes empresas que atuavam no local e tinham o direito legal de lavra, como a DOCEGEL (Rio Doce Mineração e Geologia). Também abordamos sua atuação para reprimir a guerrilha do Araguaia e da violência com que tratava os prisioneiros. Imediatamente ouvimos um aluno ao fundo da sala: “-Professor, é daí que vem Curionópolis?” e prontamente respondemos que sim, mas que iríamos explicar o motivo no decorrer da aula.

Explicamos que a chegada do Major Curió mudou de maneira considerável o cotidiano e as formas de trabalho empregadas no garimpo. Os garimpeiros passaram a contar com central de abastecimento de alimentos, correios para comunicarem-se com suas famílias, médicos para os enfermos e a implantação da caixa econômica federal, que se tornou a compradora exclusiva do ouro produzido em Serra Pelada, contudo foram proibidas armas de fogo, bebidas e mulheres transformando o lugar exclusivamente em um ambiente de trabalho. Mostramos também que as mulheres que foram expulsas do garimpo acabaram criando um pequeno povoado situado no Km 30 da rodovia PA-160, que em alguns anos viria a se tornar o Município de Curionópolis. Com isso, o Major Curió implanta um regime militarizado de trabalho e passa a ter controle sobre tudo que acontecia no local.

No terceiro momento, tratamos dos conflitos que envolveram os garimpeiros, as grandes empresas mineradoras e o governo federal pelo controle da exploração de ouro. Com o trabalho manual intensivo, chegaram ao lençol freático, e por mais que tentassem, não conseguiriam mais extrair ouro da forma que estavam fazendo, sendo necessária a mecanização do garimpo que levou a conflitos entre as empresas e os garimpeiros.

E no último momento, exibimos a reportagem de José Hamilton Ribeiro. A escolha por essa reportagem se deu pelo fato de ser uma das poucas que retratam em linguagem jornalística o cotidiano de trabalho, o espaço físico e a estrutura do garimpo, sendo um recurso imagético importante para o objetivo da aula. Após essa etapa, partimos à avaliação que além de contar com a participação dos alunos, trouxe os seguintes documentos para análise:

QUADRO 4 - Sequência II

DOCUMENTO IV

No final do ano de 1979, início de 1980, descobre-se, por coincidência, ouro na fazenda Três Barras, localizada entre as cidades de Marabá e Serra dos Carajás[...]. Como era de costume, o dono da fazenda fornece alimentos e ferramentas para um grupo de garimpeiros e libera mediante o pagamento de uma taxa de 30% da produção de ouro, a área para a garimpagem.

Ao contrário dos outros garimpos da região, a ocorrência de ouro na fazenda Três Barras se mostra altamente rica. Num período de duas semanas, as três equipes que trabalhavam na área produziram mais de oito quilogramas de ouro. Depois que um comprador de ouro em Marabá espalhou a informação sobre essa jazida promissora em poucos dias, mais de 1000 pessoas chegaram à Serra Pelada [...].

Como nem todos os interessados conseguiram barrancos na grota rica, eles foram obrigados a garimpar nas colinas, onde encontra-se logo em seguida ouro “grosso”, que gera uma nova corrida para a área. Em março de 1980, mais de 5.000 pessoas estavam trabalhando no garimpo, situado dentro de uma área de concessão da CVRD (Companhia Vale do Rio Doce)[...]. (MATHIS, Armin. Serra Pelada. Papers do NAEA N° 50. 1995, p.04). Adaptado.

DOCUMENTO V

Fonte: Compilação do autor (2023). Montagem com *screenshots* da reportagem que foi ao ar no programa Globo Repórter em 10 de Junho de 1982. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1137646/>. Acesso em 30/05/2023.

Aqui optamos por trazer o trecho de um texto que faz parte de nossas referências bibliográficas (DOCUMENTO IV) e um *screenshots* da reportagem que foi exibida (DOCUMENTO V). A partir deles, propusemos as seguintes reflexões:

QUESTÃO 01 – De que maneira Amin Mathis relata no Documento IV as relações de trabalho no garimpo?

Esperávamos que os alunos fossem capazes de identificar a relação de trabalho baseada numa espécie de “sistema de parceria” previamente acordado onde o dono da fazenda permitia

a exploração de ouro em sua propriedade, forneceria as ferramentas necessárias e em troca cobrava o percentual de 30% do que fosse produzido. Como nas atividades anteriores, alguns alunos apenas copiaram uma parte do texto, enquanto alguns afirmaram que esse “era um sistema justo por que todos ganhavam” ou ainda que “era bom por que todos ficavam com um pouco de ouro.”

QUESTÃO 02 – Estabeleça uma relação entre a descoberta de ouro e o fluxo migratório à região.

Esperávamos com essa questão que os alunos compreendessem de que forma a descoberta de ouro impulsionou a rápida ocupação da região. Algumas respostas, mais uma vez, limitaram-se a fazer a cópia integral do texto, mas ainda assim, alguns alunos “a mão livre” apontaram que “a descoberta do ouro fez com que em pouco tempo o garimpo já tivesse 5 mil pessoas trabalhando” ou ainda “que só quando encontraram ouro ‘grosso’ é que muitas pessoas foram ‘catar’ ouro.”

QUESTÃO 03 – No documento V, há um *print* da reportagem que foi ao ar em 1982, sobre a Serra Pelada. No que você viu, o que mais lhe chamou a atenção?

Optamos nessa última questão por deixar os alunos livres para expressarem seus pontos de vista e o que mais havia lhes chamado a atenção. Desta vez diversas respostas surgiram evidenciando vários pontos destacados pelos alunos, como o relato de D.O.M.: “o que mais chamou minha atenção foram os desafios enfrentados pelos garimpeiros, como as condições precárias de trabalho e a falta de infraestrutura.” R.P.C. observou que “o que mais chamou minha atenção foi a quantidade de pessoas que trabalhavam no garimpo de Serra Pelada e como eles viviam cheios de lama. K.C.F.S. relatou que “o que mais chamou minha atenção foi o saco com 43kg de ouro. Sabia que tiravam ouro de lá, mas nem tanto.” E por fim, J.S.S.: “o que mais chamou minha atenção é como eles tiravam tanto ouro e viviam em barracos feitos de plástico.”

As colocações dos alunos após assistirem à reportagem sobre o garimpo de Serra Pelada na década de 1980 evidenciam diferentes aspectos do tema e refletem a diversidade de impressões e reflexões geradas pelo conteúdo apresentado.

A primeira colocação destaca os desafios enfrentados pelos garimpeiros, ressaltando as condições precárias de trabalho e a falta de infraestrutura. Isso demonstra a percepção dos alunos em relação às dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores e a compreensão das condições adversas nas quais realizavam seu labor.

A segunda colocação evidencia a impactante quantidade de pessoas que trabalhavam no garimpo de Serra Pelada e a imagem marcante de como viviam envolvidos em lama. Isso revela

a surpresa dos alunos diante da magnitude da atividade garimpeira e a percepção das condições de vida difíceis enfrentadas pelos trabalhadores.

A terceira colocação destaca a surpresa em relação à quantidade impressionante de ouro extraída do garimpo, representada pelo saco com 43kg de ouro exibido na reportagem. Isso revela a ampliação do conhecimento dos alunos sobre a dimensão da produção de ouro em Serra Pelada e a magnitude econômica da atividade.

Por fim, a reflexão de J.S.S. onde ressalta a contradição entre a riqueza extraída e as condições precárias de habitação dos garimpeiros, expressando sua percepção crítica em relação à discrepância entre os recursos naturais abundantes e a qualidade de vida dos trabalhadores.

Relacionando todas as colocações, é possível observar que os alunos demonstraram interesse e curiosidade pelo tema e uma capacidade de reflexão crítica diante das informações apresentadas. Suas observações revelam não apenas a compreensão dos aspectos históricos e socioeconômicos do garimpo de Serra Pelada, mas também a sensibilidade em relação às condições humanas e ao contexto social da época.

Portanto, a partir das colocações dos alunos, é possível avaliar positivamente os resultados da aplicação da segunda sequência didática, pois evidenciam um engajamento ativo dos estudantes na aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação de fontes históricas, e a capacidade de relacionar o conteúdo estudado com questões sociais e econômicas contemporâneas.

3.3. Terceira Sequência Didática

Após a execução das duas primeiras sequências, percebemos que os alunos demonstraram não só interesse nas ações realizadas, como também foram muito participativos e engajados. Ao fazermos um balanço das duas primeiras atividades vimos que os resultados foram satisfatórios no sentido de percebermos que os alunos compreenderam os aspectos principais do processo de ocupação da região sul e sudeste do Pará e como era o cotidiano de vida e trabalho dos garimpeiros em Serra Pelada, e a partir destas constatações, resolvemos passar ao uso propriamente dito dos jornais em sala de aula. A escolha de passarmos a utilizar os jornais a partir de agora, se deu por percebermos que os alunos por meio das atividades anteriores terem consolidado os conhecimentos sobre história local, e por isso achamos adequado iniciar essa ação a partir daqui.

A terceira sequência didática teve como objetivo levar os alunos a lerem os jornais além da notícia que está estampada em suas capas e páginas: tivemos como proposta levar os alunos

a identificarem aspectos da linguagem jornalística, suas intencionalidades, e os principais elementos constituintes de um jornal.

Para isso, utilizamos o jornal “Diário do Pará” de circulação diária na região metropolitana da capital do Estado. Nossa escolha se deu pelo fato de atualmente não existirem periódicos impressos na região devido a ascensão do uso de redes sociais e mídias digitais como principais canais de informação. Contamos com apoio de familiares que nos enviaram dez exemplares do *Diário* por meio do ônibus que faz a linha Belém-Curionópolis.

Embora não seja nosso objetivo principal, é necessário entendermos em qual contexto histórico o *Diário* surge no Pará. A primeira edição do impresso, circulou no dia 22 de agosto de 1982. Pertencia ao então jornalista Laércio Wilson Barbalho, pai e avô de dois futuros Governadores do Pará: Jader e Helder Barbalho. No contexto de redemocratização do país, o jornal queria apresentar-se como um veículo voltado aos princípios democráticos que ressurgiam no país na década de 1980.

No entanto, exerceria mais duas funções: se opor ao jornal “O Liberal” (jornal de circulação no Estado do Pará, agora concorrente do *Diário* e acusado de apoiar a ditadura) e fazer propaganda para o então candidato ao governo do Pará Jader Barbalho, filho do fundador do jornal e seus aliados. Na capa da primeira edição do jornal a reportagem principal foi intitulada de “Eleições Limpas”, trecho de uma fala do então desembargador e presidente do Tribunal Regional eleitoral, Nelson Amorim²³ que cedeu uma entrevista ao veículo de comunicação, o que já demonstra claro seu objetivo político e que linha editorial seguiria, por isso seria de fundamental importância, no primeiro momento da aula, contextualizarmos a fundação do jornal e suas intencionalidades como veremos a seguir:

QUADRO 5 - Sequência III

Plano de Aula 3: Aprendendo a ler Jornais: linguagem jornalística, contexto da notícia e suas intencionalidades.	
Objetivo geral	Desenvolver a capacidade de leitura crítica de notícias, reconhecendo vieses, linguagem e contextualizando as informações.
Objetivos específicos	1. Contextualizar as informações apresentadas nas notícias. 2. Identificar elementos de viés em notícias dos jornais. 3. Compreender elementos da linguagem jornalística.
Conteúdo	- Leitura crítica de notícias jornalísticas
Competências e Habilidades (BNCC)	- Identificar elementos de viés em textos jornalísticos. - Contextualizar informações de acordo com o contexto histórico.

²³ Jornal *Diário do Pará*. Ano I. Nº1. Belém, Domingo, 22 de agosto de 1982.

Materiais	- Exemplares de jornais, data show, quadro, papel e caeneta.
Metodologia	1. Breve revisão sobre gêneros textuais jornalísticos. 2. Discussão sobre viés e contexto. 3. Apresentação dos elementos que compõe o texto jornalístico. 4. Leitura crítica de notícias em grupo.
Avaliação	- Participação na leitura crítica. - Preenchimento de ficha avaliativa.
Tempo	03 (três) horas-aula de 45 minutos.

No dia em que executamos a sequência, chegamos à sala de aula com os jornais ainda embalados dentro de um saco preto com a identificação da transportadora e avisamos aos alunos que havíamos trazido um “presente” a eles. Foi uma estratégia utilizada não só para chamar a atenção como também despertar a curiosidade: e deu certo.

No primeiro momento da aula, antes de abriremos a embalagem, conversamos que eles iriam fazer uma atividade diferente das que vinham fazendo até então. Passamos então a explicar os principais elementos que constituíam um jornal impresso e suas reportagens: manchete, *lead*, corpo da notícia, fontes, contextualização, elementos visuais (diagramação, fotos, charges), citações e conclusão.

Além desses elementos, explicamos que os jornais impressos são constituídos de alguns cadernos com temáticas específicas, no caso do periódico em questão, tínhamos o primeiro caderno, denominado de “A” que era composto pelas sessões Política, Belém, A seu serviço, Pará, Geral e Economia; depois tínhamos o “B” composto das sessões Brasil e Mundo; o segundo caderno intitulado de “Você” que traz informações sobre shows, cinema, dia-a-dia dos artistas; o caderno “Bola” que traz as notícias do esporte e resultado de loterias; o “Polícia” que cobre a cena policial do Estado; o TDB (tudo de bom) que traz mais notícias sobre os famosos, programação da tv, resumo de novelas, sociedade e “fococas” do momento; o caderno “Tem” que traz os classificados do jornal e; especificamente nas edições de terças-feiras o caderno “Diário de Carajás” que traz as principais notícias da região de Carajás situada no sul e sudeste do Estado do Pará.

Para fazermos essa contextualização, utilizamos a versão digital do jornal que é disponibilizada gratuitamente no site do portal de notícias do mesmo grupo de comunicação,²⁴ o mesmo que utilizaríamos na aula.

²⁴ O Grupo Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), é composto por jornal impresso (Diário do Pará), site de notícias (DOL), três emissoras de rádio (99 FM, Diário FM e Diário AM) e uma TV afiliada do grupo Bandeirantes de televisão (RBA Tv).

Imagem 8 - Capa do Jornal Diário do Pará veiculado no dia 07/11/2023 e utilizado em nossa aula.



Fonte: <https://dol.com.br/digital/Page?editionId=2647>. Acesso em 02/02/2024.

Após isso, dividimos a turma em dez grupos de três alunos, e cada grupo recebeu um exemplar para que folheassem os cadernos. Nosso intuito, é que essa atividade durasse em torno de 15 minutos, só que para a maioria dos alunos que estavam em sala, era a primeira vez que

tinham contato com um jornal impresso e a curiosidade de verem todos os cadernos foi grande, o que nos consumiu um pouco mais de tempo do que anteriormente estava previsto.

Percebemos que muitos folheavam com curiosidade e mostravam aos colegas de grupo as reportagens que lhe chamavam a atenção. Essa atitude evidenciava não apenas o interesse individual na leitura das notícias, mas também a vontade de compartilhar e discutir os temas abordados, enriquecendo a experiência de aprendizado coletivo.

Essa dinâmica de compartilhamento e discussão entre os alunos demonstra não apenas a importância da leitura de jornais como ferramenta pedagógica, mas também a capacidade dos estudantes de se engajarem ativamente com o conteúdo apresentado. Dessa forma, ao percebermos os alunos folheando os jornais com curiosidade e compartilhando suas descobertas com os colegas, reforçamos a ideia de que a leitura de jornais não apenas fornece informações relevantes sobre o contexto histórico e atual, mas também estimula o pensamento crítico e promove a interação social dentro da sala de aula.

No segundo momento da atividade, após os alunos terem explorado os jornais, demos início a uma conversa aberta sobre as impressões que tiveram ao manuseá-los e sobre o que mais lhes chamou a atenção. Foi interessante observar a diversidade de opiniões expressas pelo grupo, demonstrando diferentes perspectivas e interesses individuais.

Entre as opiniões compartilhadas, notamos uma tendência entre os alunos: a maioria dos meninos demonstrou preferência pelos cadernos “Bola” e “Polícia”, enquanto as meninas mostraram um maior interesse pelo caderno “TDB” (Tudo de Bom). Essa disparidade de preferências reflete não apenas os diferentes gostos pessoais dos alunos, mas também pode indicar influências culturais e sociais que moldam suas escolhas de leitura.

Aproveitando que os alunos estavam com os jornais em mãos, decidimos retornar à edição eletrônica para explorar mais alguns detalhes importantes sobre os elementos constitutivos do jornal. Destacamos, por exemplo, a relação entre imagem, texto e legenda, explicando como esses elementos trabalham juntos para transmitir uma determinada mensagem aos leitores. Além disso, discutimos de que forma uma capa é composta estrategicamente para chamar a atenção do público, ressaltando a importância do design e dos elementos visuais na atratividade do jornal. Essa análise mais aprofundada dos aspectos técnicos e estilísticos do jornal permitiu aos alunos uma compreensão mais ampla sobre o funcionamento da mídia impressa e sua influência na percepção e interpretação das notícias.

Por fim, aplicamos uma atividade que consistiu no preenchimento de uma ficha, em que nosso objetivo foi que os alunos extraíssem e demonstrassem sua compreensão sobre os

principais elementos constitutivos de um jornal e quais temáticas mais lhe interessaram, como mostraremos a seguir:

QUADRO 6 - Sequência III

Ficha de Avaliação Sobre o Jornal
Indique as seguintes informações a respeito do jornal: nome do jornal; data de circulação e proprietário do jornal.
Qual a matéria principal da capa do jornal?
Sobre a reportagem que mais chamou sua atenção, responda as seguintes perguntas: a) Qual reportagem chamou mais sua atenção? Por quê? b) Há indicação do autor da matéria jornalística? Se sim, qual? c) Em qual caderno está a reportagem? d) Possui imagens? () não () sim. Que tipo? () fotografia () charge () propaganda () desenho () outros e) A imagem está condizente com o título da matéria? () não () sim. f) Comente o que pode ser notado na fotografia que condiz, ou não, com o título. g) Quais interesses representam a notícia?

De maneira geral, as respostas fornecidas pelos alunos demonstraram uma grande variedade de percepções e compreensões sobre o uso do jornal em sala de aula, refletindo diferentes níveis de engajamento e entendimento. Em todas as respostas, os alunos demonstram interesse nas matérias que chamaram sua atenção, indicando uma conexão pessoal com os assuntos abordados no jornal, tais como esportes, novelas, assuntos policiais etc. Isso sugere que a escolha de temas relevantes e significativos pode motivar os alunos a se envolverem mais profundamente com o material utilizado em sala.

Outro ponto que julgamos importante foi o fato de os alunos conseguirem identificar elementos importantes das reportagens, como o autor da matéria, o caderno em que a reportagem estava localizada e a presença de imagens e sua relação com o texto. Isso mostra uma compreensão inicial dos diferentes componentes de uma notícia jornalística. Nas análises das imagens, os que optaram por esse tipo de reportagem, conseguiram fazer uma conexão entre o conteúdo visual e o título da matéria, destacando a importância da coerência entre texto e imagem na transmissão da mensagem jornalística.

O fato de os alunos terem compartilhado suas impressões e opiniões sobre as reportagens indica um engajamento ativo com o material, o que é essencial para um aprendizado significativo. Esse envolvimento serviu como base para as atividades que viriam a seguir na próxima sequência, onde passaremos a analisar matérias sobre o cotidiano de Serra Pelada por meio dos jornais da década de 1980.

3.4. Quarta Sequência Didática

Após trabalharmos aspectos da história local e analisarmos os elementos constitutivos de um jornal, nesta sequência didática tivemos como objetivo levar os alunos a terem contato com reportagens da década de 1980, que retratavam aspectos do cotidiano do garimpo como as condições de vida trabalho, a relação do local com o global, o papel das mulheres em um ambiente dominado por homens e meios de sociabilidade.

Os documentos utilizados nessa sequência, foram retirados do acervo digital da hemeroteca nacional.²⁵ Nossa escolha pela pesquisa nesse ambiente, está relacionada ao fato de termos que conciliar a grande carga-horária de trabalho na rede pública de ensino com a pesquisa do mestrado, e acervos como esses acabam se tornando a saída para professores que tem rotinas semanais como essas.

Nossa primeira escolha em termos de documentos, seriam os jornais *O Liberal* e *Diário do Pará* de circulação no Estado do Pará, contudo o *Diário* só surge em 1982, e o teor de suas reportagens sobre a Serra Pelada concentravam-se em críticas ao então candidato a deputado federal, Major Curió a quem o então candidato ao Governo do Pará, Jader Barbalho fazia oposição e utilizava o periódico como meio de ataque político.

Quanto ao *O Liberal*, a primeira edição disponível no acervo digital data de 01 de janeiro de 1989, momento no qual o garimpo já estava fechado e não nos traria informações que serviriam para nosso objeto de estudo.

Diante desse quadro, optamos por utilizar as reportagens do *Jornal do Brasil* sediado no Rio de Janeiro. Esse jornal de circulação nacional surge em 1891, num contexto de urbanização da então capital do país para atender a demanda de um segmento social letrado (ROLIM, 2002, p.15). Hoje conta com aplicativo, site e ainda permanece com o jornal impresso.

É importante ressaltar que os arquivos desse jornal são protegidos pela lei 9.279 de 1996, que regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial, e para usarmos as

²⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 28/03/2024.

reportagens para este trabalho, solicitamos formalmente autorização.²⁶ Ao pesquisarmos no acervo da hemeroteca, identificamos 1024 ocorrências do termo "Serra Pelada" entre os anos de 1980 e 1989. A disponibilidade desse amplo material foi crucial para a seleção das reportagens deste periódico como fonte para uso em sala de aula. Além disso, ao longo de nossa pesquisa, observamos que o jornal proporcionou uma extensa cobertura dos eventos ocorridos no garimpo, contribuindo para a disseminação das informações sobre Serra Pelada em nível nacional. Vamos ao plano de aula:

QUADRO 7 - Sequência IV

Plano de Aula 4: Jornais como Fontes Históricas	
Objetivo geral	Introduzir o jornal como uma fonte histórica, promovendo a análise crítica de notícias da década de 1980 sobre Serra Pelada.
Objetivos específicos	1. Compreender o jornal como fonte histórica. 2. Analisar notícias antigas e identificar elementos linguísticos característicos da época. 3. Compreender a relação entre passado e presente da história local por meio do jornal.
Conteúdo	- O jornal como fonte histórica. - Análise crítica de notícias locais na década de 1980, sobre Serra Pelada.
Competências e Habilidades (BNCC)	- Identificar elementos constitutivos de textos jornalísticos e suas concepções. - Contextualizar informações de acordo com o contexto histórico.
Materiais	- Exemplares de jornais, quadro, papel e caneta.
Metodologia	1. Breve revisão sobre gêneros textuais jornalísticos. 2. Discussão sobre o contexto no qual as reportagens foram produzidas. 3. Leitura crítica de notícias em grupo.
Avaliação	- Participação na leitura crítica. - Discussão em grupo das impressões sobre a reportagem
Tempo	06 (seis) horas-aula de 45 minutos.

²⁶ Quando se vai ao site da hemeroteca nacional pesquisar a respeito desse jornal, aparece a seguinte mensagem: "Este material é detentor do direito autoral, patrimonial e moral, com base nos incisos do art. 7º da Lei n. 9.279 de 1996 (LPI) e artigo 5º, inciso XXIX, da Constituição de 1988. Uso indevido está sujeito a indenizações. Para reproduzi-lo entre em contato com cpdoc@jb.com.br." De acordo com as orientações, enviamos o e-mail para o referido endereço eletrônico e fomos autorizados para utilizar as reportagens em nossa pesquisa. A única observação feita, é que as reportagens não poderiam ser usadas para fins lucrativos.

Após fazermos o levantamento dos documentos, separamos sete reportagens em três grupos temáticos: migração, economia e cotidiano para montar o material que seria utilizado em sala.

No que diz respeito à temática da migração, foram selecionadas duas reportagens publicadas nos dias 08/04/1980 (DOCUMENTO 06) e 14/06/1980 (DOCUMENTO 07). A primeira reportagem (DOCUMENTO 06), com o título "Descoberta de ouro atrai população de Marabá atingida pelas enchentes", tinha como objetivo divulgar a descoberta de uma nova mina de ouro no município de Marabá e como isso poderia ajudar a amenizar a situação de 20 mil pessoas afetadas pela enchente do ano corrente. A descoberta foi apontada na reportagem como uma "ajuda de Deus" e atraiu milhares de "flagelados" pelas enchentes para o garimpo. Algumas consequências dessa migração massiva, apontadas pela reportagem foram a sobra de alimentos distribuídos pela prefeitura, que anteriormente eram escassos; prejuízos para os comerciantes devido à falta de mão-de-obra para a extração da castanha-do-pará; e o enriquecimento de algumas pessoas que, antes sem recursos, agora ostentavam carros novos graças à descoberta de ouro no garimpo.

A segunda reportagem (DOCUMENTO 07) com o título de "Corrida ao Ouro ameaça lavoura de arroz no Maranhão" trazia o temor de um grupo de produtores de arroz de algumas cidades do interior do Estado, produtoras do grão em não terem mão-de-obra suficiente para a colheita devido ao forte processo migratório de lavradores maranhenses para Serra Pelada, o que demonstra de que maneira a corrida pelo ouro afetou não só a economia do Estado vizinho, como também seu aspecto populacional.

Percebemos que a análise das consequências da migração por meio das reportagens, concentram-se principalmente em aspectos econômicos, como a sobra de alimentos e os prejuízos para os comerciantes locais, deixando de lado questões sociais, como a precariedade das condições de vida dos migrantes, a violência e a exclusão social. A migração para Serra Pelada não foi apenas um fenômeno econômico, mas também social, que transformou significativamente a vida das pessoas envolvidas e de toda uma região.

Outro ponto a ser problematizado é a visão limitada da segunda reportagem, que enfoca apenas os impactos negativos da migração na lavoura de arroz no Maranhão, sem considerar as razões subjacentes para a migração e suas implicações mais amplas na economia e na sociedade. A corrida ao ouro em Serra Pelada não apenas ameaçou a produção agrícola no Maranhão, mas também gerou tensões sociais e políticas, escancarando desigualdades regionais e provocando conflitos pela disputa de recursos.

Quanto a temática da economia, selecionamos duas reportagens publicadas nos dias 18/08/1980 (DOCUMENTO 08) e 19/07/1980 (DOCUMENTO 09). A primeira reportagem (DOCUMENTO 08) intitulada “Guaraná, o ouro gelado” nos traz a histórias de pessoas que abandonaram a garimpagem e passaram a dedicarem-se ao comércio local. Ela traz a história do goiano Sebastião Cardoso de Almeida e do cearense Francisco Macedo da Silva, sócios que abandonaram a garimpagem e abriram uma lanchonete na praça de Serra Pelada, onde fizeram fortuna vendendo refrigerantes (principalmente guaraná) e leite de vaca fresco e gelado todos os dias, o que demonstra que era possível enriquecer sem necessariamente extrair ouro além de que, havia um comércio interno muito dinâmico que também possibilitava a ascensão social.

Na segunda reportagem (DOCUMENTO 09), intitulada “Ouro de serra Pelada vai ser usado para amortizar dívida” traz o relato do então Ministro da Fazenda, Ernane Galveas de que a produção aurífera de Serra Pelada poderia ser responsável por diminuir a histórica dívida externa do Brasil, demonstrando a importância das riquezas extraídas para a economia nacional e na relação do país com outras nações dentro da conjuntura de crise econômica pela qual o Brasil passava na década de 1980.

Ao relacionarmos os dois textos, podemos problematizar a dualidade de perspectivas sobre a economia de Serra Pelada. Enquanto a primeira reportagem destaca o empreendedorismo local e a diversificação econômica como meios de prosperidade, a segunda reportagem ressalta a exploração de recursos naturais como uma estratégia para enfrentar desafios econômicos mais amplos, como a dívida externa. Essa dicotomia levanta questões sobre os impactos socioeconômicos da atividade de garimpagem, bem como sobre as prioridades e políticas econômicas adotadas pelo governo na época, sendo possível fazermos uma relação clara entre o local e global.

Finalmente, abordamos em nossa terceira temática, aspectos do cotidiano do garimpo. Para isso, selecionamos três reportagens veiculadas nos dias 22/04/1980 (DOCUMENTO 10), 24/04/1980 (DOCUMENTO 11) e 07/09/1980 (DOCUMENTO 12). A primeira delas (DOCUMENTO 10), intitulada "Disparos para o ar", descreve um costume dos garimpeiros ao encontrarem pepitas de ouro: atirarem para cima. O título da reportagem sugere ao leitor uma atmosfera de violência no garimpo. No entanto, o maranhense José Santos Silva contradiz essa expectativa ao relatar que, apesar da maioria das pessoas andarem armadas, não há violência no local. Isso se deve ao fato de Genésio, o dono do garimpo, não permitir a entrada de mulheres, cachaça e crianças, elementos que, segundo o relator, costumam causar conflitos. Para enfatizar a atmosfera de paz, ele menciona que a única morte ocorrida no local até então

foi a de um idoso que faleceu devido a problemas cardíacos enquanto tentava chegar ao garimpo a pé.

A segunda reportagem (DOCUMENTO 11) apresenta um tema interessante: o surgimento de um garimpo exclusivo para mulheres e crianças. Este garimpo é frequentado por esposas e mães de garimpeiros que decidiram não mais esperar em casa seus maridos e filhos retornarem de Serra Pelada, optando, assim como eles, por arriscar a sorte na busca por ouro. As características desse garimpo são semelhantes às de Serra Pelada, mas com uma inversão: apenas mulheres podem frequentá-lo, o que levou à sua irônica denominação de "Serra Cabeluda", em contraponto a "Serra Pelada" com o garimpo exclusivo para homens.

Essa reportagem pode nos suscitar algumas questões para reflexão: a existência de um garimpo exclusivo para mulheres levanta questões sobre a divisão tradicional de trabalho entre homens e mulheres na sociedade, especialmente em atividades econômicas que exigem um grande esforço físico como é o caso do modelo de trabalho braçal empregado na atividade mineradora em questão. Isso sugere uma ruptura com os papéis de gênero convencionais e destaca a capacidade das mulheres de assumirem papéis ativos na busca por oportunidades econômicas.

Outra questão que pode ser levada em consideração é que a decisão das esposas e mães de garimpeiros de participarem ativamente da busca por ouro, demonstrando um desejo por autonomia financeira e empoderamento feminino. Isso pode ser visto como uma resposta à dependência econômica tradicionalmente associada às mulheres em contextos patriarcais, e ressalta a importância de proporcionar oportunidades iguais para todos os gêneros. E por fim, o fato de o garimpo ser batizado de "Serra Cabeluda" - de forma irônica - sugere a presença de estereótipos de gênero e discriminação, mesmo em um contexto onde as mulheres estão assumindo o protagonismo em papéis tradicionalmente atribuídos aos homens.

O último documento a ser analisado (DOCUMENTO 12) foi um recorte de reportagem que trata sobre a famosa "praça da mentira", local onde os garimpeiros se reuniam após um dia exaustivo de trabalho para socializarem com os demais colegas de labuta e contarem suas histórias. Se as histórias contadas eram verídicas ou não, o que importava é que esses encontros diários eram a oportunidade dos trabalhadores relaxarem e esquecerem um pouco da vida dura que levavam a beira da cava. De alguma forma, histórias contadas no garimpo espalhavam-se pela região, e o relato da jovem estudante secundarista Noelly Nayara Muniz Loyola, ao descrever que passou a ver carros do ano em frente a casebres, demonstra que de alguma maneira as narrativas de enriquecimento rápido por meio da garimpagem que circulavam na cidade de Marabá, faziam sentido para as pessoas que não frequentavam o garimpo.

O fato de a praça ser denominada como "praça da mentira" sugere que as histórias contadas pelos garimpeiros podem ser exageradas ou até mesmo fictícias. Isso levanta questões sobre a confiabilidade das informações compartilhadas nesse ambiente e como essas histórias podem distorcer a realidade para aqueles que não têm acesso direto ao garimpo, ainda assim, apesar das possíveis distorções e ilusões, a praça da mentira também pode ser vista como um espaço de resistência e de expressão para os garimpeiros.

É um local onde podem compartilhar suas experiências, expressar sua criatividade e construir laços comunitários em meio às dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da mineração. A partir dessa análise dos documentos que serão utilizados nessa sequência, temos a seguir o material que foi utilizado como fonte em sala de aula:

QUADRO 8 - Sequência IV

<u>MIGRAÇÃO</u>
DOCUMENTO 06

Descoberta de ouro atrai população de Marabá atingida pelas enchentes

Belem — A descoberta de ouro no garimpo de **Serra Pelada** já atraiu mais de 10 mil homens e enriqueceu muitos, fazendo com que a população flagelada de Marabá não mais procure os alimentos enviados pelo Governo em consequência da enchente do rio Tocantins, que destruiu varias casas e deixou 20 mil desabrigados.

De acordo com o Prefeito de Marabá, Orlando Aguiar, há um mês a distribuição de alimentos aos flagelados foi feita em meio à grande confusão, "pois havia mais gente que comida". No início deste mês, porém, foi anunciada nova distribuição e poucas pessoas apareceram. Até sobrou alimento.

AJUDA DE DEUS

Para a população flagelada, a descoberta do ouro foi uma "ajuda de Deus" para minimizar os prejuizos sofridos com a enchente do Tocantins. Para os comerciantes de Marabá, significou falta de mão-de-obra para a atividade extrativa de castanha-do-pará.

A grande maioria dos homens foi para o garimpo, na esperança de enriquecer facilmente. Já existem casos de pessoas que ficaram ricas da noite para o dia: famílias que nada tinham, hoje circulam com carros novos.

Manoel Rabelo anunciou que retirara, este mês, no mínimo 40 quilos de ouro.

Fonte: Jornal do Brasil, terça-feira. 08/04/1980. 1º Caderno. P. 17.

JORNAL DO BRASIL — sábado, 14/6/80 — 1º

Corrida ao ouro ameaça lavoura de arroz no Maranhão

· São Luis — A notícia de que 560 quilos de ouro foram extraídos, em menos de duas semanas, na Serra Pelada, em Marabá, no Para, provocou uma corrida de lavradores a região. Em consequência, a safra de arroz dos Municípios maranhenses de Pindaré, Balsas e Imperatriz está ameaçada por falta de mão-de-obra para a colheita.

Um grupo de produtores foi a São Luis pedir ajuda ao Governo, mas o coordenador geral do Sistema de Agricultura e Abastecimento da Secretaria de Agricultura do Maranhão, Hélio Almeida, não acredita que a febre do ouro afete as lavouras do Estado, porque 73% dos pequenos produtores dispõem de mão-de-obra familiar e os médios e grandes de maquinaria.

Fonte: Jornal do Brasil, sábado, 14/06/1980. 1º Caderno. P. 13.

ECONOMIA

DOCUMENTO 08

GUARANÁ, O OURO GELADO

Q UEM deparar com o sorriso de dentes brancos e barba longa do goiano Sebastião Cardoso de Almeida, 23 anos, casado, dois filhos, no acampamento do garimpo de Serra Pelada, certamente vai pensar que se encontra com o feliz proprietário de uma dama que bamburra muito. Ledo engano. Na verdade, ele apenas vende refrigerantes gelados — principalmente guaraná — numa barraca de madeira estrategicamente bem situada na avenida principal do acampamento, nas proximidades da "Praça da Mentira".

Motivos para sorrir, contudo, ele os tem de sobra. Afinal, a lanchonete, muito concorrida porque vende leite de vaca puro, saboroso e gelado, obtido numa fazenda próxima, está rendendo uma média de Cr\$ 1 milhão 500 mil por mês, para ele e seus dois sócios, que, quando gastam muito, não conseguem fazer despesas superiores a Cr\$ 100 mil mensais. Por isso tudo, não se arrepende de ter deixado de garimpar e optado por ser comerciante, quando chegou, a 20 de maio último, em Serra Pelada, para tentar a sorte.

Goiano de São Luiz de Montes Belos, deixou a mulher e os dois filhos em Muttonópolis, perto de Goiânia, e o garimpo de Peixoto, no Mato Grosso, onde também procurava acertar com algum cascalho rico em ouro. O que viu nos últimos dois meses, foi suficiente para formar um juízo definitivo, a respeito da mina: "Não há no mundo um garimpo como este."

Ao seu lado, também com uma barba preta protegendo o rosto da poeira do Morro da Babilônia, seu sócio Francisco Macedo da Silva, cearense de Iguatu, 34 anos, casado, dois filhos, com a família residente em Tucuruí, no Pará, onde há uma grande hidrelétrica da Eletronorte e também dizem que o dinheiro circula com facilidade, concorda e sorri. Envergando um boné em que se lê "Lembrança do garimpo de Serra Pelada, Marabá, Pará", ele explica: "Vim ao Pará garimpar, mas logo troquei a cartola e resolvi comerciar. Aqui, o bar é melhor do que o ouro. E eu acho boa a vida aqui. Cinema de graça, médico de graça, tudo isso. Ninguém pode falar mal desta vida, pode?"

Fonte: Jornal do Brasil, Segunda-feira, 18/08/1980. Caderno B, p.05.

(DOCUMENTO 9)

Ouro de serra Pelada vai ser usado para amortizar dívida

Brasília — O Ministro da Fazenda, Ernane Galveas, admitiu ontem que o ouro extraído do garimpo de serra Pelada, no Pará, poderá ser utilizado, no futuro, para amortização de parte da dívida externa brasileira, caso a produção, calculada hoje em 700 quilos mensais, seja ampliada. O Banco Central utilizará parte das reservas internacionais na compra de ouro, disse seu presidente, Carlos Langoni.

Ontem, o Ministro presidiu a assinatura de convênio pelo qual a Caixa Econômica Federal, como agente do Tesouro Nacional, transferirá ao Banco Central o ouro proveniente de serra Pelada. Hoje será transferida uma tonelada de ouro para os cofres do BC e na próxima sexta-feira a CEF instalará um posto de serviço junto a lavra para facilitar a compra do minério.

"Nós esperamos que a produção de ouro cresça a ponto de representar uma contribuição importante. O ouro representa um valor que tem circulação internacional e uma mina de ouro é como uma fábrica de dólares. Nossa ideia é que inicialmente a produção de ouro seja acumulada pelo Banco Central e faça parte das reservas de segurança", acrescentou o Sr Ernane Galveas.

O presidente da Caixa, Gil Macieira, calculou em 6 mil os garimpeiros que foram para a região do Projeto Carajás atraídos pela descoberta de ouro e destacou que a unidade pioneira da CEF em serra Pelada recebeu, na segunda-feira, um depósito de Cr\$ 30 milhões dos índios que vivem na reserva local da Funai.

Fonte: Jornal do Brasil, quarta-feira, 19/07/1980. Economia, p. 20.

COTIDIANO

(DOCUMENTO 10)

Disparos para o ar

A todo instante se ouvem tiros: são garimpeiros disparando para o ar em comemoração ao achado de uma pepita. Todo mundo anda armado de revólver, cartucheira, facão ou peixeira e a diversão à noite é dar tiros para o ar. "Mas aqui não há violência", diz José Santos Silva, maranhense, 40 anos, que já tirou mais de 6 quilos de ouro. "Este é o garimpo mais manso que eu conheço. E sabe por quê? O seu Genésio (dono das terras) não deixou que entrassem aqui duas das três coisas do Capeta que provocam confusão: mulher e cachaça. A terceira é o dinheiro. E quando as três coisas não se misturam não há briga entre os homens."

Também não entra criança. Devido a essa providência, apesar da presença de quinze mil homens armados, só aconteceu até agora apenas uma morte e assim mesmo de modo natural: um velho garimpeiro de 60 anos, morreu do coração quando tentava vencer a pé os 16 quilômetros que separam o garimpo da estrada.

Fonte: Jornal do Brasil, segunda-feira, 22/04/1980. 1º Caderno, p. 13.

(DOCUMENTO 11)

Marabá tem jazida feminista

Belém — A febre do ouro que domina Marabá, provocada pelo garimpo de Serra Pelada, onde se calcula que já foi extraída mais de uma tonelada do minério, já envolveu as mulheres: um grupo delas acredita ter descoberto nova jazida dentro da cidade, às margens do rio Itacaiunas, de onde já teriam conseguido retirar, até agora, 15 gramas.

O novo garimpo, já batizado por um gozador de **Serra Cabelluda**, é exclusivo de mulheres e

crianças, proibidas de entrar no garimpo de Serra Pelada. A descoberta da jazida é atribuída a dona Sebastiana Oliveira que, cansada de ficar em casa esperando o marido e os dois filhos que se encontram no garimpo de Serra Pelada, resolveu também procurar ouro nos barrancos do rio Itacaiunas.

As mulheres de Marabá resolveram proibir o ingresso de homens, como represália à proibição imposta em Serra Pelada.

Fonte: Jornal do Brasil, Quinta-feira, 24/04/1980. 1º Caderno. p. 20.

(DOCUMENTO 12)

Na *Praça da Mentira*, nome pitoresco de um espaço aberto na avenida principal de barracas que compõem a improvisada cidade de 20 mil habitantes, todos do sexo masculino, conta-se a história fantástica da descoberta de uma pepita de 100 quilos, nunca comprovada. Mas em Marabá as histórias são verídicas. Noelly Nayara Muniz Loyola, aluna do segundo grau do único colégio da cidade, o Santa Terezinha, de freiras, jura ter visto muitos automóveis do ano estacionados nas portas de míseros casebres nos bairros pobres de Laranjeira e Amapá. E, aos goles de uma Cerpinha (cerveja produzida em Belém do Pará e vendida em pequenas garrafas), contam-se as aventuras de garimpeiros que arrematam frangos por Cr\$ 6 mil ou que dão Cr\$ 13 mil a quem tomar uma mamadeira cheia de cachaça de um só fôlego.

Fonte: Jornal do Brasil, Domingo. 07/09/1980. p.26.

Ao iniciarmos a aula, fizemos uma breve recapitulação do que fora trabalhado na aula anterior a respeito das características dos jornais e dos temas que até então vínhamos trabalhando com a finalidade de contextualizar as reportagens que seriam trabalhadas em sala.

A partir daí, formamos dez grupos de três alunos, sendo que dois deles foram compostos apenas por dois estudantes. Distribuímos então uma cópia das reportagens para cada educando para que pudessem ler, analisar e discutir com o grupo quais as impressões tiveram sobre o

material distribuído. Orientamos que num primeiro momento, lessem as duas reportagens que tratam do processo migratório e suas consequências para a região. Disponibilizamos 20 minutos da primeira aula para que lessem e fizessem suas observações para o debate. Por diversas vezes fomos acionados para esclarecer dúvidas em relação a algumas palavras que tiveram dificuldades em ler, sobre a moeda que circulava no país na década de 1980 (o Cruzeiro que circulou no país até 1986) e também pelo fato de alguns alunos desconhecem o fato do Maranhão ser um grande produtor de arroz no país e como consequência seu consumo em boas quantidades ser uma característica cultural da alimentação local.

Após a leitura e análise dos documentos, prosseguimos com o debate. Antes de darmos início, destaquei a importância da participação ativa dos alunos na aula e na expressão de suas opiniões como parte fundamental para avaliar o progresso ao longo do projeto. Iniciei o debate levantando a seguinte questão: “após a análise dos documentos, quais foram as consequências para o município de Marabá após a descoberta de ouro e de que maneira impactou no Estado do Maranhão?”

Imediatamente, vários alunos levantaram a mão querendo responder à pergunta. Precisamos organizar uma pequena “fila” para que cada um pudesse expressar suas ideias. Para registrarmos as respostas, utilizamos o gravador de nosso aparelho celular para posteriormente transcrevermos, uma vez que a avaliação não seria escrita e sim, oral.

D.V.C. do grupo 01, afirmou que “muita gente que passava fome em Marabá por causa da enchente veio buscar ouro pra melhorar de vida e que assim como eles, muitos maranhenses fizeram a mesma coisa.” J.P.C.D. do grupo 04, afirmou “que foi bom para as pessoas que vieram para o garimpo, mas ruim para quem tinha uma loja por que ninguém mais queria trabalhar, só buscar ouro.” N.F.S. do grupo 06, respondeu que “para as pessoas que moravam em Marabá, a descoberta de ouro foi um grande presente de Deus, por que se não achessem o ouro, iriam morrer de fome por causa dos poucos alimentos que a prefeitura dava e das enchentes que levavam as casas e sobre o Maranhão eu não acho que iam ficar sem arroz por que tinham tratores para a colheita.”

A.K.L.C. do grupo 08, afirmou que “Marabá e o Maranhão ficaram vazios por que todas as pessoas pobres foram buscar ouro para mudar de vida, por que já tinha muita gente que ficou rica e eles queriam ficar ricos também.” Após a fala dela, F.D.C., do grupo 07, disse que “agora entendo por que tem tanto maranhense aqui.” Percebemos que ele conseguiu relacionar um fato do presente (a grande presença de maranhenses na região sul e sudeste do Pará) com o passado (processo de migração) refletindo de maneira crítica sobre a realidade local vivida e compreendendo o processo de ocupação da região.

Os alunos dos demais grupos não foram muito participativos, e dentre eles estavam as duas duplas formadas que apenas limitaram-se a dizer que os “os outros já falaram tudo.” Todos que participaram, mencionam o fenômeno da migração em resposta à descoberta de ouro. Eles observam que muitas pessoas de Marabá e do Maranhão se deslocaram para o garimpo em busca de oportunidades econômicas melhores, e destes, muitos ficaram pela região culminando depois com a criação de dois municípios: Curionópolis e Eldorado dos Carajás. Foi uma opinião majoritária entre os alunos de que a descoberta de ouro representou uma oportunidade de melhorar as condições de vida para aqueles que viviam em situações de pobreza e dificuldades, como enchentes e escassez de alimentos e por fim demonstraram que a grande presença de maranhenses na região, deu-se pela busca de melhores condições de vida.

Passamos então a análise da segunda temática da aula: economia. A metodologia foi a mesma aplicada anteriormente, fizemos a contextualização das notícias e passamos para a leitura, análise e discussão em grupo, mas pelo fato do segundo texto ser um pouco maior, demos um pouco mais de tempo para fazerem essa parte da atividade.

Quando partimos para as discussões, levantamos a seguinte reflexão: “Após a leitura dos documentos, qual a importância da extração de ouro para a economia local e nacional?” Para nossa surpresa, um dos primeiros grupos a levantar a mão foi o 10, que não participou na discussão anterior. O aluno D.F.C. apontou que “era tanto ouro que tinha em Serra Pelada que era possível pagar a dívida do Brasil e que achou muito legal o fato do ‘homem’ ter ficado rico só vendendo lanche e guaraná na praça, coisa que hoje não seria possível.” Novamente o grupo 01 pediu a palavra, e mais uma vez D.V.C. e afirmou “não ter entendido direito a primeira reportagem, mas que na segunda o ‘cara’ ficou rico vendendo só guaraná e leite por que lá não tinha nada, e que onde tem muita gente trabalhando vende muito lanche.”

V.O.M. do grupo 02, chegou à conclusão de que “tirar ouro era bom, por que deixava as pessoas ricas, mas também dava para enriquecer vendendo as coisas no garimpo, uma vez que eles passavam a semana toda lá e não saiam muito, e quanto a outra pergunta, era tanto ouro, que se tirava do garimpo, que dava para ajudar o Brasil a pagar sua dívida.”

De maneira geral, os alunos compreenderam que o comércio no interior do garimpo era uma atividade lucrativa para os comerciantes locais que vendiam gêneros alimentícios como lanches, refrigerantes e leite, e que além do ouro, existiam outras possibilidades de se conseguir dinheiro no garimpo e galgar uma vida melhor. Por outro lado, alguns alunos mostraram dificuldade em entender o primeiro documento, contudo compreenderam a importância do trabalho desenvolvido pelos trabalhadores na geração de riquezas para o país e que o que faziam ali, seria fundamental para a economia nacional como um todo.

Finalmente partimos para a terceira temática: o cotidiano. Cabe aqui lembrar que já tratamos anteriormente desse assunto em nossa aula expositiva e por meio da reportagem que foi utilizada na sequência didática II, e nesse momento nosso objetivo centrou-se na capacidade dos alunos lerem, interpretarem e problematizarem outras situações cotidianas do garimpo.

Desta vez, levantei a seguinte problemática a partir das questões apresentadas pelo documento: “quais aspectos do cotidiano do garimpo mais chamaram sua atenção? Podemos relacionar alguns desses comportamentos com o presente?” O assunto que mais chamou a atenção dos grupos formados por meninos foi a utilização de armas nas comemorações de descoberta de pepitas. A.A.S. respondeu que “não achava certo usar arma nessas comemorações, pois podiam acidentalmente acertar alguém.” Ainda durante a leitura, alguns nos questionaram a respeito de quais armas eram permitidas e se eram liberadas na época, já que hoje é tão difícil conseguir uma arma.

W.C.M.S. achou estranho o fato de muitas pessoas terem armas e não existir violência no lugar, e repetindo o que estava na reportagem, apontou que se tivesse cachaça no garimpo, “a coisa poderia ficar feia, pois a violência ia ser muito grande” demonstrando assim, o paradoxo apontado pela reportagem e os elementos que trouxeram “paz” ao ambiente. B.S.F. justificou o uso de armas pelo fato “de ter muito ouro no lugar e as pessoas precisarem proteger seus barrancos para não serem roubadas.” A explicação do educando sobre o uso de armas para proteger os barrancos reflete a percepção da necessidade de defesa em um ambiente onde a riqueza (representada pelo ouro) atrai a cobiça e o potencial para conflitos. Isso evidencia suas percepções a respeito das tensões e os desafios enfrentados pelos garimpeiros para protegerem seus ganhos.

Quando passamos à discussão sobre a segunda reportagem a respeito do surgimento de um garimpo exclusivo para mulheres, percebemos um interesse maior em participar dos grupos compostos exclusivamente por meninas. Nossa provocação em relação a essa reportagem foi: “qual era o papel das mulheres na atividade de garimpo em Serra Pelada e na nova jazida descoberta às margens do Itacaiúnas? Como essa participação desafiou os papéis de gênero tradicionalmente associados ao trabalho na mineração?”

Mais uma vez precisamos organizar uma “fila” para que todos pudessem expressar suas visões. A aluna V.C.M., do grupo 09, manifestou-se dizendo que “achava justo ter um garimpo somente para mulheres” e indagou “por que só os homens podem ser garimpeiros, e mulheres não? Direitos iguais!” Sua intervenção não só ecoou entre seus colegas de grupo, mas também obteve apoio de outros grupos presentes na sala. Esse momento revela uma reflexão importante

sobre questões de gênero e igualdade, provocando uma discussão sobre a divisão tradicional de trabalho e oportunidades com base no sexo.

Novamente o grupo 01, pediu a palavra e dessa vez outra aluna do grupo afirmou que “se em Serra Pelada só os homens trabalhavam e ficavam ricos, por que as mulheres também não poderiam ter um garimpo somente pra elas?” O grupo 05 que ainda não havia participado, pediu a palavra e B.V.C.D. “concordava com o que as demais colegas haviam falado e que acrescentaria o fato de que na sociedade que vivemos hoje, não pode mais haver diferenças entre homens e mulheres em nada, pois devem prevalecer os direitos iguais.” Mais uma vez o aluno F.D.C. do grupo 07, pediu a palavra para participar e além de concordar com o que os demais colegas falaram, apontou o fato de que “realmente é justo que as mulheres também possam ser garimpeiras e que o nome de serra ‘cabeluda’ era muito legal e que fazia oposição a ‘serra pelada’ dos homens.”

Tentamos com a análise desse documento, propor uma discussão reflexiva sobre a participação das mulheres tanto no garimpo tradicional quanto na nova jazida descoberta às margens do rio Itacaiúnas. Destacamos a intervenção da aluna V.C.M. do grupo 09, que questiona a exclusão das mulheres na atividade de garimpo e defende a igualdade de direitos entre os gêneros. Sua intervenção, assim como as manifestações de outras alunas e alunos, ressoou entre os grupos presentes na sala, indicando uma sensibilização coletiva para as questões de gênero e igualdade. Além disso, a dinâmica do debate aberto proporcionou uma reflexão crítica por parte dos alunos, que reconhecem a necessidade de eliminar as disparidades de gênero e garantir direitos iguais para homens e mulheres em todas as esferas da sociedade.

Outro ponto que também chamou muito a atenção dos alunos e suscitou comentários foi a respeito da existência da “praça da mentira” onde os garimpeiros se reuniam para se socializarem após um dia árduo de trabalho, e H.S.J. levantou a questão de que “por falta de opções de lazer, a saída era se reunir depois do trabalho pra contar histórias.”

I.L.C.O. afirmou que até hoje o lugar existe em Serra Pelada, mas que já não é mais tão frequentado como antes e que sabe disso pelo fato de “seu avô ser ex-garimpeiro e levá-lo às vezes a localidade e contar as histórias que viveu em busca do ouro.” A menção ao declínio da frequência na “praça da mentira” ao longo dos anos, conforme relatado pelo aluno com base na experiência de seu avô, levanta questões sobre as transformações sociais e culturais que ocorreram em Serra Pelada ao longo do tempo. Isso pode estar relacionado a mudanças na estrutura do garimpo, na economia local, ou mesmo na sociedade em geral, indicando por um lado a permanência do local enquanto um espaço de memória e uma ruptura em relação aos usos do passado.

Essa aula foi uma das mais trabalhosas e longas que tivemos no decorrer de nosso trabalho, porém quando a aula é boa e instigante faz com que o tempo passe rápido, sem contar que a participação e o engajamento da turma foram fundamentais para o sucesso de nossos objetivos. Ficou evidente durante as discussões a capacidade dos alunos em relacionar os eventos históricos com o contexto atual, demonstrando uma compreensão mais profunda das questões sociais e econômicas. Além disso, a sensibilização para questões de gênero e igualdade foi notável, refletindo um avanço na consciência crítica dos estudantes em relação às desigualdades de gênero presentes na sociedade.

A escolha dos documentos, a organização da metodologia e o incentivo à participação ativa dos alunos contribuíram significativamente para o sucesso da sequência didática. Dessa forma, podemos concluir que a mesma proporcionou uma experiência de aprendizagem enriquecedora e estimulante, permitindo aos alunos não apenas adquirir conhecimentos históricos, mas também desenvolver habilidades de análise crítica, reflexão e empatia em relação aos eventos estudados.

3.5. Quinta Sequência Didática

Em nossa última aula da sequência didática, tivemos como objetivo a confecção de um jornal escolar histórico. Nosso intuito é a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo das aulas anteriores, proporcionar aos educandos a possibilidade de expressarem por meio de um jornal, os aprendizados que desenvolveram ao longo das atividades realizadas.

É preciso destacar que em nossa percepção a produção do conhecimento não deve ser vista como um evento isolado no final do processo, mas sim como um processo contínuo e interativo ao longo de toda a jornada vivida até aqui. É importante reconhecer que os alunos ao longo das semanas permaneceram engajados na construção de seu próprio entendimento, desde o início do processo de aprendizagem até o final. Cada interação, discussão e atividade ao longo do caminho contribuiu para essa construção. O processo de aprendizagem é tão importante quanto o resultado final, pois é durante esse processo que ocorrem as reflexões, os questionamentos e as descobertas que impulsionam o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar a produção do conhecimento ao longo de todo o processo de aprendizagem, e não apenas no produto final. Sigamos para a última sequência:

Plano de Aula 5: Produção de Texto - Construindo um Jornal Escolar Histórico	
Objetivo geral	Consolidar o conhecimento adquirido ao longo da sequência didática, estimulando os alunos a produzirem um jornal escolar sobre a história local de Serra Pelada.
Objetivos específicos	1. Selecionar e organizar informações históricas. 2. Desenvolver habilidades de redação jornalística.
Conteúdo	- Construção do jornal escolar sobre a história local.
Competências e Habilidades (BNCC)	- Desenvolver pesquisa histórica. - Produzir textos jornalísticos.
Materiais	- Computadores, acesso à internet, material de escrita.
Metodologia	1. Orientação sobre a estrutura de um jornal escolar. 2. Técnicas de redação jornalística. 3. Produção do jornal em grupos.
Avaliação	- Avaliação contínua da pesquisa, redação e colaboração no grupo. - Qualidade final do jornal escolar produzido.
Tempo	03 (três) horas-aula de 45 minutos.

Iniciamos a aula mais uma vez mostrando aos alunos a versão digital do *Diário do Pará* com o intuito de lembrar alguns elementos que constituem um jornal, tais como nome do jornal, manchete de capa, notícias e reportagens, fotografias, legendas e anúncios publicitários.

Informamos que a atividade do dia seria a confecção de um jornal sobre a história do garimpo de Serra Pelada, informando que ele deveria ter os seguintes elementos constitutivos:

- 1.Nome do jornal;
- 2.Reportagem de capa;
3. Duas notícias (uma delas já podendo ser a de capa);
4. Publicidade (poderiam ser utilizados produtos comercializados na década de 1980, de preferência os que eram consumidos no garimpo);
5. Cultura (filmes, músicas e novelas em voga na década de 1980).

Nossa função nesse momento, foi orientar como o jornal deveria ser organizado e quais conteúdos poderiam ser colocados. Nosso intuito é que eles se sentissem à vontade para confeccionarem suas próprias narrativas. Para isso montamos quatro grupos com sete e oito componentes e demos a liberdade para que a partir do que foi aprendido nas aulas anteriores, produzissem seus jornais. Também foi permitido que utilizassem a internet como um meio para fazerem pesquisas de layout de jornais, fotografias e assuntos que poderiam ser abordados.

Para isso orientei a fazerem um layout no caderno de como ficaria a versão final do jornal, quais informações trariam para seu conteúdo e de que maneira as informações ficariam organizadas. Essa aula foi um pouco mais corpo-a-corpo por que andamos por toda a sala de grupo em grupo orientando e tirando dúvidas dos alunos. Ao final, após a correção, levaram

seus rascunhos para casa onde finalizariam suas atividades e entregariam para avaliação e exposição na aula seguinte, os resultados que obtivemos foram:

Imagem 9 - Jornal Diário da Serra

Diário da Serra

DAILY NEWS



Quarta-Feira

Escrito por: Ana Luiza, Iane, Lorrany, Rute, Arthur e Kettly

Intervenção do Governo federal no Garimpo

Aumento nos casos de Malária



PG 4 Foto retratando a fila para os teste de malária



Foto do Major Curió

CLASSIFICADOS

Veja o sapato do momento Kichute

Pg2



Não perca a estreia do filme Espigão

A série retrata a qualidade de vida e denúncia isso a partir do humor. A primeira temporada já estará disponível na próxima terça-feira

CULTURA Pg7



Cartaz da série

ECONOMIA

A chegada da caixa econômica facilita o pagamento e a troca de ouro no garimpo, veja na página 3

Imagem 10 - Jornal " Notícias da Serra"

Sábado,
25/11/2023

NOTÍCIAS DA SERRA

Fundadores: Robert, Miguel, José, Bruno.

Edição
#01

José Augusto

ECONÔMIA

As músicas que mais circulavam e que falavam da Serra Pelada:

- # Mordida de Anice-Yahoo-1988-Álbum Yahoo
- # Brasil-Cantora e Gal Costa-1988-Álbum Vale Tudo Nacional
- # Alô Marivon-Elis Regina-1980-Álbum Saudade do Brasil
- # Baby em i hold you-Tracy Chapman-1988-Álbum Tracy Chapman



<https://www.discogs.com/artist/Yahoo/>



<https://www.discogs.com/artist/Tracy-Chapman/Baby-Em-i-Hold-You/>

Confira mais no [Pág.03](#)

Veja também a evolução e títulos de Zico quando jogou pelo Flamengo.



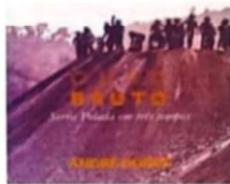
Pág.03
25/11/2023

<https://www.instagram.com/instagram/instagram/instagram/>

Miguel Francisco

Cultura

Confira os filmes sobre a Serra Pelada abaixo, e na [Pág.03](#).

<https://www.imdb.com/title/tt0284942/>

<https://www.imdb.com/title/tt0284942/>

Esta obra de Arte Declarada está licenciada em CC BY-NC-ND

Kichute por apenas R\$49,78



Robert Hood

Saco para Entulho Ráfia 50x80 (novo) por apenas R\$1,75 (UND)



Robert Hood

Picarete alvião com cabo por apenas R\$99,75



Robert Hood

Página 1

Fonte: Trabalho final produzido pelo grupo 02.

Imagem 11 - Jornal Serra Pelada Notícias (SPN)

Escola Juscelino Kubitschek 25 de Novembro de 2023 [Edição 1, Volume 1]

SPN (Serra Pelada Notícias)

AQUI NA SERRA PELADA TEM OURO

ECONOMIA

Pg: 02

A Serra Pelada foi o maior garimpo a céu aberto do mundo. A exploração do ouro nessa região do estado do Pará mobilizou mais de 100 mil trabalhadores entre 1980 a 1992.



CULTURA

Pg: 04

Filmes – Dirty Dancing, Grease, Os goones, A história sem fim, Flash Dance e Ghost.

Músicas – Lombada do Bomba e Conselho. Moda – Kishut e Konga.

Programas de TV – Cassino do chacrinha, TV Pirata, Os trapalhões e Topo Gigio.



CURIOSIDADES

Pg: 03

A cooperativa dos garimpeiros de Serra Pelada contou com a intervenção do ex presidente Jair Bolsonaro (PL) para reativar a mineração no mesmo local onde funcionou, entre os anos 1978 a 1992, o maior garimpo a céu aberto do mundo.



CLASSIFICADOS

Pg: 05

Lanches como: Refrigerantes, pães, bolos, cerveja e vários outros.



Imagem 12 - Jorna "JK em Destaque"



EM DESTAQUE



FUNDADORES: ROBERT, MIGUEL, JOSÉ AUGUSTO, ENEZI



SERRA PELADA

Serra Pelada foi uma área de garimpo localizada no estado do Pará, na região Norte do Brasil. O local de exploração foi aberto após a descoberta de ouro na Fazenda Três Barras, atraindo milhares de pessoas para a região no início da década de 1980. As estimativas apontam que *Serra Pelada* recebeu mais de 100 mil trabalhadores ao longo dos seus 12 anos de atividade, que encontraram condições precárias de trabalho, jornadas exaustivas e nem um pouco seguras, e baixo retorno financeiro.

Conhecido à época como o maior garimpo a céu aberto do mundo, *Serra Pelada* foi oficialmente fechada pelo governo brasileiro no ano de 1992. Inúmeros impactos ambientais foram registrados no local, e a imensa área escavada hoje se encontra preenchida por água, formando um lago de 200 metros de profundidade.



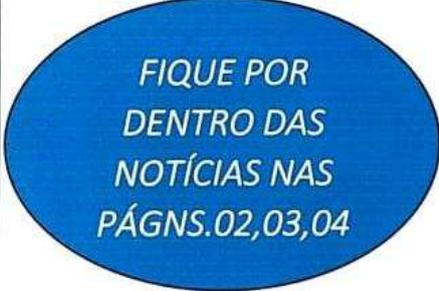
"Qual a localização da Serra Pelada?"
Pág.02

"Como começou a exploração de ouro em Serra Pelada?"
Pág.02

"O Massacre da Serra Pelada"
Pág.03



"Na cultura popular"
Pág.03



FIQUE POR DENTRO DAS NOTÍCIAS NAS PÁGNS.02,03,04



Foram confeccionados pelos alunos quatro jornais: “Diário da Serra,” “Notícias da Serra,” “SPN (Serra Pelada Notícias)” e “JK em Destaque.” Como solicitado, os alunos trouxeram os conteúdos na forma como foram orientados. Quanto às notícias destacadas por eles temos o cuidado com doentes no garimpo, intervenção militar, esporte, informações sobre a cooperativa dos garimpeiros, curiosidades e ainda a pesquisa sobre o episódio que ficou conhecido como o “massacre da ponte” ou ainda “massacre de São Bonifácio” ocorrido em 29 de dezembro de 1987, onde garimpeiros foram assassinados pela Polícia Militar do Pará ao interditarem a ponte rodoferroviária de Marabá, exigindo o processo de mecanização do garimpo por meio das empresas mineradoras que se beneficiaram da exploração de ouro como a Vale.

Para além das notícias que produziram, também foram trazidas indicações de filmes, músicas e produtos que eram consumidos à época de funcionamento do da atividade garimpeira, tais como sapatos, bebidas (refrigerantes), picaretas e sacos mostrando a capacidade que os estudantes tiveram em pesquisar, selecionar, aplicar e confeccionar um jornal com conteúdo histórico sobre o objeto de estudo desenvolvido.

A experiência de ensino que envolveu a confecção de um jornal histórico sobre o funcionamento do garimpo de Serra Pelada revelou-se extremamente bem-sucedida. Ao longo do processo, os alunos foram desafiados a mergulhar na história do garimpo, pesquisar informações relevantes, analisar fontes históricas e sintetizar esses dados em um formato acessível e atrativo.

A confecção do jornal proporcionou uma oportunidade única para os alunos aplicarem os conhecimentos adquiridos em sala de aula de forma prática e criativa. Eles não apenas estudaram a história do garimpo, mas também se tornaram ativos na construção desse conhecimento, assumindo papéis de jornalistas, editores e pesquisadores.

Evidentemente, em se tratando de uma turma de ensino fundamental de uma escola pública, seria muito cobrar um jornal com um *layout* profissional, uma diagramação perfeita e notícias tecnicamente bem elaboradas como os de jornais de grande circulação. Nosso intuito não foi criar jornalistas profissionais ou ainda “pequenos historiadores,” mas acreditamos que o trabalho desenvolvido com as fontes ao longo das sequências proporcionou o contato dos educandos com a matéria-prima do trabalho dos historiadores e reflexões que propiciaram o desenvolvimento de sua consciência histórica.

Além disso, o processo de produção do jornal promoveu o desenvolvimento de habilidades importantes, como pesquisa, análise crítica, comunicação escrita e trabalho em

equipe. Os alunos aprenderam a selecionar informações relevantes, a avaliar a credibilidade das fontes e a sintetizar esses dados de maneira clara e objetiva.

O jornal finalmente produzido foi mais do que um simples trabalho; foi uma ferramenta educacional poderosa que permitiu aos alunos produzirem e compartilharem seu conhecimento. Em suma, a experiência de criar um jornal histórico sobre o garimpo de Serra Pelada não apenas alcançou seus objetivos educacionais, mas também inspirou os alunos a se engajarem mais profundamente com o estudo da história e a valorizarem a importância da preservação da memória coletiva. Foi uma jornada de aprendizado significativa e gratificante para todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ingresso no mestrado a escolha e delimitação do tema, foi uma jornada árdua e cheia de desafios, contudo o produto final de nossa pesquisa, esteve sempre em nosso fazer pedagógico diário, ou seja, no chão de sala de aula. Buscamos dialogar com a historiografia que debruçou-se sobre os acontecimentos que mudaram para sempre os rumos políticos, sociais e econômicos de uma região (quicá de um país) que foi a descoberta de ouro em Serra Pelada, região esta, quase sempre abandonada, esquecida e concebida como “vazia.”

Também buscamos ao longo do trabalho tecer um diálogo com historiadores que se propuseram a refletir sobre o ensino de história e sua importância para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Nossa pesquisa por fontes que pudessem ser utilizadas em nosso espaço de trabalho, se deu por meio de hemerotecas digitais na busca de reportagens que proporcionassem aos alunos refletirem sobre sua realidade se colocarem na condição de sujeitos e agentes históricos.

O uso de jornais em sala como fontes, foi um importante aliado dentro desse processo de reconhecimento e sentimento de pertença a um determinado grupo social. As atividades desenvolvidas a partir da proposta metodológica da sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly foram importantes aliadas dentro desse processo e mostramos o grande engajamento dos alunos ao longo do desenvolvimento das atividades propostas, ressaltando que

o trabalho em grupo e a cooperação entre eles foi um elemento fundamental para o sucesso de todo o trabalho.

As sequências didáticas consistem em uma série de atividades organizadas e conectadas, com objetivos específicos que visam facilitar a aprendizagem dos alunos e a construção de conhecimento, além de auxiliar os professores na análise do processo de desenvolvimento dos estudantes. Ao observar todo o processo das sequências, desde o estudo das fontes até as respostas das atividades dissertativas produzidas pelos alunos, percebo que houve, além da compreensão do conteúdo, uma análise que muitas vezes se mostrou crítica. Essa crítica foi bastante evidente nas intervenções orais dos alunos durante o estudo das fontes selecionadas dos jornais.

Cabe também lembrar, como dito anteriormente, que não focamos nosso trabalho apenas no que os alunos poderiam produzir como trabalho final ao término das sequências, mas sim em sua participação, engajamento, questionamento e reflexão ao longo do processo do desenvolvimento das mesmas.

Percebemos com isso que mesmo com todas as dificuldades e adversidades que os profissionais da educação encontram para executarem suas atividades com qualidade nas escolas da rede pública do país, é possível criar meios para a construção de uma proposta de trabalho propositiva no sentido de atribuir sentido e significado ao ensino que é proposto aos estudantes. Isabel Barca (2001) destaca uma característica fascinante da História: as respostas provisórias que ela nos oferece. Mesmo utilizando as mesmas fontes, partimos de perspectivas diferentes e, conseqüentemente, chegamos a resultados distintos.

A análise dos jornais proporcionou respostas de várias perspectivas por parte dos alunos, evidenciando não apenas o potencial do jornal no ensino de História, mas também a riqueza que existe em sala de aula ao criar um ambiente democrático e propício ao debate e à construção do conhecimento. Nesta dissertação, encorajo outros professores a utilizarem essa sequência, seja de forma integral ou adaptada de acordo com as necessidades e o planejamento da aula, e também incentivo o uso dos jornais em todo o seu potencial para promover o debate e a pesquisa entre os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia Maria; ALVES, Ronaldo Cardoso; SILVA, André Chaves de Melo. **O uso dos jornais em sala de aula**. In: ____ Ensino de História. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ADRIANO, Fabrício. **O trabalho com fontes impressas periódicas nas aulas de História: um estudo de caso sobre o desenvolvimento do pensamento histórico**. Dissertação de Mestrado: UDESC, 2018.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **“Um quase objeto, algumas reflexões em torno da relação entre história e região”**. In: DE ANDRADE LEAL, Maria das Graças; FARIAS, Sara Oliveira (Org). História Regional e Local III: reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino. Salvador. EDUNEB, 2015.

ANDRADE. Rômulo de Paula. **A Amazônia no pós-guerra e a construção da rodovia Belém-Brasília**. Mairaquitã, UFAC, v. 3, n. 2, 2015.

AREND, Sílvia Maria Favero. **Um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil 1960-1980**. Curitiba: CRV, 2014.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Historiografia, processo ensino-aprendizagem e ensino de história**. Revista metáfora educacional – versão *on-line*, n. 9, dez./2010a. p.70-89. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Planejamento docente na aula de história: princípios e procedimentos teórico-metodológicos**. Revista Metáfora – versão *on-line*, n. 14 (jan. – jun.

2013), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2013. p. 3-28. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

_____. **Planejamento de aula de História: Apostila de texto para as turmas em atividade de estágio supervisionado.** Natal: UFRN, 2010b.

_____; LIMA, Aline C. da S. **Leitura e compreensão do mundo na Educação Básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula.** Roteiro. Joaçaba, v. 36, n. 1, p. 55-80, jan./jun-2011.

BARCA, Isabel. **Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História.** Perspectivas em Educação Histórica: atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, 2001.

BARROS, José Costa D'Assunção. **Jacques Le Goff – considerações sobre contribuição para a teoria da história.** Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, 2º sem. 2013.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares. In: _____ (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** 6ª ed. São Paulo, Contexto, 2002.

_____. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Reflexões sobre o ensino de História.** Ensino de Humanidades. Estudos Avançados 32 (93), 2018.

BLOCH, M. **A apologia da História ou o Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia>. Acesso em 20/09/2022.

Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental.** –Brasília : MEC/SEF, 1998, p. 25.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?** Revista Anos 90. Porto Alegre, v. 15, nº 28, p. 129-150, dezembro, 2008.

CAINELLI, Marlene Rosa; TOMAZINI, Elizabete Cristina de Souza. **A aula-oficina como campo metodológico para a formação de professores em história: um estudo sobre o pibid/história/ UEL.** História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2017.

CARVALHO, Marieta Pinheiro de; ZAMPA, Vivian Cristina da Silva. **O Arquivo Nacional em sala de aula: fontes históricas na construção do conhecimento.** Revista História Hoje, v. 6, nº 12, 2017, p. 35-54.

CASTRO, Amelia D. de. O ensino: objeto da didática. In: CASTRO, Amelia D. de.; CARVALHO, Anna Maria P. de. (Org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média.** São Paulo: Cengage Learning, 2012, p. 13-31.

CORREIA, Janaína dos Santos. **O uso de fontes no ensino de história: o livro Úrsula de Maria Firmina dos Reis na busca pelo escravo real.** História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012.

CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa.** In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos em Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 35, dez/2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. Cruz e Sousa: de Desterro para o panteão da poesia simbolista. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; VIDAL; Joseane Z. (org.). **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. p.225-245.

_____. Cruz e Sousa: **modernidade e mobilidade social nas últimas décadas do século XIX.** Dissertação de Mestrado em História. Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim.** 2006. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

FERREIRA, Afonso Henriques Borges. **Sobre o garimpo de ouro: notas acerca da evolução recente da atividade no Brasil e um estudo de caso no sul do Pará.** In: Revista estudos econômicos. São Paulo: IPE – Instituto de pesquisa econômicas, v. 18, n. 2, maio-agosto de 1988, pp. 319-341.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa. **8º ENPEH - Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes.** 2008.

FILHO, B, Q., & OLIVEIRA, N, M. (2020). **As Vozes Dos Moradores De Peixe-To: Um Olhar Sobre A Hidrelétrica Peixe Angical** coordinaci3n general de Juan Manuel Sandoval Palacios: Ciudad Aut3noma de Buenos Aires : CLACSO , Puebla M3xico : Benem3rita Universidad Aut3noma de Puebla,. Libro digital, PDF - (Grupos de trabajo de CLACSO). em 05 fev. 2021.

FONSECA, Selva Guimarães. **A História na Educação Básica: conteúdos, abordagens e Metodologias.** ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

FRATINI, Renata. Educação patrimonial em arquivos. Hist3rica – **Revista eletr3nica do Arquivo P3blico do Estado de S3o Paulo**, n. 34, 2009. Disponível em: <https://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materiais/anteriores/ed34/materia05>. Acesso em 05 fev. 2021.

GIL, Ant3nio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - S3o Paulo: Atlas, 2002.

GOUBERT, P. **Local History**. In: GILBERT, F.; GRAUBARD, S. R. *Historical Studies Today*. Boston: W.W. Norton, 1972. p. 1- 12.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências: roteiro de viagem**. Bauru: EDUSC; Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005.

KRENISKI, Gislania Carla P; AGUIAR, Maria do Carmo Pinto. **O jornal como fonte histórica: a representação e o imaginário sobre o “vagabundo” na imprensa brasileira (1989- 1991)**. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300663138_ARQUIVO_artigovagabundo-s-1.pdf. Acesso em: 12 de março de 2020.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, UFRS: Porto Alegre, de 3 a 5 de junho de 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/GTMIDIMP_LAPUENTE-%20Rafael%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/GTMIDIMP_LAPUENTE-%20Rafael%20(2).pdf) - Acessado em: 25 de outubro de 2023.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Documento/Monumento**. In: LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990. p. 535-549.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In BACELLAR, Carlos; PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed São Paulo (SP): Contexto, 2008.

MARCÍLIO, Daniel. **Ensino de história com o uso de jornais: Abordagens para uma Educação Patrimonial Emancipadora**. Revista Espacialidades[online]. 2022.2, v. 18, n.2.

MONTI, Carlo. Estratégias para o uso de fontes em sala de aula e a liberdade de ensinar e aprender história. **30º Simpósio Nacional de História**. Recife, 2019.

MOREIRA, V. M. L. **Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural**. In FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano – o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**. 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v.2.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **O regime empresarial-militar e a questão agrária no Brasil**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil republicano v. 4 – O tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização – Quarta República (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019 [versão digital], p. 212-244.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: mauad X, 2007. P. 187-198.

NETO, André de Faria Pereira. **O uso de documentos escritos no ensino de história: premissas e bases para uma didática construtivista.** *História & Ensino*, Londrina, v. 7, p. 147-165, out. 2001.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. **Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 3, p. 479-499, set.-dez. 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet e SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008

PINHEIRO, Lidiane Santos Lima. **A construção do acontecimento histórico: o discurso do Estado de São Paulo sobre a Guerra de Canudos.** Salvador: EDUFBA, 2015.

PARASURAMAN, A. **Marketing research.** 2.ed. New York: Addison-Wesley Publishing Company, 1991.

PRATS, Joaquín. **Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos.** Curitiba: Editora UFPR, 2006.

REIS, José Carlos. **Nouvelle Historie e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel.** São Paulo: Ática, 1994.

REIS, Naurinete Fernandes Inácio; MARCOS, Valéria de; MOREIRA, Edma Silva. **Transamazônica, Guerrilha do Araguaia e luta pelaterra: a ocupação territorial no Sudeste do Pará durantea ditadura civil-militar.** Cadernos do CEOM, Chapecó (SC), v. 34, n. 55, p. 175-189, Dez/2021.

REVEL, J. **Jogos de escalas: a experiência da micro análise.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REZNIK, Luís. História local: pesquisa, ensino e narrativa. In: **I Encontro de História do Vale do Paraíba Fluminense**, 2008, Vassouras - RJ. Relatório de Atividades. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cidade Viva/ Instituto Cultural Light, 2008. p. 49-53.

. Uma reflexão sobre a escrita local e o do biográfico. In: **XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e Paz**, 2005, p. 1-8.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Entre textos e práticas: ensino de história, instituição escolar e formação docente.** *História & Ensino*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 151-179, jul./dez. 2015.

ROLIM, Rivail Carvalho. **O uso do jornal para trabalhar com a noção de fato e tempo histórico.** *História & Ensino*, Londrina, v. 8, p. 63-84, out. 2002.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos Santos. **História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental.** Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2002, vol.9, n.1, pp.105-124.

SEFFNER, Fernando. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SILVA, Márcia Pereira e FRANCO, Gilmar Yoshihara. **Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica.** Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010.

SOARES, J.F. **IDEB na Lei?** Simon's site, 13 jul. 2011. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=2352&lang=pt-br>. Acesso em: dez de 2023.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. **Ditadura Militar Brasileira: o aparelhamento do sistema repressivo e a fabricação do informante.** Revista História : Debates e Tendências (Online), vol. 19, núm. 3, 2019, Setembro-Dezembro, pp. 420-438.

SOUZA, C. M. de. **A estrada invisível: memória da Transamazônica.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2012.

SUKOW, Nikita Mary & URBAN, Ana Cláudia. **Concepções de história local nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997): uma análise ancorada na perspectiva da educação histórica.** Revista OLHARES, v. 8, n. 3 – Guarulhos, dezembro de 2020.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldina. **História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história.** Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 743-758. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em 22/02/204.

VAITSMAN, M. **Rodovia da unidade nacional.** Rio de Janeiro, SPVEA, 1958.

VALE AS. **Relatório da Administração de 2023.** Disponível em: <https://vale.com/documents/44618/384527/Relat%C3%B3rio+da+Administra%C3%A7%C3%A3o+2023.pdf/588f66dd-25ff-e507-64d6459ec1890e23?version=1.0&t=1708644313068&download=false>. Acesso em 22/02/2024.

VALE AS. (2018). **Produção e vendas da Vale no 4T17.** Rio de Janeiro, Vale AS. Disponível em: http://www.vale.com/PT/investors/information-market/Press-Releases/ReleaseDocuments/2017%204Q%20Production%20Report_p.pdf. Acesso em 22/02/2024.

VILLELA, F. C. B.; ARCHANGELO, A. **Fundamentos da Escola Significativa.** 1º ed. São Paulo: Loyola, 2013.

VERDE, Rodrigo Braga da Rocha Villa. **Parauapebas (PA): a mão de ferro do Brasil na implantação do Projeto Grande Carajás.** XII Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL, Montevidéu, Província de Montevidéu: Uruguai, 2009.

ZABALA, Antoni. As sequências didáticas e a sequência de conteúdo. In: _____ **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.